Conteúdo

1.Ensino 2
1.1. Objetivos/finalidades da Educação Física 2
1.2. Tempo de aula (útil e prática) 5
1.3. Comunicação/Instrução 7
1.4. Currículo/matérias 8
1.5.Ensinar no global/jogo ou no analítico 12
1.6.Espaços 17
1.7.Grupos 20
1.8.Matérias/currículo 21
1.9.Intensidade 25
1.10.Ensino no confinamento 28
1.11.Reorganização/novas tarefas e papel dos alunos 32
2.Avaliação 38
2.1. Atividades físicas 38
2.2. Aptidão física 41
2.3. Conhecimentos 42
2.4. Referenciais de avaliação e acesso ao ensino superior 43
3.Aprendizagens 52
3.1. Aprendizagens essenciais 52
3.2. Menos aprendizagens 54
3.3. Mais aprendizagens 56
3.4. Aprendizagem sem/com contexto global 57
3.5. Aptidão física 58
3.6. Aprendizagem da higiene 59
3.7. Resultados da aprendizagem no confinamento 61

1.Ensino

1.1. Objetivos/finalidades da Educação Física

Resultado
As entidades clarificam que as finalidades e objetivos da disciplina estão comprometidos. Porém, ao longo do tempo, esse comprometimento deixa de estar tão visível, para ser substituído por preocupações de reorganização para que os objetivos sejam alcançados e a presencialidade parece assumir um estatuto de maior importância relativamente aos objetivos da disciplina. As perceções dos professores sugerem que o cumprimento dos objetivos/finalidade com que a EF se apresenta está comprometido, apesar de alguns docentes olharem com esperança para o futuro e sugerirem que os próximos anos letivos permitirão repor a situação. Ver, também, a aprendizagem.

Professores	
Case #1	Eu acho que eles ficam, ficam, de alguma forma, ah, não se conseguem cumprir na sua plenitude, há algumas coisas… algumas coisas consegue-se, mas eu penso que ah … houve um decréscimo muito grande,
Case #1	os miúdos voltam com muito mais dificuldades em termos de capacidades motoras, portanto, menos treinados, digamos assim e, por isso, nesse aspeto, aí, logo, é uma das finalidades que fica aquém, depois, tudo o resto é um bocadinho, porque isto é visto a longo prazo, nós quando pensamos em objetivos e finalidades da Educação Física elas são vistas na vertical, até ao 12º ano, eu penso que aí as coisas se acabam por equilibrar, tanto em termos de um desenvolvimento eclético e harmonioso dos miúdos e o conhecimento das várias atividades que são significativas, ah, eu penso que por aí eles acabam por cumprir, porque isto foram, tivemos aqui dois períodos mais negros, o terceiro período do ano passado e o segundo período deste ano, mas por aí as coisas vão sendo cumpridas.
Case #1	Aquelas finalidades maiores, eu penso que já será suficiente, para serem cumpridas, não é, o criar o gosto pela atividade física, o criar o hábito da atividade física, terem a noção da importância da atividade física para a saúde e para a aptidão física e esses, essa relação entre aptidão física e saúde, eu acho que isso é cumprido, porque não é nesta fase final eles terem tido aqui estas limitações que não deixa de, que não deixam de já ter assegurado uma série de dessas finalidades.
Case #2	Pronto, eu sinceramente em termos gerais não acredito que sejam cumpridos porque, como eu te disse, eu estou na realidade propícia a um bom trabalho, escolas com pouco número de alunos por turma, escolas onde praticamente não há problemas de indisciplina e mesmo assim vejo, como te disse, a grande heterogeneidade como uns, todos eles foram certamente afetados, mas como uns se conseguiu minorar bastante e outros nestes meses que estivemos parados ficaram para trás, ou seja, vai haver consequências
Case #2	compreendo que não seja fácil mas, os grandes objetivos, a promoção da atividade física associada à saúde tudo isso certamente haverá um grande impacto porque nós vemos no dia a dia, vemos perfeitamente, no dia a dia mesmo aqueles exercícios que eu te disse que seja no andebol se já no basquetebol analítico, os alunos cansam-se, é a nossa perceção subjetivas mas é a que temos e comentamos todos, cansam-se muito rapidamente,
Case #3	A minha preocupação é quais são as consequências do que está a acontecer atualmente para o futuro da prática autónoma deles e aí eu acho que os impactos vão ser significativamente negativos. É prever o futuro, não é, é fazer previsões e eu tenho dificuldade em, ah, certamente acertar em algumas destas previsões, não tenho garantias de que eles vão acontecer, mas parece-me que os

	alunos não estão a aprender a gostar de participar AFD, nem estão a ver vantagens no desenvolvimento da aptidão física.
Case #3	na realidade, acho que até vou dizer uma coisa que pode ser um bocadinho polémica, se alguns colegas me ouvissem, eu não acho que a EF devesse ser classificada neste ano letivo, e provavelmente no próximo ano letivo, pro exemplo, porque quem está agira no 11º ano, e o exemplo continua a ser este, e apanhou dois anos consecutivos com esta pandemia e o confinamento, ah, não tem, em minha opinião, condições adequadas de aprendizagem para alcançar os objetivos,
Case #4	Sim vai vai ficar, vão ficar sempre grandes lacunas, porque até ao nível da sociabilização entre eles eu noto que eu tenho ali miúdos que têm medo
Case #4	É assim, vai ser sempre prejudicial, de certeza que há objetivos que não vão conseguir ser cumpridos, mas alguns e calhar devido às condições e outros porque se calhar pelas limitações de de das aprendizagens que os meninos deviam ter feito e que não fizeram, também vão condicionar, não é, o atingirem aqueles objetivos
Case #5	Olha, os objetivos da parte teórica foram cumpridos, isso foram, agora, alguns objetivos da disciplina foram penalizados, como esses dos desportos coletivos, mas outros foram potenciados também,
Case #6	Eu creio que ao nível do cumprimento do, do cumprimento dos objetivos da disciplina que ficam muito, ficam muitos limitados, sobretudo nas modalidades nas modalidades de jogos desportivos coletivos, então acho que é um ano em que e tendo em conta as limitações que nós temos é um ano muito prejudicial, embora em termos da capacidade das capacidades físicas nós consigamos minimamente colocar os alunos a trabalhar, a nível do conhecimento dos jogos desportivos coletivos é um passo atrás.

Entidades	
Case #1	EF é a disciplina mais prejudicada no ensino à distância e nós temos de ser todos capazes de passar esta mensagem com quem temos de interagir
Case #1	Em primeiro lugar é que e, de algum modo, isso também já foi referido, é muito importante que toda a gente compreenda que nós não estamos a lecionar nas condições que garantam o cumprimento do currículo
Case #1	apelar era que associado à classificação do 2º período pudesse haver de alguma forma declarações para a ata quer dos conselhos de turma, mas essencialmente o conselho pedagógico que esta classificação do 2º período que está ao arrepio daquilo que eram as normais possibilidades do, da da classificação da disciplina
Case #1	não podemos esquecer desta equação que a disciplina de EF está numa situação difícil desde há um ano a esta parte. Aquilo que era o normal, que já era difícil, andamento da disciplina de EF está condicionada no tempo e na forma desde há cerca de um ano e isto vem trazer uma repercussão enorme naquilo que são as possibilidades dos alunos atingir determinados tipos de objetivos que podiam estar ou não estar definidos,
Case #1	Muito em jeito de síntese e passando por aquilo que foram os pontos que tentamos aqui trazer com mais significado e de coisas que também fui aqui anotando, voltar a uma máxima que é esta de que nós temos que manifestar sempre que a disciplina de EF é a mais prejudicada. Novamente, exortamos os colegas a poderem fazer declarações de voto, já apareceram exemplos de declarações que já foram apresentadas no conselho pedagógico, mas declarações não é declarações de voto, desculpem, declarações em relação a este momento da EF quer nos conselhos pedagógicos, quer nos conselhos de turma a acompanhar as classificações do 2º período.

Case #1	Aliás acho curioso que hoje em dia tenhamos sido os primeiros a afirmar essas realidade apenas possível em regime presencial, logo em março e abril do ano passado quando concretizamos as orientações para a realização em regime presencial das aulas práticas de EF e agora quase todos os membros da comunidade educativa defendem esses facto como incontornável para o efetivo sucesso escolar,
Case #1	Para terminar faço-vos já um desafio, estamos em épocas de desafio e , portanto, esta é o momento ideal, é que a EF é a disciplina e vou reforçar esses aspeto, que pelas suas caraterísticas mais foi prejudicada pela pandemia e nem sequer vou faltar na questão da atividade física e/ou desporto
Case #2	nós sabemos que a EF só é possível através das aulas presenciais, porque a atividade física só acontece, só pode acontecer nas aulas presenciais com a presença de um professor, para além de outros aspetos ligados aos conteúdos curriculares da disciplina.
Case #2	mas tem um conjunto de mais valia que eu queria focar, ou gostava de focar. Primeiro, garantir as aulas presenciais de EF, exatamente como se prevê no regime presencial, sem mais horas, sem menos horas, aulas práticas de EF. Depois têm ainda um, tem um reforço que foi proposto por nós e que realmente é, marca a diferença, que é, vocês podem ver isso logo na segunda página do documento oficial, na alínea f), mesmo se trasite para o regime misto, as aulas de EF devem-se manter práticas e isso é muito importante, porque mostra efeti, mostra realmente que a EF tem um contributo também não só para a atividade física mas também da saúde, eles vão, eles vão, é uma mais valia para os alunos continuarem a ter aulas práticas de EF
Case #2	nós termos estado algum tempo em confinamento, em que a área essencial do programa não foi trabalhada, as atividades físicas não foram trabalhadas, foi a aptidão física essencialmente, algumas situações que tentaram fazer passar pro atividades físicas, mas em que o essencial da aprendizagem nunca esteve presente, pelo que nós temos aqui um handicap que deveríamos ter que o resolver em condições de normalidade mas que não vamos conseguir resolver totalmente porque as condições não são de normalidade,
Case #2	Aquilo, o nosso desafio é tentarmos encontrar face àquilo que são as possibilidades, as melhores condições para aproximar esses objetivos, se calhar não os conseguimos fazer todos, eu tenho dado o exemplo que se eu não puder fazer ajudas e já lá vamos, se não puder fazer ajudas na ginástica, o nível introdução na ginástica no solo com o pino com ajuda ficará reduzido, o que nós temos que tentar fazer é encontrar dentro desta lógica de aquilo que eram os objetivos do nível d e introdução na ginástica o máximo que conseguimos fazer face àquilo que são as restrições apresentadas e, portanto, dentro dessa dimensão há um longo espaço que ainda poderemos percorrer.
Case #2	Também esses, também esses poderão ter que sofrer adaptações, uma vez que aquilo que são as possibilidades de cumprimento do currículo estão diminuídas, ou seja, nós vamos ter de ter aqui um trabalho ao nível de cada escola de perceber, primeiro
Case #2	Temos condicionantes neste momento, ah, não era bom que assumíssemos posições do estilo, não é possível dar JDC por isso vou fazer só de ginástica, é possível encontrar situações de aprendizagem que promovam parte dos objetivos que nós temos que lidar em relação a cada uma das matérias da disciplina de EF, é possível, mesmo os JDC se nós pusermos a nossa, a nossa ah ah, capacidade profissional-ó-didática, nós somos capazes de encontrar situações que, ah, se possam aproximar daquilo que são elementos de aprendizagem da situação, por exemplo, de jogo dos JDC, não, não vejo como difícil, para o nível de alunos que nós temos, o ensino do nível de introdução de basquetebol e de criar situações de 2x1 sem uma defesa pressionante em que o aluno tenha que tomar uma capacidade de decisão porque está um colega a uma determinada distância, não vejo isso como difícil e portanto, é sempre possível nós criarmos situações em que obviamente retirando uma parte que é importante para que os alunos aprendam de uma determinada forma, não possa ser apresentada dessa forma, e, portanto, eu diria que, em relação ao JDC e às ginásticas e a todas as restantes matérias, é sempre possível trabalhá-las em qualquer, numa, numa determinada medida.

Case #2	Se entramos num regime misto, ah, regime aulas presenciais e regime à distância, ah, aquilo que nos satisfez nas orientações e que nós muita força fizéssemos de acontecer é que, se a escola tiver toda de parar com aulas presenciais, mas seja possível que os alunos tiverem na escola, a disciplina de EF deve ser uma das disciplinas a permanecer no currículo, é muito mais fácil, é mais real, conseguir-se garantir aprendizagem nos alunos de Filosofia à distância do que de EF, pelo que, a questão da presencialidade é o último marco que devemos abandonar se as coisas se encaminharem noutro sentido.
Case #2	Também, como sabem, a ideia é de que, numa lógica de fases, o fecho da escola e passagem das aulas à distância seja uma das últimas a ser conseguida, isolamento do aluno, isolamento do professor, isolamento da turma, isolamento de um grupo, isolamento de um ano, isolamento de uma área da escola e, portanto, há aqui uma grande dimensão de possibilidades antes de isso acontecer, se passarmos para as aulas à distância, nós já dissemos o que achávamos sobre as aulas à distância, e, portanto, mantemos, mais ou menos a ideia que tínhamos na altura que não é possível cumprir o currículo de EF ou haver haver EF tal como nós a chamamos, à distância
Case #3	Mas também temos aqui um dilema e o dilema é este, é que muitos daqueles processos de trabalho que tínhamos no passado, eles hoje em dia pura e simplesmente não são possíveis, não são possíveis à luz das regras que estão definidas e com as quais nós temos de nos ajustar e principalmente que têm levado a um conjunto de decisões, que na maioria dos casos nem são de professores de EF, um conjunto de proibições, impedimentos, coisas que, de alguma maneira, têm vindo a condicionar muito o nosso trabalho e quando chegamos a um ponto destes, quando percebemos que estamos num caminho e que esse caminho não pode ser trilhado e que temos de encontrar um caminho mais ao lado, que é o caso que nos está a acontecer nas escolas, provavelmente será avisado não continuar pelo desconhecido e então a solução, no meu entender, é voltarmos atrás e voltarmos atrás aonde, neste caso aonde é que voltamos atrás, voltamos aos fundamentos e os fundamentos, os fundamentos que são, de alguma maneira, aquilo que são as finalidades, ou seja, finalidades onde nós encaixamos, onde nós enquadramos a EF e é a partir daí que podemos voltar num caminho de procura de poder resolver os problemas que temos pela frente com esta problemática que está em cima da mesa

1.2. Tempo de aula (útil e prática)

Resultado
Na perceção dos professores, o tempo útil de aula foi reduzido, assumindo-se algum desvio para a instrução de regras inerentes à pandemia. As entidades preveem algum desvio do tempo de aula para a instrução sobre segurança; os professores apontam que, para além disso, o tempo de prática foi diminuído, porque as regras de higienização levaram ao desvio de tempo, os alunos entram mais tarde e saem mais cedo, para permitir a desinfeção dos balneários. Ver, também, re-organização.

Professores	
Cas	Tem, tem muitos impactos, tem muitos impactos porque perdemos muito tempo com isto, não é, o tempo efetivo de prática das aulas diminuiu consideravelmente, porque há muito mais tempo entre uma organização e outras, uma estação e outra e, portanto, perdemos bastante …

e #1	
Case #2	Sim, desde logo o, pronto, implica não tanto nos mais novos mas nos mais velhos, implicou, na minha opinião, uma diminuição do tempo de prática porque, como já tinham vivências de outros anos, os mais velhos estão habituados a determinadas dinâmicas que não foram possíveis, ao ter que explicar, ao ter que interromper, ao ter que dizer atenção isto neste momento não podemos fazer isto,
Case #2	o tempo de prática é menor e voltamos à questão inicial que tínhamos falado da intensidade, o tempo de prática é menor porque, porque eles não aguentam a aula toda, digamos assim, temos que estar sempre a fazer paragens.
Case #4	Esse foi outro problema, porque é assim, as aulas de 50 minutos, pelo horário que foi feito na escola para os alunos poderem vir aos intervalos por pisos, para não se juntarem, foram-nos retirados 5 minutos. Ou seja, ficamos com 45 minutos. Desses 45, nós temos que deixar sair os alunos 10 minutos, nas aulas de 50, tem que ser ali 10 minutos,
Case #4	Aí acaba por, porque eu acabo por ter muito pouco tempo de aula, porque dos 25 minutos, não é, o tempo de os miúdos entram, ao entrarem terem que higienizar as mãos, ser explicado para onde e que têm que entrar, organizar, não é, organização da aula, explicar o que é que vou fazer na aula, começo o aquecimento, quando acabo o aquecimento para a parte principal da aula sobra muito pouco, porque já estou a pensar, ok, tenho que gerir isto de forma a que, eles não se podem atrasa porque se não nem as instalações higienizam arejar, não é, nem depois os funcionários, que não são muitos na nossa escola e que estão muito em falta, têm tempo de limpar, de higienizar o balneário e tudo, pronto, enfim, é complicado.
Case #4	que, da forma como planeei, não é, sim, consigo, consigo obter, que os alunos se empenhem, que tentem fazer as aprendizagens, não é, de acordo, pelo menos nas possibilidades que, que podemos, não é, com estas condicionantes todas, aí não tem, quer dizer, eu sinto sempre que me falta mais tempo, não é, fico sempre com a sensação que mais 15 ou 15 minutinhos, ou 20 que teria sido então o ideal, mas pronto, dentro do, do tempo que tenho e aquilo que posso fazer, tenho jogado mais pelo seguro,
Case #4	o tempo que eles têm de prática também acho que não lhes permite fazer essas aprendizagens que seriam o ideal, atingir os objetivos, não é, ou as competências que eles terão de atingir no final do ano ou de ciclo, não é
Case #5	No tempo de prática acho que se mantém, o tempo prático ou o tempo útil mantém-se porque o horário é o mesmo, mas, mas, é assim, o trabalho agora é mais individualizado, demora-se mais a explicar por causa da máscara, por causa do distanciamento, não é fácil. Em relação à prática é mais ou menos isso.
Case #6	Sim, só após o toque, ou seja, a aula é das 10:45h ao meio-dia e um quarto por exemplo, eles só entram às 10:45 com autorização do professor. No final da aula, que é 15 minutos antes vai o funcionário que desinfeta tudo, normalmente, se a aula demostrar mais um bocadinho eles aguardam mais um bocado, mas o normal, pronto, o pavilhão, os balneários ficam com as portas abertas, para arejar os espaços.

Entidades	
Case #3	Quais são as questões, fundamentalmente, que se colocam perante esta situação da pandemia? Em primeiro lugar tenhamos a consciência que os níveis de risco têm tempo de aprendizagem e, portanto, garantir aos alunos que durante algum tempo nós estabelecemos com eles um conjunto de regras, ou um conjunto de procedimentos para garantirmos que aquele, o documento do CNAPEF relativamente às orientações para a prática da EF, aquela questão das cores, com os níveis de risco, baixo, intermédio, é ótimo, porque permite-nos perceber um conjunto de etapas que nos ajudam a garantir que os alunos interpretam e têm tempo para interpretar um conjunto de regras e claro que isso vai interferir com as aprendizagens
Case #3	Agora se me perguntarem se perde-se mais tempo, perde-se mais tempo naturalmente, os nosso alunos nos [nome da escola] só entram, nós temos aulas de 90 minutos no ensino secundário, eles entram só quando toca para a entrada, antigamente apresentavam-se na aula, já no pavilhão à hora de início da aula, portanto, vestiam-se durante o intervalo e nesta fase estamos com estas preocupações que todos estão a ter, que é arejar bem os espaços, ter tempo para limpar balneários entre turma,

1.3. Comunicação/Instrução

Resultado
As entidades preveem constrangimentos comunicacionais e aconselham o uso de reforço gestual (também haviam sugerido que pare do tempo de instrução deveria ser dedicado às regras de segurança). Os professores relatam que a comunicação com os alunos passou a estar também dedicada à instrução e correção de comportamentos inerentes às regras de segurança. Ver, também, reorganização.

Professores	
Case #1	É um bocadinho alterada porque está mais direcionada para estas regras, ou seja, eu perco mais tempo nas aulas a corrigir alguns comportamentos e a assegurar que estas regras são cumpridas, do que é normal e portanto, isso retira algum foco naquilo que devia ser o meu objetivo, que era corrigir, dar o feedback e incentivar, etc.
Case #3	a proximidade em relação ao aluno acaba por ser diferente, eu não posso estar tão perto deles como gostaria, não há ajudas, por exemplo, não há feedback por contacto tátil e isso ajuda os alunos a aprender, são esses impactos.
Case #3	Sim, é só mais difícil. Por vezes eles não percebem o que eu digo, a máscara dificulta muito.
Case #4	Primeiro aquela parte que eu acabei por não falar da comunicação, a minha comunicação. As indicações que nós lhes damos, eu, por exemplo, eu é muito raro tirar máscara, só se tiver muito distante deles, muito distante, vá é relativo, mas pronto, se estiver a 3 metros deles então eu consigo, eu tiro a máscara e consigo projetar mais a voz, não é, porque muitas das vezes já me tem acontecido eu estar a dar indicações ou informação e os alunos que estão mais distantes não conseguirem perceber.
Case #4	Claro que às vezes tenho que me impor, não é, porque há turmas mais complicadas, não é, em que eles estão muito, distraem-se muito mais, quando eu estou a falar eles começam também a falar em pequenos grupos, pronto, e aí eu sinto mais dificuldade, mas pronto, também é só aquele início até ao, perceberem como é que eu trabalho, não é e pronto, quando me veem, fazer cara feia ou fazer algum sinal sabem que têm que tomar atenção, pronto, isto é relativamente à comunicação.

Case #5	não é fácil trabalhar com estas normas todas, principalmente EF em que é preciso contacto, é preciso dar feedbacks, é preciso tocar e ensinar-lhes como é que se faz a pega na raquete, tem muitas, tem muitas
Case #6	A nível de comunicação eu crio que é muito muito similar, ou seja, não há aqui não há aqui nenhumas circunstâncias, muitas alterações, dependendo do objetivo e do critério de êxito do exercício, claro, mas aqui em termos da aplicação pós-covid, lá está eu não consigo ensinar o que que gostaria por exemplo no jogo, corrigir mais em situação de jogo, aí não consigo porque não consigo fazer esses tipo de exercício, mas a nível da aprendizagem, do que eu quero passar, do que eu posso passar, tendo em conta o tipo de exercício que vamos fazendo,

1.4. Currículo/matérias

Resultado
As entidades aconselham no sentido de que as matérias devem ser mantidas, ainda que com adaptações de grau variado, promovendo-se situações que permitam que as aprendizagens sejam desenvolvidas, mesmo que não traduzam o que habitualmente é entendido como necessário para o ensino. Os professores relatam que o currículo foi alterado, ora por cancelamento de matérias, ora por alteração dos níveis de desempenho e, ainda pelo aumento da dedicação a algumas matérias e inclusão de atividades não previstas nos programas.

Professores	
Case #1	estabelecemos também limitações no que diz respeito às situações de jogo, ou seja, quando há situações de jogo, estabelecemos um conjunto de regras, agora para dar aqui o exemplo, no basquete não há ressaltos, portanto, a bola lançada, a defesa apanha a bola e segue o jogo, não há ressaltos para evitar esse contacto, não há drible, porque o drible também influenciava ou levava a que houvesse mais contacto, a marcação tem que ser feita à distância e portanto, estabelecemos ali uma série de regras para alguns desportos coletivos, essencialmente para o basquete, para o andebol e para o futsal, para que pudéssemos abordar situações de jogo
Case #1	e para além disso, nós estamos a dar algumas, algumas coisas não estamos a fazer, como a ginástica acrobática e outras coisas, os coletivos, estamos a dar com algumas adaptações, o que retira ali um bocadinho do que é o jogo mesmo.
Case #1	no atletismo, depois o resto não tem interferido muito, as barreiras não há necessidade de desinfetar, por exemplo, o salto em comprimento também não.
Case #2	depois, obviamente os distanciamentos, os distanciamentos físicos na organização dos vários exercícios, isto era tudo feito, era previsto aquando da planificação e depois, naturalmente, na implementação dos exercícios e passou muito também pela seleção dos conteúdos, houve conteúdos que simplesmente não foram abordados, todos os anos há as escolhas que todos nós temos que fazer e foi desde logo, o ano passado e este ano foi uma escolha em grupo, ou seja, tanto o ano passado como este ano fez-se uma escolha em grupo, mas dando sempre uma pequena liberdade, uma ou outra escolha individual consoante até as nossa vivências pessoais, dou-te o caso, por exemplo, da ginástica, foi escolha do grupo não, obviamente não se fazer a acrobática, pela proximidade dos

	alunos, o restante, cumprindo-se estas regras de que eu te falei de distanciamento, da desinfeção, esqueci-me de falar da desinfeção das mãos, toda essa dinâmica, depois houve escolhas, no meu caso, reportando-me, por exemplo à ginástica só para ser mais explícito, eu optei por dar a rítmica, ou seja, arco, corda, cada um com o seu objeto, distanciados, fazendo exercícios e aparelhos, neste caso, por exemplo, minitrampolim, boque, com desinfeção das mãos entre as várias tentativas, houve quem tenha optado por ginástica de solo, também com as mesmas adaptações e eu pessoalmente não fiz porque, pronto, um rolamento, por exemplo, estão todos, a proximidade da face ao colchão é muito maior logo teria, mas foi permitido a utilização da ginástica de solo, certas coisas foram simplesmente decididas em grupo que não se faria, por exemplo a acrobática ou as lutas, lutas que eu também abordo sempre na escola, também foi decidido que não se fazia e eu naturalmente respeitei essas orientações.
Case #2	Em sentido contrário aumentou, ah, eu acho que até foi curioso porque, deu-me mais, é o caso do atletismo, eu sou da área do atletismo, vi muitos mais colegas a abordar o atletismo, certas especialidades do atletismo, abordou-se muito mais conteúdos, claro, pode ser feito de forma mais lúdica ou não,
Case #2	depois, em termos de conteúdos concretos na nossa área, notei que isto, por exemplo, a questão do atletismo, eles vivenciarem coisas que nunca se deu tanto atletismo, a dança, eu estou a dar muita dança
Case #3	Sim, o que ficou definido foi que são adotadas estratégias, ah, afastar os alunos fisicamente, portanto, nós ah, tínhamos reduzimos o número de matérias, por exemplo a matéria de ginástica não se leciona, a dança também tem muitas limitações, faz-se line dance, os Jogos Desportivo Coletivos faz-se jogos reduzidos ou condicionados, os momentos de avaliação também estão condicionados às questões de segurança, portanto, na generalidade um conjunto de estratégias para evitar que os alunos estejam em proximidade.
Case #3	Nos jogos desportivos coletivos houve muitas adaptações, sim, nem posso dizer que ainda ensinemos jogos coletivos. Mesmo a avaliação dos alunos é feita em exercícios isolados e, por outro lado, não há contactos físicos e não pode haver andebol. Mesmo no atletismo, a decisão foi de anular as corridas de estafetas. Eu não concordo, mas é isso que está a acontecer
Case #4	depois entretanto aí foi normal, foi normal, tínhamos sempre que respeitar o distanciamento, a higienização, as partilhas de materiais, pronto, são tudo condicionantes que acabam por fazer com que tudo o que seja desportos coletivos, não é,
Case #4	Decidimos também que havia matérias que não se, nem sequer iriamos lecionar, não é, a parte da ginástica de aparelhos, partilha de aparelhos e pronto, tudo o que fosse aqueles materiais onde não tivéssemos andar sempre a desinfetar e que até de, é difícil andar a desinfetar os boques ou os plintos, não é, e então dissemos que não iríamos trabalhar essas essas áreas e então menos enquanto a restrição fosse bastante limitada
Case #4	Agora, ali, por exemplo a patinagem não vamos fazer, não é, o judo também não vamos fazer, a ginástica também não vamos fazer e eu acho que aí não vamos poder pegar muito, não podemos alterar muito porque as condições que temos ali são limitadas.
Case #5	Claro que fizemos, é assim, as adaptações, é assim, os desportos coletivos eu não tenho dado, só mais na parte teórica,
Case #5	Ok. Mas olha, em relação às minhas aulas, eu tenho dado as raquetes, que é, eu estive a ver o enquadramento da Direção Geral de Saúde, as normas, e terem baixos risco, daí ter comprado material, já me estava a dei o ténis, aliás estou a dar o ténis e dei o badminton, o badminton já dei, a unidade didática do badminton, e agora estou a dar o ténis e a unidade do atletismo e também os testes do fitescola, também temos abordado os testes do fitescola, ouve um ou outro que não abordei por causa do material, mas de resto as matérias que tenho dado é o fitescola, continua mantido, o

	fitescola, como o vai-vem, como a milha, como o trabalho de flexibilidade, o trabalho de força e que é os abdominais, as flexões e acho, e a velocidade, os 40 metros, foi nos 40 metros.
Case #5	Dança, eu dei danças sociais, dei a rumba quadrada só que com distanciamento, mas dá para dar, não é, mas claro que é diferente, uma pessoa a por as mãos longe um do outro, em vez de haver ali contacto físico, pro exemplo, o braço esquerdo do homem toca no braço direito da mulher, o braço direito do homem abraça as costas da mulher, não é, tem que ter um contacto, mas é difícil, mas por acaso a dança dei, dei a dança e este período tenho dado, dei a dança e também acho que agora vou começar com a valsa, mas há sempre aquele distanciamento.
Case #5	As ginásticas ainda não dei, não abordei a ginástica, primeiro a escola, já pedi material novo também e em princípio, eu normalmente dou a ginástica acrobática, dou muito a ginástica acrobática, gosto, mas agora com a pandemia tenho evitado a ginástica.
Case #5	Exatamente, jogos desportivos coletivos não realizei, posso vir a realizar mas só e se vier a realizar, só faço trabalho das ações técnicas, como a condução, por exemplo, no futebol, a condução de bola, mudar de direção, mudar de velocidade, nada de jogo formal, o jogo formal não vou fazer, se fizer, mas acho que vou ficar com as raquetes, com o atletismo, com a orientação, também é um desporto que eles gostam, há aqui muito ar livre, também é uma modalidade interessante e também, possível de realizar em segurança.
Case #5	Evitei as situações de jogo formal, e os desportos coletivos, e nos desportos individuais não mobilizei a ginástica acrobática, eu até gosto muito da ginástica acrobática, que eles gostam de fazer figuras, mas é impensável e também a ginástica de aparelhos, mas também ainda não a mobilizei, e eles gostam de saltar no minitrampolim, mas é complicado mobilizar, e eles caem no colchão de quedas e não é fácil
Case #6	A ginástica e o atletismo e nos desportos de raquetes, prontos, estou a dar, mas a ginástica e o atletismo nem sequer dei, agora eu acho que a ginástica será por exemplo um bocado complicada porque obriga à partilha de muito material entre eles, eu não tenho possibilidade de cada vez que eles façam um enrolamento à frente, cada vez que faz um desinfetar o colchão, isso é incomportável para uma aula, por isso, neste momento, se continuarmos nas circunstâncias atuais, se eu puder evitar esse tipo de modalidade, o atletismo até eu considero, tendo em conta as circunstância, que se calhar poderá ser a próxima modalidade a abordar nas aulas que tiver ao ar livre, quando terminar os desportos de raquete, pronto, aí já vai permitir fazer outra ciosa, porque é um desporto individual, lá está, mas a ginástica eu, dadas as circunstâncias atuais e, aliás, não vi nenhum colega meu a abordar, porque eu creio que será incomportável fazer isso.

Entidades	
Case #1	E demorando-me um pouco mais aqui neste quadro, dizer que, também é evidente para todos vocês que na nossa disciplina, se pensarmos nas áreas curriculares de intervenção na EF, as atividades físicas foi claramente a área amais afetada, temos uma forte restrição do objeto de aprendizagem nesta área que nestas condições pode ser trabalhado de uma forma minimamente razoável, talvez aqui algum destaque para as caraterísticas da atividade da dança que nos permite de algum modo fazer cumprir, ou pelo menos, grande parte dos objetivos, mas se pensarmos, por exemplo, nas atividades coletivas, nas atividades desportivas coletivas, é extraordinariamente difícil e quanto

	muito estamos sujeitos a conseguir contextos em que apenas podemos trabalhar pequenas atividades motoras simples, sem grande complexidade, sem relação interpessoal, sem os desafios e a diversidade de situações e a surpresa que elas causam na realidade, portanto, não temos essa possibilidade e isso oferece aqui uma série, um séerio constrangimento aquilo que podemos fazer com os alunos nesta área
Case #2	Era bom que não começássemos que conseguíssemos manter aqui uma lógica de organização curricular que mantivesse uma linha de coerência com aquilo que sempre temos feito, há situações, há matérias que poderão ter mais dificuldade do que outras para ser cumpridas, uma das questões que nós frisamos também logo desde o início foi de não querer alocar, ou de não querer fazer surgir em nenhum documento que havia matérias ou modalidades que eram de mais risco do que outras, aquilo que sempre dissemos era que é possível fazer todas as matérias, é possível, ah, dentro das matérias há situações de aprendizagem que podem comportar mais risco e situações de aprendizagem que podem comportar menos risco, portanto, aqui o elemento crítico para a nossa situação de organização é a situação de aprendizagem e não tanto a matéria.
Case #2	É possível fazer jogos desportivos coletivos. É possível fazer jogos desportivos coletivos mantendo os alunos a, a, a com objetivos de ofensividade em relação à aprendizagem, é possível fazer com que os alunos façam situações que concorram para o cumprimento dos objetivos que nós em, a, a, pelo menos no nível introdução e elementar da dos programas de EF
Case #2	Aquilo, o nosso desafio é tentarmos encontrar face àquilo que são as possibilidades, as melhores condições para aproximar esses objetivos, se calhar não os conseguimos fazer todos, eu tenho dado o exemplo que se eu não puder fazer ajudas e já lá vamos, se não puder fazer ajudas na ginástica, o nível introdução na ginástica no solo com o pino com ajuda ficará reduzido, o que nós temos que tentar fazer é encontrar dentro desta lógica de aquilo que eram os objetivos do nível de introdução na ginástica o máximo que conseguimos fazer face àquilo que são as restrições apresentadas e, portanto, dentro dessa dimensão há um longo espaço que ainda poderemos percorrer. A lógica é idêntica para os cursos profissionais, portanto, tudo aquilo que são as necessidades de adaptação, são válidas para o currículo de EF e dos cursos profissionais.
Case #2	Outro dia um colega, ah, isto para dizer que nós não podemos, imaginem o exemplo que eu dei da ginástica há pouco de não estar a cumprir um elemento que faz parte dos elementos do nível de introdução na ginástica, nós não podemos continuar a chamar a esse nível o nível introdução, o colega dizia com graça que na escola dele iriam chamar o I covid, que era, a ideia é um pouco esta que é a ideia de adaptar aquilo que existe àquilo que neste momento é possível e aquilo que é possível ainda tem uma margem muito grande para ser conseguida
Case #2	nós somos capazes de encontrar situações que, ah, se possam aproximar daquilo que são elementos de aprendizagem da situação, por exemplo, de jogo dos JDC, não, não vejo como difícil, para o nível de alunos que nós temos, o ensino do nível de introdução de basquetebol e de criar situações de 2x1 sem uma defesa pressionante em que o aluno tenha que tomar uma capacidade de decisão porque está um colega a uma determinada distância, não vejo isso como difícil e portanto, é sempre possível nós criarmos situações em que obviamente retirando uma parte que é importante para que os alunos aprendam de uma determinada forma, não possa ser apresentada dessa forma, e, portanto, eu diria que, em relação ao JDC e às ginásticas e a todas as restantes matérias, é sempre possível trabalhá-las em qualquer, numa, numa determinada medida.
Case #2	Estão aqui no bate-papo a perguntar e na ginástica acrobática, não sei se sabem, a Ginástica acrobática é apresentada pela ah pela DGS como uma modalidade de risco e, portanto, que não se pode fazer
Case #3	Ora bem e, nessa linha, das finalidades, nas questões que têm a ver com o desenvolvimento da aptidão física, o favorecimento por parte daquilo que são os valores da atividade, o reforço pelo gosto da prática e acima de tudo as questões do aperfeiçoamento das práticas, elas têm que ser o princípio base e a partir daí podemos começar a desenhar um modelo de intervenção que neste caso

	vamos falar da ginástica, mas que, em muitos casos eu procurarei fazer aqui uma comparação e um paralelo com as outras matérias de ensino na qual a ginástica não é muito diferente.
Case #3	a partir daí começa a ser mais fácil eu criar uma estrutura no fundo podemos dizer uma estrutura curricular que permita e como eu sei que em ternos do currículo eu tenho as habilidades, elas estão organizadas em níveis, nível introdução, nível elementar e nível avançado, eu, por exemplo, sei que no nível introdução eu tenho oito dessas habilidades, portanto, eu cumpro esse determinado nível se tiver oito dessas habilidades e se demonstrar aqueles aspetos. Ora bem, para poder organizar melhor e para garantir que os meus alunos têm condições para fazer essas habilidades, eu terei de organizar aqui um outro, terei de desencadear um outro processo de análise, que é, então, como é que eu vou estruturar estas habilidades.
Case #3	Eu diria que a ginástica em tempo de pandemia não necessita de ser muito diferente da habitual, talvez em algumas situações pode até ser melhor. Na minha opinião, a melhor maneira de aprender é aquela que até vai ao encontro das recomendações da DGS e, por isso mesmo, esta poderá ser uma oportunidade para ensinar melhor ginástica. Vamos começar, pro exemplo, pela redução dos grupos.

1.5.Ensinar no global/jogo ou no analítico

Resultado
As entidades aconselham que o jogo se mantém o foco da aprendizagem, ainda que ele possa ser condicionado ou reduzido. Os professores apontam que o ensino perdeu essa globalidade e que, apesar de algum jogo condicionado, o ensino decorreu mais através de momentos analíticos.

Professores	
Case #1	Quer dizer, isto o facto de nós optarmos mais por exercícios analíticos também influencia, não é, temos trabalhado uma vertente mais técnica, mais isolada daqueles contextos de jogo e, portanto, temos optado por situações mais analíticas e isso também influencia.
Case #1	Aí não tem havido tanta limitação. Aí é só o problema de quando há mudança de estação desinfetar as raquetes, os volantes, desinfetar os pesos
Case #1	Exatamente, aliás, na ginástica está limitada por causa disso, não, as ajudas, essencialmente, portanto, limita, limita sempre, algumas modalidades mais do que outras, mas limita.
Case #2	Houve, houve adaptações, não nos foi dito taxativamente que não podíamos fazer a abordagem das situações de jogo com oposição, não é, o 5 para 5 ou o 3 para 3, não nos foi dito isso, o que nos foi pedido foi para termos atenção em que medida é que essa proximidade punha ou não em risco pronto, os alunos. No meu caso, e a maior parte, a maioria dos meus colegas, não é, tanto deste ano como o ano passado, o que se fez foi situações de jogo reduzido ou sem oposição ou ainda oposição passiva, por exemplo dou-te o caso do basquetebol, fazíamos exercícios muitas vezes para trabalhar as transições em que havia uma oposição, mas a oposição era passiva, ou seja, mantinha-se a um metro e meio de distanciamento, mantínhamos os apoios mas não havia aquela coisa de tentar tirar a bola, porque ao tentar tirar a bola promove-se o contacto. Sei e por isso é que eu te disse que não se foi taxativo, sei que houve colegas que fizeram com máscara, ou seja, nesses exercícios utilizava-se máscara mas continuava-se a promover. O jogo formal, digamos assim, não foi abordado, uma vez mais, não foi proibido, mas foi desaconselhado, então em nenhum, tanto este ano como no ano passado não, os jogos formais não, excetuando o voleibol, o andebol, os que existe contacto, digamos assim, andebol, basquetebol e futebol não foi abordado jogo formal.

Case #2	e dizíamos, malta, se fosse num jogo a sério, claro que um formal , uma situação que não a atual é precisamente isso que tinhas que fazer, neste momento lembrem-se oposição passiva, atenção aos deslocamentos, houve essa diminuição de prática e de intensidade
Case #2	Sim, ou então situações mais analíticas, voltarmos um bocadinho àquilo que nos outros anos, há dez quinze anos fomos cada vez abandonando mais e voltamos um bocadinho às situações analíticas de um para um, fazer passes, coisas assim do género, infelizmente em certos aspetos, em certos exercícios teve que se fazer isso.
Case #3	Por outro lado, é claro que os alunos não estão a aceder aos mesmos exercícios e jogos que acederiam num tempo normal, estão a jogar 2x1, 3x2, muitas vezes, por exemplo, no andebol, só fazem remates à baliza, ou circuitos
Case #4	tento ter algum cuidado e há muitas modalidades que estou a trabalhar muito mais em termos a parte técnica, não é, a parte individual, porque em termos de jogo, ainda, ou faço jogos reduzidos,
Case #4	é que nós temos turmas de 23, 24 e 25 alunos e se eu tivesse que colocar os alunos à distância que era aquela distância que está regulamentada, não conseguia lá meter os alunos todos, então os meus alunos estão a dois passos, os meus, os dos outros, tento desfasá-los, por filas, e pronto, não há, não me posso dar ao luxo de colocá-los a jogar porque se não não tinha onde meter os outros
Case #5	Sim, eu vou chegar lá. Se bem que na parte inicial da aula, em que as minhas aulas eram mais, tinham mais jogos pré-desportivos, havia muito contacto, deixou de haver contacto, ou seja, havia, fazíamos a caçadinha, a corrente humana, o mata, o piolho, a bola ao capitão, havia muita proximidade, havia ali muito a caçadinha com muitas variantes e eles tinham que se por ao colo uns dos outros, era engraçado, criava-se ali variáveis, variáveis muito engraçadas e agora claro que com esta situação tivemos que evitar o contacto físico e a partilha de material
Case #5	E depois também os torneios e as atividades d final do período não se realizaram, não é, aqueles torneios de futebol, de basquetebol, de o giravólei, tínhamos o giravólei, vários torneios em que segundo a DGS era de alto risco, que havia contacto, é verdade, há contacto, não vamos ser, e para evitar isso, para evitar que eles também se juntassem todos evitámos, não houve torneios, também é um dado também importante e é uma situação que eles gostam muitos, torneios, sabes perfeitamente que eles estão motivados para os torneios de final de período e isso também não acabou por existir, já não existem, e no ano passado desde o primeiro confinamento que a partir daí não houve mais torneios e mesmo este ano não houve nenhum torneio, ou seja, atividades aqui na escola em que eles se juntam não se faz,
Case #5	Exatamente, exatamente, estou a abordar desportos individuais, que são as modalidades de baixo risco, eles falam em distanciamento de 3 metros mas às vezes não é fácil, porque às vezes estás a ver e está um miúdo em cima de ti ou a tirar uma dúvida, a perguntar como é que se faz, não é fácil trabalhar com estas normas todas
Case #5	acredito que colegas meus façam e eu também podia fazer com a, mas tinha que fazer, tinha que partir o desporto em partes, ou seja, trabalhar só individualmente, organizar individualmente, posso partir, mas não podia, a questão do jogo formal neste momento não se pode fazer.
Case #6	tudo o que se faz é muito trabalho técnico, isolado, de drible, de passe, de lançamento ao cesto, no máximo um jogo de oposição três contra um, por exemplo, em que o defesa no caso do basquete, em que o defesa é um, faz uma defesa um bocadinho passivo, ou seja, tenta manter mais ou menos um metro de distância entre eles, embora seja uma situação que não é fácil durante a aula estar sempre a pedir, para controlar, às vezes neste registo 3 contra1, fazendo um bocadinho de filas, procurando sempre que eles mantenham distâncias um dos outros e utiliza-se cones para marcar mais ou menos a distância e pronto,

Entidades	
Case #1	Os métodos, nos métodos são mais ou menos, mais ou menos transversais às diferentes áreas, mas, de facto, aqui nós remetemos claramente para algumas sessões de treino, muito pautadas pela replicação do que o aluno, do que o professor ou algum dos alunos estará a fazer e os colegas estarão eventualmente a conceção de coreografias ou a reflexão sobre alguma coisa, mas de facto isto não é a prática, não é a prática a que estamos habituados e não é isto que de facto dá, ou corporiza, as aprendizagens que os alunos devem ter em torno desta área e depois a possibilidade de fazermos isto em trabalho autónomo, individual ou grupo e eventualmente através de alguma reflexão, mas continua a não ser prática, portanto, as limitações são grandes e notáveis.
Case #3	A criação de soluções de aprendizagem diferenciadas e adequadas aos alunos e aos grupos, é também um aspeto fundamental, deve ser possível diferenciar até porque vamos ter mesmo de individualizar, de separar, de distanciar. Esta é uma boa ocasião de criar soluções adequadas aos nosso alunos, podemos ter o problema do material disponível, é um facto, mas também por isso é importante criar grupos pequenos para aproveitarmos equipamentos e materiais que temos para individualizar e diferenciar tanto quanto possível. Isto naturalmente também reduz o risco de contágio, criar um espaço de trabalho devidamente adaptado ao aluno, com objetivos adequados, separando os diferentes locais de trabalho dos diferentes alunos que compõem o grupo é uma solução de risco reduzido, soluções mais massivas podem também ser uma solução nesta fase inicial, principalmente para recuperar o fitness, os fundamentos e a diversão, jogos de coordenação, onde cada aluno tem o seu espaço e onde se pede que sejam realizadas diferentes ações básicas, mesmo sem colchões, a realização de estafetas, de concursos, de provas onde os alunos podem competir em jogos divertidos, onde todos participam em equipa ou individualmente.
Case #3	Que ginásticas poderemos ensinar? Eu diria que todas, solo é possível, assim como aparelhos, assim como a rítmica, a acrobática pode ser um problema diferente, está condicionada em algumas ações, mas não me parece que seja necessário resolver a acrobática já amanhã, eu também sou uma pessoa otimista, portanto acredito que isto seja possível de ser ultrapassado rapidamente, mas enquanto não temos outra hipótese, julgo que temos uma oportunidade para trabalhar as bases da ginástica e que também são as da ginástica acrobática, o volante tem que fazer um pino, o base tem que conhecer as posições de forma a que fique estável, o volante tem em alguns momentos de subir para posições altas, o base tem que ter força e flexibilidade para alguma posições, então e o problema de ficar sentado nos calcanhares? e a dificuldade de subir, por exemplo para uma altura e desmontar a figura sem cair de rabo ao chão? Na acrobática de competição base e volante só se juntam quando dominam as suas posições, quando conhecem as suas posições, seja o monte, seja o desmonte ou a figura propriamente dita. E a elaboração da coreografia? Não é possível trabalhar esta competência com base e volante separados? Realizarem as suas ações? Eu diria que soim, Se isto é o desejável? Talvez não e nesta fase o possível é muito bom. Quando este problema passar, com este tipo de preparação, eu diria também que juntando base e volante, as figuras serão realizadas com muita facilidade.
Case #3	A minha convicção é de que podemos trabalhar a ginástica e que não temos muitas limitações que não sejam possíveis de ultrapassar para o fazer com sucesso, devemos encarar esta fase com otimismo e como uma oportunidade para ensinarmos melhor, diversão. Fitness, fundamentos, estações de trabalho, objetivos, rotinas, jogos, utilização de materiais, limpeza, as máscaras, a música, o planeamento, a diferenciação e outras como estas podem ser determinantes para esta matéria e para a nossa disciplina.
Case #3	além disso a minha escola também está em obras, o pavilhão foi, foi convertido em sala de professores e sala de funcionários, temos contentores em cima do campo exterior, tivemos que, todas as turmas foram encaminhadas para o pavilhão municipal, há falta de recursos humanos, tanto na escola como na câmara, não conseguem arranjar mais funcionários para nos ajudar, ah, eu sei que há escolas que conseguem agilizar as turmas e os horários e os intervalos, ah, outra, hoje

	descobri que o único sítio no campo desportivo que podia, que poderia usar, que era a reta dos 40 metros, hoje tem divisórias para segmentar os intervalos das turmas, portanto, quando cheguei lá disse aos meus colegas, 40 metros esqueçam só se for corrida de obstáculos.
Case #3	o caso da ginástica acrobática é um bom exemplo, o caso da ginástica acrobática é suficientemente inclusiva para conseguir acolher alunos com qualquer nível, seja porque no esquema, que é o jogo da ginástica acrobática, nesse esquema é possível incluir praticamente todos os alunos e, portanto, é um jogo em que qualquer aluno com as capacidades que ele conseguiu atingir ele consegue jogar
Case #4	Primeiro, não nos é nada favorável dizer que não temos que fazer jogo nas aulas e depois dizer, bem, podemos fazer jogos reduzidos e condicionados, não, não, do meu ponto de vista temos que fazer jogo nas aulas, a questão é saber qual o jogo ou quais os jogos que podemos e devemos fazer nas aulas. Por isso, é preciso logo distinguir o jogo jogado com as regras oficiais, que nós não vamos fazer, de outras situações de jogo. Também não é a questão de ser jogo formal ou não. O jogo formal não está só associado ao jogo com regras oficiais, jogos reduzidos e mesmo condicionados também podem ser formais, aliás , há muitas competições no sistema federado que se fazem com jogos reduzidos, no andebol o 5 contra 5 nos escalões de bâmbis e minis, no futebol o 7 contra 7 nos traquinas e benjamins e que depois passa também a 9 contra 9, etecetera. Não se fazer claramente a distinção entre o jogo jogado com as regras oficiais de outras situações de jogo, não se ser claro em relação às situações de jogo que podem ser utilizadas e que depois podem ser transformadas em jogo formal, pode ser um dos fatores responsáveis, entre outros, por a competição nos escalões de formação no sistema federado estar completamente parada e por também não haver orientações para o desporto escolar
Case #4	implica que as adaptações que façamos aos jogos têm de ter em conta e garantir duas coisas, garantir distanciamento e garantir ausência de contacto físico. Portanto, logo à partida o futebol não pode conter tackles, cargas de ombro, bolas pelo ar, cabeceamentos; o basquetebol não pode ter sobremarcação, nem bloqueios; o andebol não pode ser jogado com bloqueios e não pode ser utilizada a técnica defensiva da marcação de controlo.
Case #4	Por outro lado, os jogos reduzidos só por si não garantem aprendizagem ou treino, claro, tendo menos gente são menos completos e há uma maior oportunidade de protagonismo por parte de cada interveniente, porque toma mais decisões e executa mais ações, mas não não é suficiente, é necessário introduzir a condicionantes certas para que apareça com toda a evidência e enfâse aquilo que se quer aprender ou treinar, mas também é necessário introduzir p fator agrupar. Quem é que participa com quem naquela situação de jogo
Case #4	Segundo ponto de ordem, atenção! É preciso dizer que o jogo reduzido está nos programas, esse é o referencial com o qual os professores trabalham. No nível introdução só há jogos reduzidos, 5 contra 5 no andebol, 3 contra 3 no basquete, 3 mais guarda redes contra 3 mais guarda redes num espaço amplo no futebol e no caso do voleibol nem sequer se pode dizer que há vólei, é um jogo de preparação para o vólei em que 4 alunos em cooperação tentam manter a bola no ar. Nalguns desportos o jogo reduzido prolonga-se também pelo nível elementar, no avançado sim, temos o 7 contra 7 no andebol, o 6 contra 6 no voleibol etecetera
Case #4	Nós todos sabemos que jogar sem drible permite melhorar a desmarcação, porque a bola só progride no campo se os jogadores forem desmarcando e forem aproveitando as desmarcações. Aquilo que eu ensino aos meus alunos é para fazerem desse jogo o jogo principal dos alunos, particularmente nas primeiras unidades didáticas e digo-vos mais, digam aos alunos que é corfebol, porque esse jogo assemelha-se muito ao chamado monocorfebol, um jogo muito utilizado na iniciação ao corfebol, 4 contra 4 num campo inteiro, sem aquela divisão de campo e de funções que existe no corfebol de competição, aquele que é jogado com as regras oficiais. Portanto, é jogar corfebol com bolas e cestos de basquete. Isto vai ser bom para o andebol e para o basquetebol, mas também mais à frente para o corfebol se quisermos usar como matéria alternativa. Perguntam-me então, então e o drible não é importante, o lançamento e o remate não

	são importantes? Sim, aquilo que eu lhes digo é que ao mesmo tempo que se faz este jogo principal fazem-se jogos de drible e jogos de lançamento e de remate. Quando a compreensão do jogo aumentar, quando as desmarcações e o aproveitamento delas melhorar, façam então jogos em superioridade numérica ofensiva, preferencialmente em vagas, para aprender a decidir bem quando passarem e driblarem e façam também jogos em superioridade numérica, agora perto do alvo, para aprender a decidir bem quando passar ou rematar ou lançar. Estes jogos em superioridade numérica permitem treinar o drible, o passe e o lançamento ou o remate em contexto. E o futebol? Bom, o futebol é semelhante, eu digo-vos, joguem uma espécie de corfebol com os pés. Como? Utilizem as defesas sombra. Ainda na última sessão eu vi no bate-papo alguém sugerir isso mesmo e parece-me bem. Nas defesas sombra a marcação é a 100%, só que os defesas não podem desarmar, só podem intercetar a bola, isto permite que quem recebe tenha mais tempo para dominar a bola e mais tempo para decidir a aproveitar uma linha de passe aberta. Se for preciso, acrescentem-lhe apoios exteriores ou jokeres que facilitem o aproveitar das desmarcações dos alunos mais fraco e também sejam uma solução como linha de passe. Tal como os jogos de invasão jogados à mão, quando a receção e o enquadramento com o alvo melhorarem, porque melhora também o controlo da bola, quando a desmarcação melhorara, façam jogos em superioridade numérica ofensiva, preferencialmente em vagas, para treinarem a decisão de quando passar ou conduzir a bola e a respetiva execução, ou façam esses jogos perto da baliza para treinar os planos do passe e do remate.
Case #4	Só que aqui, no caso do futebol, a superioridade numérica deve ser mais expressiva, lembrem-se, a bola não está agarrada. Enquanto que no andebol e no basquetebol 2 contra 1 e 3 contra 2 parece-me adequado, no futebol essa superioridade deve ser mais expressiva, tipo 3 contra 1 ou 4 contra 2.
Case #4	Bom, se nós olharmos à lupa estes jogos sem drible que parecem estar inspirados no corfebol, eles não têm drible ou condução de bola. Consequentemente, também não têm situações de 1 contra 1. Os atacantes podem fazer fintas de passe ou de remate ou de lançamento, mas não podem fazer fintas para ultrapassar o adversário direto. Os defesas fazem marcação mas não podem desarmar, só podem intercetar, ou seja, são jogos com distanciamento e sem contacto físico.
Case #4	Como já que referiu o futevólei, eu parece-me que o futevólei é um jogo que nós devemos utilizar muito, é muito bom, há aqui até uma espécie de interdisciplinaridade e em tempos de pandemia, se não for utilizada a cabeça é muito bom porque lá está, não deixa de ser um jogo desportivo coletivo, os jogadores de cada equipa cooperam entre si para melhor porem em causa os adversários que estão no outro lado da rede e mistura aqui o deslocamento para o ponto de queda da bola, o toque com precisão para dar continuidade ao jogo e pôr em causa os adversários e mistura aqui também skills que são do futebol, receber, amortecer para a bola poder ser jogada pelos colegas de equipa, tocar a bola com precisão com os pés para do outro lado da rede ser mais difícil e que pode ser jogado até facilitando, depende do nível dos miúdos, pode-se jogar permitindo um ressalto no solo, ou dois ressaltos no solo entre cada execução, portanto, dá para ajeitar a coisa em função do nível dos alunos e, portanto, o professor não sabia mas ainda bem que levantou aqui a questão do voleibol, por isso permite-me aproveitá-la porque me parece que é muito importante, é uma das coisas também que eu ensino aos meus alunos que o futevólei deve ser aproveitado inteligentemente, especialmente a partir de um determinado nível, podendo ser mais difícil com os alunos mais fracos, mas com os outros pode ser muito motivante e treinar coisas que são essenciais até no domínio da técnica lá está, em contexto.
Case #4	Quando um pai com um filho, trocam a bola entre eles, fazem passes, tentando que a bola não caia no chão, esse é o jogo do miúdo, é global, não é analítico, o jogo do miúdo é esse mesmo, vamos lá embora pai, vamos lá embora filho, de maneira a que a bola não caia no chão nunca. Quando o miúdo atira a bola à parede e tenta apanhar sem que ela caia no chão, isto é global, não é analítico. Quando ele com um balão tenta dar toque com várias partes do corpo, isto é global, não é

	analítico. Já se alguém estiver, parece parecido, passe a redundância, a atirar bolas à parede, a atirar e receber, para corrigir a armação do braço, para afastar os segmentos corporais, a bola da cabeça e o cotovelo do tronco, isto já é trabalho analítico. Estou eu aqui com esta conversa para chegar aonde? Eu acho que muitas vezes em idades mais nova, se usa precocemente os JDC tal como nós os conhecemos, mesmo com estas adaptações de que estive a falar, se usa precocemente o andebol, o basquetes…
Case #4	Os 3 metros é para cumprir sim senhor, porque está lá, mas o que é que quer dizer os 3 metros, é preciso interpelar e as organizações podem interpelar, porque pode confirmar-se que eles estejam a pensar que é para acautelar uma coisa que não pode acontecer que é o jogo anárquico 5 contra 5 tentando saber uma caricatura do basquete quando não sabem jogar basquete, isso não é possível, isso não existe nas nossas aulas, não vai acontecer, os professores têm todos diploma, também não vai acontecer que as aulas, nenhum professor vai fazer isso com certeza, os professores têm todos diploma.
Case #4	Exato, eu julgo que era de retomar isso, para pôr esse ponto, que nas aulas de EF pode fazer parte do ensino inclusivo ter áreas e momentos em que enquanto o professor está com os alunos que precisam de mais acompanhamento, os alunos melhores podem estar a fazer 2 contra 2, 3 para 3, 4 contra 4. com m regras que impeçam a proximidade face a face menos de 3 metros e que tenham a intensidade relativa à necessidade de desenvolvimento desses mesmos alunos, que são os melhores, mas aí eles jogam em autonomia, não é, é preciso é manter a disciplina.

1.6.Espaços

Resultado
As entidades aconselham a cuidados com os espaços, para que a EF opte por atividades ao ar livre e que haja menos alunos em situação de prática no mesmo espaço. Sugerem, também, que a colaboração dos professores pode ser estratégica para minimizar os impactos da situação. Os professores identificam que tais alterações se juntaram às condições específicas das escolas e levaram a constrangimentos que afetaram a qualidade do ensino, porque várias aulas passaram a decorrem em espaços com pouca flexibilidade pedagógica, sem condições para algumas matérias ou até mesmo ficaram impossibilitadas de serem realizadas.

Professores	
Case #3	os nossos espaços estão degradados. O exterior está cheio de buracos e o piso está a desfazer-se. Ainda assi, passámos a fazer mais aulas no exterior, e, para além disso, deixámos de usar a sala de ginástica, porque era pequena. Então passámos a ter que fazer muito mais matérias no pavilhão e as aulas perderam qualidade. Por exemplo, no pavilhão não temos muitos dos aparelhos de ginástica e quando as aulas passaram para o exterior, se há risco para os alunos eu não faço, não dá para fazer os coletivos em segurança.
Case #4	pronto, foi as restrições que vimos, não é, a nossa escola está sempre dependente da utilização de um pavilhão externo, neste caso nós utilizávamos o pavilhão do grupo desportivo da localidade, só que no início do ano tivemos logo problemas, porque eles andavam a arranjar o ringue de hóquei em patins, depois no início disseram que não podíamos utilizar por causa da pandemia e porque não estavam reunidas, todos os, todos os meios de segurança para que se pudesse funcionar e que nem eles estavam a funcionar e depois chegamos à conclusão que não era bem assim e, entretanto, quando finalmente queriam aceitar que nós fossemos para lá, exigiram à escola fazer um seguro especial por causa da utilização do ringue e a nossa diretora disse, assim não, eles há muitos anos

	que recebem sempre o, não é, o dinheiro que vem do estado mensalmente e pronto, tem havido assim alguns, alguns entraves, mas pronto, isso é normal.
Case #4	Ficamos sem pavilhão. Então o que é que nós fizemos? Como o nosso horário estava, nós costumávamos organizar era aulas de 50 minutos sempre que possível são dadas na escola, porque nós temos um pequeno ginásio e temos também um campo exterior que também dá para fazermos algumas das modalidades, então ficamos, decidimos que todos, só tinham aulas aqueles alunos que no seu horário já tinham a aula contemplada na escola, porquê?
Case #4	Depois voltamos à escola [sorriso], voltamos à escola e quando voltamos, mesmo antes de voltarmos já sabíamos, acontece que a sala de desporto foi uma das salas que foi requisitada para vacinação, apesar de até este momento não ter sido ainda nunca utilizada,
Case #4	E pronto, vamos lá ver quanto tempo mais é que teremos agora aquela obra assim lá com os pilares e só algumas paredes levantadas, ah, ficamos ainda sem algum espaço que tínhamos, mesmo sendo pouco, que rodeava a escola, não é, sempre dava para eles correrem à volta da escola, agora não, nada disso,
Case #4	Depois, em termos de materiais, ainda estamos a tentar que, eu evito que os materiais, o manuseamento dos materiais, então na rua, bolas, seja o menor possível, porquê? Porque aquele é o espaço que todos os alunos utilizam, não é, todos os alunos da escola utilizam aquele espaço, é lá que eles comem, alguns deitam lixo para o chão, pronto, enfim e sentam-se naqueles banquinhos e ali passa muita gente e então, pronto,
Case #4	podemos dizer porque, eu, por exemplo, quando numa situação normal eu teria um campo de basquete, não é, e no campo de basquete eu colocaria duas equipas a jogarem uns com os outros e agora eu não faço isso, ou faço quando estou dentro do ginásio, não é, mas que lá o campo é reduzido e, essa ainda é outra situação, é que nós temos turmas de 23, 24 e 25 alunos e se eu tivesse que colocar os alunos à distância que era aquela distância que está regulamentada, não conseguia lá meter os alunos todos, então os meus alunos estão a dois passos, os meus, os dos outros, tento desfasá-los, por filas, e pronto, não há, não me posso dar ao luxo de colocá-los a jogar porque se não não tinha onde meter os outros
Case #6	Ok. Aqui funciona da seguinte forma, nós basicamente as turmas estão a ir ao pavilhão de 15 em 15 dias, porque nós só conseguimos ter uma turma de cada vez no pavilhão, devido à situação nos balneários
Case #6	porque também o piso está bastante degradado e é complicado fazer qualquer tipo de jogo que seja, quer seja de futebol, basquete, andebol é complicado porque realmente o chão está muito degradado e então tenho optado por nesta fase fazer desportos de raquete, que normalmente pode ser badminton caso não esteja muito vento ou quase não esteja vento nenhum, quando está algum vento, tento analisar isso antes da aula
Case #6	Quando tenho o pavilhão disponível por norma eu neste momento estou a, estou a fazer uma unidade didática de basquetebol, que vai vai demorar bastante tempo a terminar, quer uma unidade quer outra porque, lá está, por exemplo, o basquete só dou de 15 em 15 dias, o desporto de raquetes também, por vezes o tempo, agora, nesta semana melhorou bastante, mas na anterior nalgumas aulas não deu para fazer cá fora, ah, e então no processo, nesse processo de quando as aulas não nos permitem trabalhar fora do espaço exterior, o
Case #6	Sim, pronto, nós estamos a ir ao pavilhão só uma turma de cada vez e vamos de 15 em 15 dias na aula de 90, ou seja, eu intercalo sempre, creio que em circunstâncias normais seria para dividir o pavilhão a meio, duas turmas, sem covid, neste caso, quando tenho aula de 90 minutos, cada turma de 15 em 15 dias, ou seja, por exemplo, eu hoje de manhã 4ª feira estive com o 8ºB lá, para a semana já sei que não vou estar e, depois, na semana a seguir volto a estar presente, prontos, é assim que funciona porque só pode estar uma turma de cada vez no pavilhão.
Case #6	Eu ainda não abordei, lá está como eu também só estou desde janeiro e estive em ensino à distância, e porque, lá está, uma unidade didática demora muito mais tempo a dar do que em

	circunstâncias normais em que eu, por exemplo, nesta altura já teria acabado de dar o basquetebol, já teria passado para outra modalidade, como só tenho de 15 em 15 dias, eles desde que eu comecei a abordar a modalidade acho que desde o início do período só tive três ou quatro aulas em média, porque claro está, algumas turmas têm numa semana, outras têm na outra, mas diria que estou nas três quatro aulas no máximo e demora sempre muito mais tempo

Entidades		
Espaços	Case #2	e a norma 30, que rege as questões relacionadas com a utilização dos balneários em termos de atividades desportivas e em termos dos ginásios. Claro que vocês vão logo dizer, pois, mas isto não é possível meter uma turma toda no balneário, pois não, mas temos de encontrar soluções para que isso aconteça, há várias realidades, eu no sábado recebi um telefonema a dizer, de um colega que tem sete turmas e tem 14 balneários, como com 10 lugares para cada um, mas mesmo 10 não são suficientes, é só para vocês perceberem o tipo de realidade que nós encontramos,
Espaços	Case #3	Quem já lá esteve no pavilhão e sabe que nós às vezes temos três turmas no pavilhão ao mesmo tempo, ora esta é uma realidade que não se sente este ano, portanto, houve um esforço muito grande para colocar uma turma por cada espaço de cada, portanto, nós temos uma turma na piscina, temos uma turma no pavilhão e temos uma turma no exterior e utilizamos os balneários específicos dessa dessa instalação, portanto, os riscos que corremos ali, seja nos balneários, seja no cruzamento de turmas são mínimos e depois aquilo que fazemos ao fim ao cabo com o pré-escolar e com o 1º ciclo vai
Espaços	Case #3	além disso a minha escola também está em obras, o pavilhão foi, foi convertido em sala de professores e sala de funcionários, temos contentores em cima do campo exterior, tivemos que, todas as turmas foram encaminhadas para o pavilhão municipal, há falta de recursos humanos, tanto na escola como na câmara, não conseguem arranjar mais funcionários para nos ajudar, ah, eu sei que há escolas que conseguem agilizar as turmas e os horários e os intervalos, ah, outra, hoje descobri que o único sítio no campo desportivo que podia, que poderia usar, que era a reta dos 40 metros, hoje tem divisórias para segmentar os intervalos das turmas, portanto, quando cheguei lá disse aos meus colegas, 40 metros esqueçam só se for corrida de obstáculos.
Espaços	Case #3	essa é uma dúvida, é um problema recorrente, como nós resolvermos e não é só da ginástica, trata-se sempre que nós utilizamos os espaços, aqueles ginásios mais pequenos que as escolas têm, muitas escolas têm aqueles ginásios mais pequenos e que, se formos rigorosos na questão da lotação, provavelmente nenhum desse ginásios tem capacidade para ter uma turma inteira, não é, porque se formos considerar os 3 metros de afastamento, precisamos de 9m quadrados para cada aluno e, portanto, dificilmente algum desses ginásios tem os 270 metros quadrados necessários para caberem lá os alunos todos e desde que bem afastadinhos e, por isso, essa é uma questão que é recorrente.
Espaços	Case #3	Nos casos em que o espaço é reduzido, o que estamos a pensar é manter aquela divisão da turma, ou seja, vimos que um espaço reduzido dá, por exemplo, é pá, aqueles ginásios cabem 15 ou 14 ou 16 alunos, os restantes alunos nós, estão a fazer atividades noutro local, pode ser no exterior, supervisionados pelo colega, pelo professor que está com a turma que está no exterior, portanto, nós vamos ter sempre que nos dividir na rotação de espaços, entre o exterior, o ginásio, o pavilhão, e, portanto, podemos sempre utilizar outros espaços alternativos e procurando uma supervisão, isso aí implica trabalho colaborativo, implica trabalho entre professores, implica trabalho entre colegas, ou seja, eu sei que os meus alunos estão a fazer atletismo, ou estão a fazer determinado

		tipo de tarefas naquele espaço exterior e o professor o colega que está com a sua turma a fazer outro tipo de atividades, acaba por supervisionar e eles sabem que esse professor está lá para os supervisionar
Espaços	Case #3	até no exterior, há, há hipótese de desenvolver a ginástica, um exemplo, nos campos exteriores nós podemos trabalhar as coreografias, temos as coreografias de acrobática e podemo-las trabalhar, tudo o que tenha a ver com componentes rítmicas nós podemos fazer, podemos levar algum material para o exterior, como em alguns casos isso é possível, portanto, o confinamento a que a ginástica tem estado neste momento a ser objeto, mesmo antes do confinamento é que tem criado todas estas dificuldades em nós agora abrirmos um pouco a mente e pensarmos que a ginástica pode ter outra configuração.
Colaboração entre docentes	Case #4	Ora, isto que pode parecer estranho é exatamente o que eu defendo agora. A área onde haja, dos JDC é uma área que exige professor em permanência agora no início, principalmente com os alunos mais novos, que é para eles aprenderem a não tocar com a mão na cara, a higienizar, a manter a distância na marcação, a não jogar 1 contra1, aquelas coisas que eu falei à bocado. E, portanto, o que eu defendo é, em determinados tempos, agora tem que ser visto caso a caso, um professor que fique nos primeiros tempos com a área dos JDC.

1.7.Grupos

Resultado
A organização dos grupos deve privilegiar as questões de segurança.

Entidades	
Case #2	no trabalho, estou a dizer-vos isto como um exemplo, quando se fala na formação de grupos porque não os grupos serem formados e mudarem, a gente gosta sempre de mudar, mas não pode ser, e mudarem de quinze em quinze dias, e dizendo aos alunos que é o espaço de contaminação é que quinze em quinze dias, portanto nós mantermos fixos, o trabalho por grupos, porque não isso, isso passa uma imagem também de que nós também tentamos na medida do possível dominar este tipo de situações e que nos podem mostrar que nós estamos envolvidos neste tipo de de de procura, de soluções e estratégias que possam contribuir para, dentro do possível, o desenrolar dentro da normalidade, dentro dos objetivos icovid, como o [nome] disse, dentro, no sentido de atingirmos os objetivos da disciplina de EF.
Case #2	recuperar conteúdos da disciplina de EF já falei à pouco e como organizar os grupos de trabalho, uma das coisas que nós falamos é o slide antes, isso, obrigado, [nome], o que nós falámos antes era tentar, por exemplo, se temos a aula organizada em estações, manter o máximo de estabilidade dos grupos de trabalho, quanto menos for a mobilidade de alunos para perto de alunos, menos riscos estarão a correr, embora também tenhamos de ter aqui a noção que esta ideia de manutenção de grupos tem a ver com a bolha que nós queremos, que todas as escolas estão a tentar conseguir, mas o efeito de bolha desmonta-se de muitas maneiras, desmonta-se mesmo de muitas maneiras, o intervalo e os recreios são a primeira delas, mas esta ideia de organizar os grupos de trabalho, tentando mantê-los mais estável possível dentro da aula é sempre um fator de minorar aquilo que são as possibilidades de risco de transmissão e portanto, será uma ideia a a ser conseguida.

Case #4	A composição dos grupos não é um fator de gestão da aula, é um fator de instrução, a qualidade das aprendizagens é em grande medida influenciada e determinada por quem está com quem. Nestes tempos de pandemia, muita da segurança e não só da qualidade das aprendizagens vai estar marcada pelas condicionantes que introduzirmos nos jogos e pela forma como agruparmos os alunos.
Case #4	Para que num jogo de vólei a bola ande algum tempo no ar, este jogo em cooperação, são necessários alunos que garantam isso e que permitam que os mais fracos treinem o deslocamento e o toque em contexto. Para que num jogo de futebol se observe alguma posse de bola e a bola não esteja sempre fora, são necessários miúdos que consigam isso, garantindo segurança e qualidade para que as desmarcações dos mais fracos possam ser aproveitadas ou que eles próprios deem linha de passe quando os colegas estão aflitos. Atenção, do meu ponto de vista é preciso perceber quais os, que miúdos é que se escolhem para ajudar a melhorar o jogo dos mais fracos, é preciso perceber se eles são mesmo melhores, alguém que é mais rápido, mais forte ou que dribla melhor pode não ser melhor que os outros, pode não ajudar nesta cooperação que é tão necessária
Case #4	Se os grupos heterogéneos são uma necessidade para que os alunos de nível introdução possam apender melhor, em tempos de covid eu afirmo que eles ainda são mais necessários para reduzir o risco de contágio. Os alunos introdução, mesmo que disciplinadamente queiram cumprir as regras e os procedimentos que o professor coloca, sozinhos não o conseguem fazer, não têm competência para o fazer.

1.8.Matérias/currículo

Resultado
As entidades defendem que o currículo deve ser mantido – com os objetivos estabelecidos a manterem-se na orientação do processo de ensino –, mas com adaptação dos níveis de desempenho e das matérias. Os professores relatam alterações que, para além das adaptações aconselhadas, traduzem metamorfose curricular na área das atividades físicas.

Professores	
Case #1	estabelecemos também limitações no que diz respeito às situações de jogo, ou seja, quando há situações de jogo, estabelecemos um conjunto de regras, agora para dar aqui o exemplo, no basquete não há ressaltos, portanto, a bola lançada, a defesa apanha a bola e segue o jogo, não há ressaltos para evitar esse contacto, não há drible, porque o drible também influenciava ou levava a que houvesse mais contacto, a marcação tem que ser feita à distância e portanto, estabelecemos ali uma série de regras para alguns desportos coletivos, essencialmente para o basquete, para o andebol e para o futsal, para que pudéssemos abordar situações de jogo
Case #1	e para além disso, nós estamos a dar algumas, algumas coisas não estamos a fazer, como a ginástica acrobática e outras coisas, os coletivos, estamos a dar com algumas adaptações, o que retira ali um bocadinho do que é o jogo mesmo.
Case #1	no atletismo, depois o resto não tem interferido muito, as barreiras não há necessidade de desinfetar, por exemplo, o salto em comprimento também não.

Case #2	depois, obviamente os distanciamentos, os distanciamentos físicos na organização dos vários exercícios, isto era tudo feito, era previsto aquando da planificação e depois, naturalmente, na implementação dos exercícios e passou muito também pela seleção dos conteúdos, houve conteúdos que simplesmente não foram abordados, todos os anos há as escolhas que todos nós temos que fazer e foi desde logo, o ano passado e este ano foi uma escolha em grupo, ou seja, tanto o ano passado como este ano fez-se uma escolha em grupo, mas dando sempre uma pequena liberdade, uma ou outra escolha individual consoante até as nossa vivências pessoais, dou-te o caso, por exemplo, da ginástica, foi escolha do grupo não, obviamente não se fazer a acrobática, pela proximidade dos alunos, o restante, cumprindo-se estas regras de que eu te falei de distanciamento, da desinfeção, esqueci-me de falar da desinfeção das mãos, toda essa dinâmica, depois houve escolhas, no meu caso, reportando-me, por exemplo à ginástica só para ser mais explícito, eu optei por dar a rítmica, ou seja, arco, corda, cada um com o seu objeto, distanciados, fazendo exercícios e aparelhos, neste caso, por exemplo, minitrampolim, boque, com desinfeção das mãos entre as várias tentativas, houve quem tenha optado por ginástica de solo, também com as mesmas adaptações e eu pessoalmente não fiz porque, pronto, um rolamento, por exemplo, estão todos, a proximidade da face ao colchão é muito maior logo teria, mas foi permitido a utilização da ginástica de solo, certas coisas foram simplesmente decididas em grupo que não se faria, por exemplo a acrobática ou as lutas, lutas que eu também abordo sempre na escola, também foi decidido que não se fazia e eu naturalmente respeitei essas orientações.
Case #2	Em sentido contrário aumentou, ah, eu acho que até foi curioso porque, deu-me mais, é o caso do atletismo, eu sou da área do atletismo, vi muitos mais colegas a abordar o atletismo, certas especialidades do atletismo, abordou-se muito mais conteúdos, claro, pode ser feito de forma mais lúdica ou não, como o, ligados à aptidão aeróbia, corrida contínua mas não necessariamente o típico correr à volta do campo, mas como eram coisas que podiam ser feitas individualmente, houve um aumento dessa atividade e por esse prisma até se aumentou a intensidade, pelo menos do trabalho aeróbio
Case #2	depois, em termos de conteúdos concretos na nossa área, notei que isto, por exemplo, a questão do atletismo, eles vivenciarem coisas que nunca se deu tanto atletismo, a dança, eu estou a dar muita dança e normalmente a dança há sempre aquele problema e não vou cair no estereótipo porque não, há, tem a ver com as vivencias, seja rapaz seja rapariga, tem a ver com a vivência de cada um e eles acharem, começarem a achar natural
Case #3	Sim, o que ficou definido foi que são adotadas estratégias, ah, afastar os alunos fisicamente, portanto, nós ah, tínhamos reduzimos o número de matérias, por exemplo a matéria de ginástica não se leciona, a dança também tem muitas limitações, faz-se line dance, os Jogos Desportivos Coletivos faz-se jogos reduzidos ou condicionados, mas parece-me que alguns colegas nem sequer estão a abordar qualquer tipo de jogo e tem-se evitado o andebol
Case #3	Faz-se mais orientação, aproveita-se o exterior. Badminton também decorre com normalidade.
Case #4	Decidimos também que havia matérias que não se, nem sequer iriamos lecionar, não é, a parte da ginástica de aparelhos, partilha de aparelhos e pronto, tudo o que fosse aqueles materiais onde não tivéssemos andar sempre a desinfetar e que até de, é difícil andar a desinfetar os boques ou os plintos, não é, e então dissemos que não iríamos trabalhar essas essas áreas e então menos enquanto a restrição fosse bastante limitada
Case #4	Agora, ali, por exemplo a patinagem não vamos fazer, não é, o judo também não vamos fazer, a ginástica também não vamos fazer e eu acho que aí não vamos poder pegar muito, não podemos alterar muito porque as condições que temos ali são limitadas.

Case #5	Claro que fizemos, é assim, as adaptações, é assim, os desportos coletivos eu não tenho dado, só mais na parte teórica,
Case #5	Ok. Mas olha, em relação às minhas aulas, eu tenho dado as raquetes, que é, eu estive a ver o enquadramento da Direção Geral de Saúde, as normas, e terem baixos risco, daí ter comprado material, já me estava a dei o ténis, aliás estou a dar o ténis e dei o badminton, o badminton já dei, a unidade didática do badminton, e agora estou a dar o ténis e a unidade do atletismo e também os testes do fitescola, também
Case #5	Dança, eu dei danças sociais, dei a rumba quadrada só que com distanciamento, mas dá para dar, não é, mas claro que é diferente, uma pessoa a por as mãos longe um do outro, em vez de haver ali contacto físico, pro exemplo, o braço esquerdo do homem toca no braço direito da mulher, o braço direito do homem abraça as costas da mulher, não é, tem que ter um contacto, mas é difícil, mas por acaso a dança dei, dei a dança e este período tenho dado, dei a dança e também acho que agora vou começar com a valsa, mas há sempre aquele distanciamento.
Case #5	As ginásticas ainda não dei, não abordei a ginástica, primeiro a escola, já pedi material novo também e em princípio, eu normalmente dou a ginástica acrobática, dou muito a ginástica acrobática, gosto, mas agora com a pandemia tenho evitado a ginástica.
Case #5	Exatamente, jogos desportivos coletivos não realizei, posso vir a realizar mas só e se vier a realizar, só faço trabalho das ações técnicas, como a condução, por exemplo, no futebol, a condução de bola, mudar de direção, mudar de velocidade, nada de jogo formal, o jogo formal não vou fazer, se fizer, mas acho que vou ficar com as raquetes, com o atletismo, com a orientação, também é um desporto que eles gostam, há aqui muito ar livre, também é uma modalidade interessante e também, possível de realizar em segurança.
Case #5	Evitei as situações de jogo formal, e os desportos coletivos, e nos desportos individuais não mobilizei a ginástica acrobática, eu até gosto muito da ginástica acrobática, que eles gostam de fazer figuras, mas é impensável e também a ginástica de aparelhos, mas também ainda não a mobilizei, e eles gostam de saltar no minitrampolim, mas é complicado mobilizar, e eles caem no colchão de quedas e não é fácil
Case #6	que eu é que eu posso dizer mais, ah, isto porquê? Porque cá fora e tendo em conta as circunstâncias de tentar manter o distanciamento social entre os alunos, fazendo um desporto de raquete a bater, trabalhar mais ou menos a pares um de cada lado na rede, não é, rede montada, e dá para manter um bocadinho o distanciamento social ao mesmo tempo que permite em grande parte da aula trabalhar com máscara, ok, é por isso que tenho adaptado, optado por este desporto.
Case #6	Quando tenho o pavilhão disponível por norma eu neste momento estou a, estou a fazer uma unidade didática de basquetebol, que vai vai demorar bastante tempo a terminar, quer uma unidade quer outra porque, lá está, por exemplo, o basquete só dou de 15 em 15 dias, o desporto de raquetes também, por vezes o tempo, agora, nesta semana melhorou bastante, mas na anterior nalgumas aulas não deu para fazer cá fora, ah, e então no processo, nesse processo de quando as aulas não nos permitem trabalhar fora do espaço exterior, o
Case #6	Tem, tem muito, tem muito impacto mesmo, primeiro porque neste momento não estamos a fazer jogos de oposição, ou seja, eu estou a abordar o basquetebol mas eles ainda não fizeram nenhuma vez, por exemplo, o jogo 3x3 ou 5x5, isso ainda não aconteceu e creio que a não ser que haja novidades muito em breve, até porque o concelho onde eu estou ainda está aqui sobre algum alerta, será difícil eu creio que até ao final do ano que haja esse tipo de abertura para fazer jogos tipo de oposição direta não acontece,
Cas	tudo o que se faz é muito trabalho técnico, isolado, de drible, de passe, de lançamento ao cesto, no máximo um jogo de oposição três contra um, por exemplo, em que o defesa no caso do basquete, em

e #6	que o defesa é um, faz uma defesa um bocadinho passivo, ou seja, tenta manter mais ou menos um metro de distância entre eles, embora seja uma situação que não é fácil durante a aula estar sempre a pedir, para controlar, às vezes neste registo 3 contra1,

Entidades	
Case #1	E demorando-me um pouco mais aqui neste quadro, dizer que, também é evidente para todos vocês que na nossa disciplina, se pensarmos nas áreas curriculares de intervenção na EF, as atividades físicas foi claramente a área amais afetada, temos uma forte restrição do objeto de aprendizagem nesta área que nestas condições pode ser trabalhado de uma forma minimamente razoável, talvez aqui algum destaque para as caraterísticas da atividade da dança que nos permite de algum modo fazer cumprir, ou pelo menos, grande parte dos objetivos, mas se pensarmos, por exemplo, nas atividades coletivas, nas atividades desportivas coletivas, é extraordinariamente difícil e quanto muito estamos sujeitos a conseguir contextos em que apenas podemos trabalhar pequenas atividades motoras simples, sem grande complexidade, sem relação interpessoal, sem os desafios e a diversidade de situações e a surpresa que elas causam na realidade, portanto, não temos essa possibilidade e isso oferece aqui uma série, um ´serio constrangimento aquilo que podemos fazer com os alunos nesta área
Case #2	Era bom que não começássemos que conseguíssemos manter aqui uma lógica de organização curricular que mantivesse uma linha de coerência com aquilo que sempre temos feito, há situações, há matérias que poderão ter mais dificuldade do que outras para ser cumpridas, uma das questões que nós frisamos também logo desde o início foi de não querer alocar, ou de não querer fazer surgir em nenhum documento que havia matérias ou modalidades que eram de mais risco do que outras, aquilo que sempre dissemos era que é possível fazer todas as matérias, é possível, ah, dentro das matérias há situações de aprendizagem que podem comportar mais risco e situações de aprendizagem que podem comportar menos risco, portanto, aqui o elemento crítico para a nossa situação de organização é a situação de aprendizagem e não tanto a matéria.
Case #2	É possível fazer jogos desportivos coletivos. É possível fazer jogos desportivos coletivos mantendo os alunos a, a, a com objetivos de ofensividade em relação à aprendizagem, é possível fazer com que os alunos façam situações que concorram para o cumprimento dos objetivos que nós em, a, a, pelo menos no nível introdução e elementar da dos programas de EF
Case #2	Aquilo, o nosso desafio é tentarmos encontrar face àquilo que são as possibilidades, as melhores condições para aproximar esses objetivos, se calhar não os conseguimos fazer todos, eu tenho dado o exemplo que se eu não puder fazer ajudas e já lá vamos, se não puder fazer ajudas na ginástica, o nível introdução na ginástica no solo com o pino com ajuda ficará reduzido, o que nós temos que tentar fazer é encontrar dentro desta lógica de aquilo que eram os objetivos do nível d e introdução na ginástica o máximo que conseguimos fazer face àquilo que são as restrições apresentadas e, portanto, dentro dessa dimensão há um longo espaço que ainda poderemos percorrer.
Case #2	Outro dia um colega, ah, isto para dizer que nós não podemos, imaginem o exemplo que eu dei da ginástica há pouco de não estar a cumprir um elemento que faz parte dos elementos do nível de introdução na ginástica, nós não podemos continuar a chamar a esse nível o nível introdução, o colega dizia com graça que na escola dele iriam chamar o I covid, que era, a ideia é um pouco esta que é a ideia de adaptar aquilo que existe àquilo que neste momento é possível e aquilo que é possível ainda tem uma margem muito grande para ser conseguida
Case #2	Temos condicionantes neste momento, ah, não era bom que assumíssemos posições do estilo, não é possível das JDC por isso vou fazer só de ginástica, é possível encontrar situações de aprendizagem que promovam parte dos objetivos que nós temos que lidar em relação a cada uma das matérias da disciplina de EF, é possível, mesmo os JDC se nós pusermos a nossa, a nossa ah ah, capacidade

	profissional-ó-didática, nós somos capazes de encontrar situações que, ah, se possam aproximar daquilo que são elementos de aprendizagem da situação, por exemplo, de jogo dos JDC, não, não vejo como difícil, para o nível de alunos que nós temos, o ensino do nível de introdução de basquetebol e de criar situações de 2x1 sem uma defesa pressionante em que o aluno tenha que tomar uma capacidade de decisão porque está um colega a uma determinada distância, não vejo isso como difícil e portanto, é sempre possível nós criarmos situações em que obviamente retirando uma parte que é importante para que os alunos aprendam de uma determinada forma, não possa ser apresentada dessa forma, e, portanto, eu diria que, em relação ao JDC e às ginásticas e a todas as restantes matérias, é sempre possível trabalhá-las em qualquer, numa, numa determinada medida.
Case #2	Estão aqui no bate-papo a perguntar e na ginástica acrobática, não sei se sabem, a Ginástica acrobática é apresentada pela ah pela DGS como uma modalidade de risco e, portanto, que não se pode fazer
Case #3	Ora bem e, nessa linha, das finalidades, nas questões que têm a ver com o desenvolvimento da aptidão física, o favorecimento por parte daquilo que são os valores da atividade, o reforço pelo gosto da prática e acima de tudo as questões do aperfeiçoamento das práticas, elas têm que ser o princípio base e a partir daí podemos começar a desenhar um modelo de intervenção que neste caso vamos falar da ginástica, mas que, em muitos casos eu procurarei fazer aqui uma comparação e um paralelo com as outras matérias de ensino na qual a ginástica não é muito diferente.
Case #3	a partir daí começa a ser mais fácil eu criar uma estrutura no fundo podemos dizer uma estrutura curricular que permita e como eu sei que em ternos do currículo eu tenho as habilidades, elas estão organizadas em níveis, nível introdução, nível elementar e nível avançado, eu, por exemplo, sei que no nível introdução eu tenho oito dessas habilidades, portanto, eu cumpro esse determinado nível se tiver oito dessas habilidades e se demonstrar aqueles aspetos. Ora bem, para poder organizar melhor e para garantir que os meus alunos têm condições para fazer essas habilidades, eu terei de organizar aqui um outro, terei de desencadear um outro processo de análise, que é, então, como é que eu vou estruturar estas habilidades. Vamos imaginar o exemplo da ginástica no solo. Bem, na ginástica no solo eu tenho as rotações, tenho os apoios invertidos e tenho as atitudes. Isto quer dizer que, quando eu estou a preparar um jogo com ginástica no solo, eu tenho que ter estas ações.
Case #3	Eu diria que a ginástica em tempo de pandemia não necessita de ser muito diferente da habitual, talvez em algumas situações pode até ser melhor. Na minha opinião, a melhor maneira de aprender é aquela que até vai ao encontro das recomendações da DGS e, por isso mesmo, esta poderá ser uma oportunidade para ensinar melhor ginástica. Vamos começar, pro exemplo, pela redução dos grupos. A EF não se pode demitir, por exemplo, de minimizar as dificuldades em encontrar possíveis redes de contágio e a redução do número de grupos, de alunos por grupo de trabalho e a manutenção dos mesmos é obrigatória para não termos uma nova planta de sala de aula em todas as aulas e para estabilizar rotinas, para aumentar o número de oportunidades e para facilitar a nossa intervenção.

1.9.Intensidade

Resultado
Para as entidades, os professores devem gerir a intensidade de aula por evitamento dos jogos desportivos coletivos e oferta de atividades individualizadas e que permitam o afastamento. A respiração dos alunos é um indicador de segurança, na medida em que respirações ofegantes podem contribuir para a difusão de aerossóis e sugerem intensidade desproporcionada ao momento pandémico.

Os professores consideram que o período pandémico levou à redução evidente da intensidade da aula, apesar de,, pontualmente, os momentos analíticos poderem ter estado na origem de intensidades altas/habituais.

Professores	
Case #1	Baixa, baixa, é normal, baixa, é normal que baixe, são aulas menos intensas. Aliás, até nós impusemos a nós próprios alguma contenção no que ao jogo diz respeito, quando aquilo, a informação que nós passamos uns aos outros e que definimos é que quando o jogo começar a ter muita intensidade, mesmo com estas limitações, se calhar estava na hora de os acalmar, porque eles entusiasmam-se e começam a marcar mais perto, começam a tentar, começa a haver mais contacto, mais proximidade, etecetera, e nós impusemos essa limitação.
Case #2	e dizíamos, malta, se fosse num jogo a sério, claro que um formal , uma situação que não a atual é precisamente isso que tinhas que fazer, neste momento lembrem-se oposição passiva, atenção aos deslocamentos, houve essa diminuição de prática e de intensidade
Case #2	Quer queiramos quer não o facto de haver oposição aumenta não só a motivação, mas também aumenta na intensidade, não é, a luta pela bola, a luta pelo objeto, nos jogos coletivos isso foi claro que isso aconteceu.
Case #2	Em sentido contrário aumentou, ah, eu acho que até foi curioso porque, deu-me mais, é o caso do atletismo, eu sou da área do atletismo, vi muitos mais colegas a abordar o atletismo, certas especialidades do atletismo, abordou-se muito mais conteúdos, claro, pode ser feito de forma mais lúdica ou não, como o, ligados à aptidão aeróbia, corrida contínua mas não necessariamente o típico correr à volta do campo, mas como eram coisas que podiam ser feitas individualmente, houve um aumento dessa atividade e por esse prisma até se aumentou a intensidade, pelo menos do trabalho aeróbio
Case #3	o que muda é o género de prática, há, isso tem influência na intensidade, os alunos jogam menos e, por isso, correm menos, estão menos motivados para apanhar a bola, ou ganhar os jogos, são menos competitivos, portanto, cansam-se menos.
Case #3	Para além disso, ah, até é melhor que eles estejam a uma distância considerável uns dos outros, por causa da respiração e, por isso, têm menos cooperação, e talvez até mantenham algum espírito ofensivo, querem marcar sempre, mas não têm espírito defensivo, porque isso pode levar a contactos com os colegas e não queremos isso atualmente. A máscara também não os beneficia, eles são aconselhados a usar a máscara e descansar se for preciso, ou parar e tirar a máscara e respirar no exterior, isso quebra o exercício, a intensidade não é a mesma.
Case #4	Sim, eu consigo, eu consigo criar intensidade na aula, não é, no pouco tempo que tenho, pronto, sendo os 50 que é pouco e depois nos 100 um pouco mais, eu consigo sempre, aquilo que pretendo,
Case #5	aspeto, também têm o espaço exterior, têm um campo relvado, têm um campo de ténis no exterior também, também torna tudo mais fácil, a nível de intensidade, claro que ora com estas modalidades a intensidade é menor, sabes que uma coisa é jogares um jogo de voleibol, de andebol, de futsal, no ténis a intensidade não é tanta, ténis a intensidade é menor.
Case #5	depois é, ainda em relação à intensidade, o uso da máscara também limitou muito a intensidade porque eles com a máscara quando vão para o exterior eles toram a máscara no exterior, mas sabes que nos espaços fechados temos que estar com máscara, por exemplo, no ténis de mesa no desporto escolar os miúdos estão de máscara, e é complicado a intensidade, claro que eles cansam-se muito mais rápido e claro que a pandemia limitou a intensidade das tarefas.
Case #6	Por outro lado, em termos de intensidade no final da aula, tem potencial de aprendizagem, eu diria que muitos dos exercícios como estão a funcionar com uma bola para cada um, por exemplo, a nível de intensidade físico, eu creio que até em certas circunstâncias isto até pode ser benéfico,

	dependendo do exercício que eles estão a executar, porque, lá está, tendo uma bola para cada um eu consigo tê-los sempre ativos enquanto se estiveram a fazer exercícios normais, passar a bola ou filas ou assim,
Case #6	vão dois de cada vez desinfetar as mãos ou caso algum deles tenha necessidade de beber água e ir à casa de banho dois de cada vez só, dois rapazes e duas raparigas, há sempre essa paragem, pronto, isso interfere bastante com o treino e com a intensidade da aula, numa situação normal seria muito mais fácil, também tenho as circunstância das mudanças, das mudanças de um exercício para o outro, há que montar o espaço, colocar cones, agora vocês só podem, só avançam para o cone seguinte quando o colega daquela fila estiver neste, pronto, isso acontece algumas vezes

Entidades	
Case #3	Mudando aqui um bocadinho, não nos podemos esquecer que vamos receber alunos que estiveram meses sem EF e que nesta fase é fundamental recuperar as capacidades físicas desta gente, portanto, pensassem que já consuma ser muito difícil com a pausa das férias, portanto imaginem agora, naturalmente que vamos ter que fazer outra vez as cambalhotas, os aviões, os saltos de eixo e que estas competências vão ser necessariamente desafiantes para os nosso alunos, alguns vêm mais pesados, outros vêm maiores, outros vão ter medo e outros vão ter isto tudo. Portanto, é preciso planear adequadamente, ser paciente, metódico e rigoroso
Case #4	Por último, gostaria de me referir à intensidade. Os jogos desportivos coletivos são muito bons para treinar e elevar as capacidades motoras, particularmente a resistência. De momento, em situação de jogo, defendo que não o devemos fazer. Esse tipo de trabalho deve ser feito em situação individual ou então em grupos em que se passa a bola em progressão com a distância adequada e sem oposição.
Case #4	Já situações em que o distanciamento permite maior intensidade e a respiração ofegante, ou seja, são situações em que o distanciamento permite maior intensidade e a respiração ofegante não é problema para os outros.
Case #4	Nas situações de jogo a intensidade deve ser ligeira ou moderada e, por isso mesmo, devem ser jogos de curta duração, ou seja, quando a respiração ofegante começa a aparecer, está na hora de acabar.
Case #4	acho muito interessante esta questão que nós temos que explorar aqui no tempo da pandemia de a intensidade ser uma referência para a análise do risco, eu insisto neste ponto, ele insistiu e penso que fechou muito bem essa questão assim, porque não devemos fazer, diz ele, usar o jogo como, digamos assim, grande preocupação, o jogo aberto
Case #4	Porque se for jogo em vagas, se for jogo digamos condicionado, talvez seja o jogo continue a ser, o criss cross, o jogo em vagas, 3 contra 1, 3 contra 0, com movimentações de passe e vai e de alternância de funções, possa ser uma forma de treinar e elevar a capacidade aeróbica. A questão que eu coloco é se faz muito sentido é nós em pelo menos no 1º período, quando som miúdos vêm de 6 meses de inatividade estarmos muito preocupados com a intensidade do conjunto das aulas e com o suor e com a intensidade do esforço.
Case #4	Sobre a intensidade, não me parece mesmo que seja a momento de estarmos preocupadas sobre a intensidade, sobretudo nos JDC que é a sessão de hoje e sobretudo em situação de jogo.
Case #	não é de facto o tempo para treinarmos as capacidades motoras, particularmente as situações de jogo, não é, porque mesmo o contacto físico que é, do meu ponto de vista e eu com determinado tipo de pessoas já tive oportunidade de experimentar isso, os contactos físicos e a proximidade é mesmo muito pontual e ocasional e o problema é que a intensidade pode levar de facto e leva, a respirações mais ofegantes e isso é de evitar mesmo nas poucas situações em que há proximidade e há contacto físico ocasional e é por isso que disse à bocadinho, as situações de jogo devem ser de intensidade moderada. É um indicador de observação, já agora gosto da expressão, o indicador de

	observação é as respirações começam a estar ofegantes e se começam a estar ofegantes é tempo de parar. Há outras situações no JDC, como aquelas que o prof [nome] referiu e que eu também referi na minha intervenção, que podem ser usadas para, utilizando a intensidade, se desenvolver determinadas capacidades motoras, isto não é o tempo de o fazer à custa dos JDC, do meu ponto de vista.
Case #4	Também não vai acontecer que as aulas os miúdos vão estar os alunos vão estar a fazer carga num local, calistenia, cross fit ou o que for, nem vai vens próximos uns dos outros, isso também não vai acontecer, porque os alunos nem vão tomar banho e vêm de 6 meses de paragem, na maior parte dos casos, não é razoável colocar isso nas aulas e a discussão da estimativa de esforço e da estimativa de risco relativamente ao esforço que o [nome] aqui colocou não está a ser discutida.
Case #4	porque depois a intensidade também é subjetiva, o que é ligeiro para mim pode ser moderado para o meu colega e pode ser intenso para o meu outro colega, mas depois há sempre esta questão que é, muitas vezes eu não vou conseguir de desenvolver as minhas capacidades motoras fundamentais para desenvolver as técnicas fundamentais sem dar um nível de intensidade intenso e isso coloco aqui, a disciplina de EF o professor não acha que vai ficar um bocado prejudicada neste sentido, que a evolução dos alunos vai ficar prejudicada por se estar a limitar a intensidade alta?
Case #4	Vamos lá ver. A saúde está à frente. A saúde está à frente! É também porque a saúde está à frente que deve haver EF. É também porque a saúde está à frente que deve haver Jogos Desportivos Coletivos, mas a saúde está à frente. [nome], deixa lá a intensidade agora, deixa lá as aprendizagens que podem ser feitas se se tiver as capacidades físicas mais desenvolvidas num tempo como este.

1.10.Ensino no confinamento

Resultado
As entidades aconselham o recurso a métodos que permitam a participação dos alunos – atendendo-se à igualdade de oportunidades – e que permitam a manutenção da atividade. Na perceção dos professores, o ensino durante o confinamento seguiu o padrão de se dirigir ao que era possível, com a tentativa dos professores em promoverem ou aconselharem atividades de aptidão física a distância e de desenvolverem os conteúdos da área dos conhecimentos e alguns conteúdos teóricos acerca das atividades físicas. Também envolveu o recurso a atividades diferentes das previstas nos programas (body and mind, musicoterapia, etc).

Professores	
Case #2	depois durante o confinamento e aí é que é uma situação caricata, não estou a criticar contanto que isto é tudo uma situação nova e não é fácil decidir-se, na minha escola, o que aconteceu é que só foi permitido um terço das sessões síncronas, ou seja, nós temos 3 tempos, por exemplo, nós temos 3 tempos semanais, um 8º ano, um 9º ano temos 3 tempos semanais, um tempo seria síncrono, os outros dos assíncronos. Obviamente não estávamos ali a discutir questões de trabalhos que se tinham pedidos, porque o tempo síncrono era para estar sempre a trabalhar, a maior parte dos colegas, como eu, ou dança, ou então circuitos ligados a, seja à aptidão aeróbia, aptidão neuromuscular, circuitos de musculação, de flexibilidade, aulas de body and mind, coisas desse género, aeróbica, por aí, dar tempo para eles exercitarem, agora, o problema tem a ver com a avaliação destas aulas e nós as duas assíncronas,

Case #2	mas a aula síncrona foi dada para, pronto, foi para ter sempre tempo útil, mas também se aproveitou as aulas assíncronas para tarefas de cariz aeróbio, seja rotinas de dança, seja os, depende, isso aí divergiu de professor para professor, aqueles circuitos de que te falei apresentávamos uma sequência ou enviávamos um exemplo e os alunos tinham que se filmar com a ajuda dos pais, filmavam-se e nós víamos o tempo de prática, o problema na avaliação é que, por exemplo, se eu, se estamos a avaliar a aptidão aeróbia, nenhum de nós mandou o aluno fazer um vai-vem ou fazer uma milha, pronto, vimos que o aluno trabalhou efetivamente em termos aeróbios, pudemos os vídeos e vimos os vídeos deles a fazer os circuitos e a fazer isso, mas a avaliação não foi feita da parte prática, como é que se, na minha escola como é que resolvemos isso?
Case #2	à distância é muito complicado, com um ecrã e em 20 quadradinhos, em que em cada quadradinho, vês uma coisa minúscula, não há hipótese, por isso é que nós não avaliamos isso efetivamente, não há hipóteses de avaliar, nós dizemos os alunos têm que ter as câmaras ligadas para nós avaliarmos, isso é mentira, é simplesmente para tentar envolvê-los para eles com a câmara desligada sairmos
Case #3	Também posso falar, por exemplo, da aptidão física, uma vez que os alunos estiveram em confinamento, nós optamos por aconselhar os alunos a fazer atividades físicas e desportivas em casa e receberam instruções sobre o que fazer, como melhorar.
Case #3	Nos conhecimentos o que nós fizemos foi aproveitar o período de confinamento para desenvolver os conhecimentos, na realidade isso permitiu que conhecimentos de anos anteriores fossem consolidados, a minha turma do 11º, por exemplo, eles disseram-me, pelo menos, não tinha desenvolvido conhecimentos sobre a prestação de socorro a vítimas de paragem cardiorrespiratória, e foi possível, eu vou dizer, relembrar esses conhecimentos, mas não pudemos experimentá-los, por exemplo, ah e houve mais tempo de fato para nós aprofundarmos os conhecimentos típicos do 11º, 12º ano ou do 9º ano, ah e isso acabou por ser positivo, mas numa área que é relativamente reduzida, tem uma importância relativamente reduzida na EF, portanto, não é por esta questão dos conhecimentos que os alunos vão ser melhores alunos a EF, ou muito melhores alunos.
Case #4	No confinamento o que é que nós fizemos? Decidimos já com alguma experiência do primeiro confinamento de que seria mais benéfico darmos aos nossos alunos atividades diariamente, em vez de cingir-nos àquele horário que era da EF, ok, agora fazem isto em cas, não! Então preparamos os alunos e dissemos-lhes que tínhamos um plano e todos os dias eles iriam receber a aula que no mínimo de 20 minutos, também não queremos ultrapassar os 100 minutos semanais, neste caso os 150, não é, pronto, porque depois há sempre reclamações, começam sempre a dizer, ah, mas quando eles estavam na escola não faziam tanto tempo, enfim , então demos a hipótese de OK, são 20 minutos de atividade física dando sempre mais um bocadinho que poderiam sempre fazer mais se quisessem e distribuímos então, enquanto estivemos em casa fizemos dessa forma, tínhamos então uma aula síncrona e as outras duas eram distribuídas pela semana com atividades
Case #4	Depois, então trabalhamos, decidimos que íamos trabalhar muito quando estávamos em casa a condição física dos meninos e eu, por exemplo, nos meus planos contemplava sempre à segunda, quarta e à sexta, tinha vídeos de condição física, onde eles trabalhavam condição física e , depois, a terça e a quinta feira deixei para as habilidades motoras, onde trabalhei a dança, onde eles trabalharam as habilidades motoras da ginástica de, avião, ponte e vela, aquelas que permitiam, pronto, que eles pudessem fazer em casa sem correr grandes riscos, não é, entretanto fomos pedindo trabalhos, porque os nosso planos aqui nós enviamos um plano de turma por
Case #4	e , de todas as disciplinas de 15 em 15 dias e de 15 em 15 dias pedíamos um trabalho relativamente a tudo aquilo que tínhamos trabalhado durante aqueles 15 dias, ah, depois, na aula síncrona, eu trabalhei essencialmente com eles os conteúdos teóricos e que se basearam muito em termos de eles conhecerem o corpo deles, saberem que tipo de alterações que determinados exercícios poderiam promover ou não, os cuidados que deviam ter com a alimentação, o porquê de haver a necessidade de fazer atividade física, pronto, andámos ali muito a explorar, não é, estas áreas.

Case #4	depois quando viemos para o ensino à distância, tudo o que nós tínhamos evidências, eu, por exemplo, pedi aos meus alunos, eles começaram a trabalhar a dança aeróbica, os passos básicos e eu pedi que eles, eu enviei vídeos, eles trabalharam durante algum tempo, foram tirando dúvidas e depois pedi-lhes que me enviassem um vídeo, com eles a realizarem a dança, pronto. Eu tinha material palpável para poder avaliar. A desvantagem foi que nem todos, nem todos enviaram, ou aliás,
Case #4	pronto, para ajudar na avaliação deles, ah, foi muito mais, demos muito mais enfâse à parte teórica, não é, dos conhecimentos, isso já tínhamos decidido e, depois na parte prática, aquilo que pudéssemos ter, eu, pro exemplo, pedi também um vídeo onde eles mostrassem a realização do avião, do, da ponte e da vela como eu já tinha dito, um outro onde eles mostravam também a técnica de corrida, que também, também lhes dei materiais para eles poderem trabalhar e poderem aprender, pronto, foi assim
Case #5	A área dos conhecimentos até foi a parte nos confinamentos em que até foi a parte que se trabalhou mais, mas agora é igual, mantém-se igual, mas eles vê-se que vêm mais preparados, com as regras, FALHA DE REDE mais falamos sobre a alimentação, da hidratação, da higiene, falamos de muitas coisas que agora eles realmente estão mais bem preparados porque estivemos a falar, não é, discutir nas aulas, porque no primeiro confinamento, não sei se queres falar sobre isso?
Case #5	Acho que no primeiro confinamento foi complicado, primeiro a nível das tecnologias, aqui nos nos distrito não há boa rede, muito complexo, depois no primeiro confinamento também não havia aquela obrigatoriedade de ligar a câmara, também era um bocado complexo, era muito frio as aulas tornavam-se muito frias porque muitos não ligavam a câmara, não é, e as aulas eram basicamente trabalhadas com a plataforma fitescola, tinha lá vários documentos em que falamos das várias modalidades que tínhamos abordado, a história, o enrolamento, as suas técnicas, as suas táticas, depois víamos os vídeos e os jogos e depois fazíamos os quizes e a avaliação nos confinamentos teve muito a ver com esse trabalho teórico sobre uma modalidade em questão e sobre o quize também, mas havia muita desigualdade, principalmente aqui há muitos meninos com muitas dificuldades, tínhamos que enviar tarefas para a escola, para a secretaria, o pai ia lá buscar, levava a casa, regressava, aproveitamos também, nesse primeiro confinamento e depois na abertura do primeiro confinamento para quê?
Case #5	Também parta fazermos um plano de treino individualizado para os prepararmos e, por acaso, aconteceu o segundo confinamento e eles já, no segundo confinamento as coisas correram bem melhor, já podiam ligar as câmaras, a maior parte, porque já tinha saído a legislação, depois, entretanto, também já tiveram computadores, a maior parte, computadores, também o que aconteceu mais nessa e eles aí fizemos aulas mais práticas em que o plano de treino que estivemos a trabalhar em que as aulas que que fizemos depois do 1º confinamento quando já havia aulas práticas foi a trabalhar um plano individualizado, ou seja, cada um deles fez um plano de treino individualizado, eles saberem quais eram os exercícios que podiam fazer para trabalhar a resistência, para trabalhar a velocidade que exercícios é que tinha que fazre para trabalhar a velocidade, a flexibilidade, a agilidade, a destreza, e a força também e foi engraçado foi depois nas aulas também do segundo confinamento houve coisas engraçadas como, houve muitos irmãos pequeninos do 1º ciclo que também faziam a aula com a gente, faziam, tornou-se ali até foi aspetos interessantes que aconteceram.
Case #5	Não, aliás, aquilo foi um trabalho mais autónomo, era isso que te estava a dizer, eu criei autonomia neles, criei, depois do primeiro confinamento, que não correu bem, vamos ser sinceros, porque o primeiro confinamento não ligavam a câmara uma pessoa às vezes estava a falar e não sabia se eles estavam a dormir, claro que eles tinham que ler, às vezes eu dizia, Manuel, agora é tu a ler este diapositivo, leem estás a perceber, para eu perceber se eles estavam lá ou não, se estavam atentos ou não, fazia perguntas durante a aula, nem perguntas, era mais era eles continuavam de forma aleatória, lia o a ou o b ou o c, para pelo menos perceber se eles estão lá, havia alguns que eu

	chamava e não respondiam, ou deviam estar a dormir ou na cozinha, ou na sala ou nas redes sociais, era muito complicado gerir no primeiro confinamento foi muito complicado, daí a avaliação foi mais pela parte cognitiva, pelo trabalho que eles apresentaram e também pelas avaliações anteriores.
Case #5	O que aconteceu depois, quando acabou o primeiro confinamento, nas aulas práticas virei-me também, além de dar as aulas, as unidades mais individualizadas, virei-me para eles fazer um plano de treino individualizado, para eles perceberem os objetivos, que exercícios e na plataforma fitescola tem lá muitos exercícios em que nós na altura do confinamento fomos ver os exercícios todos que podiam fazer para trabalhar a resistência, a força, a flexibilidade e a agilidade, depois eles tentavam, faziam um trabalho, um plano de treino, durante duas semanas trabalhavam uma capacidade motora, daqui a duas semanas treinavam outra, para não estar sempre a trabalhar as mesmas coisa, não é e depois tivemos a trabalhar isto nas aulas sempre, em que elas também aproveitei os telemóveis e acho que também é um dado importante os telemóveis nas aulas, acho que é o futuro, uma pessoa pode criar atritos, mas de forma didática acho que os telemóveis nas aulas são bastante importantes, mas é os alunos perceberem isso, não é fácil, não é, mas o que eu percebi muito nas aulas por, há umas estações e aqueles meninos que estavam na estação do plano de treino viam lá as aplicações, tem lá muitas aplicações, muitas plataformas online em que eles seguiam o seu plano de treininho, faziam e, depois, foi tentar passar isso para para o segundo confinamento e no segundo confinamento eram eles que de forma autónoma eu estava deste lado, claro que fazia e dizia, olha esta semana vamos trabalhar a resistência e eles faziam treinos para trabalhar a resistência e eles tinham que fazer exercício, eu dava ali os meus feedbacks, mas e lá está, depois estavam os irmãos deles, os primos, também, e os mais engraçado às vezes é que eles juntavam-se em casa uns dos outros, não, mas não devia ser, sim, mas lá está, era família, não é, é assim, houve coisas interessantes.
Case #5	Sim, os conhecimentos, e as atitudes e valores, a responsabilidade, porque às vezes tu estás ali, principalmente no primeiro confinamento, havia às vezes dizias, Manuel agora lê esse diapositivo e eles não respondiam, não é, depois dizia olha problemas com avaliação, problemas com isto, mas sabes como é que é os miúdos, por isso, no segundo confinamento as coisas correram muito melhor, não há, não há, foi uma diferença abismal, pela positiva, pela positiva.
Case #5	tivemos a falar de musicoterapia que é importante para a ansiedade, como agora devido àquela fase de confinamento demos muito valor a isso, também fizemos uma aula em casa, no confinamento com os nosso animais de estimação, que eles traziam os animais e fazíamos brincadeiras, as coisas foram surgindo, fizemos várias coisas, as coisas foram surgindo e às vezes é no momento, às vezes uma pessoa organiza uma coisa e depois a aula seguia outro caminho e até corria muito bem, porque foi virado para ali, calhou de seguir aquele caminho.
Case #5	O que é que eu posso dizer mais? Acho que o segundo confinamento correu melhor, mas também vamos ser sinceros, foi penoso, não é, se calhar até mais, mesmo eu, mesmo eu não estive muito bem, também vou-te ser sincero, mesmo alguns professores, eu também não estive assim a cem porcento, estar em casa sem poder sair. Também estive um bocado em baixo nessa fase.
Case #6	Ok. Pronto, a avaliação de conhecimentos, está a ser um bocadinho mais, eu creio que valorizada tendo em conta as circunstâncias atuais, ou seja, se eu não posso praticar exercícios físico, sobretudo no primeiro período, no final do primeiro período e no ensino à distância, no ensino à distância basicamente a avaliação que foi feita é uma avaliação de conhecimentos, foi, foram dadas algumas aulas teóricas online, depois o preenchimento de alguns questionários até com a plataforma do googleforms, foram feitos alguns questionários

Entidades	
Case #1	Portanto, basicamente, aquilo que nós apelamos é a este cuidado de garantir as condições que permitirão ou não o aluno desenvolver aprendizagem e como também já foi dito, é importante que

	nós tenhamos aqui esta ideia de que, ah, não … nós não, não podemos tipificar ah, ah, situações, aquilo que é a diversidade dos contextos em cada escola, cada disciplina está a funcionar, já de si diferentes em contexto de normalidade, não nos permitem estar, poder ter um discurso que seja caraterizador de uma recomendação qualquer.
Case #1	Eu posso trabalhar exercícios de força, mas isso está tudo relacionado com aquilo que for, como é que os meus critérios de avaliação em relação à aptidão física também estão definidos, eu voltaria, volto a dizer e também um bocadinho em relação ao que o [nome] disse, eu voltaria a dizer que há uma diferença entre aquilo que nós podemos fazer à distância para menorizar os alunos a fazerem e aquilo que nós podemos fazer à distância para ensinar os alunos, acho que nós temos que separar estas coisas para ah, para podermos estar bem com aquilo que estamos a fazer e, p
Case #1	Não me incomoda subir um ou dois valores de um aluno que esteja empenhado nos conhecimentos e da aptidão física. Nós não estamos a lecionar. Do meu ponto de vista, tenho alunos do secundário, o objetivo é mantê-los ativos

1.11.Reorganização/novas tarefas e papel dos alunos

Resultado
As entidades aconselham a que as tarefas de desinfeção sejam enquadradas como tarefas de arrumação e manuseamento de materiais que são típicas das aulas de EF. Os professores parecem estar em consonância com a necessidade de fazer destas novas tarefas, aprendizagens. De qualquer forma, elas constituem-se enquanto interrupções à dinâmica da aula e ao tempo de prática e levam que parte do tempo de instrução/correção de comportamentos lhes esteja afeto.

Professores	
Case #1	Depois temos, sempre, pronto, álcool gel e um desinfetante para proceder à desinfeção das mãos durante as aulas e dos materiais quando há rotação nas estações, por exemplo
Case #1	Depois tem a ver com a, com a tal desinfeção dos materiais e das mãos a cada rotação, no fundo é isso, desinfetar os colchões, mesmo nalguma situação que se utilize, na ginástica ou assim, basicamente.
Case #2	dou-te o caso do basquetebol, fazíamos exercícios muitas vezes para trabalhar as transições em que havia uma oposição, mas a oposição era passiva, ou seja, mantinha-se a um metro e meio de distanciamento, mantínhamos os apoios, mas não havia aquela coisa de tentar tirar a bola, porque ao tentar tirar a bola promove-se o contacto.
Case #3	então sim, tem imensos impactos no meu processo de ensino, não há tanta colaboração, eles também não manuseiam tantos materiais, fora da pandemia são só alunos que arrumam todos os materiais e agora não, são os professores que arrumam os materiais,
Case #4	, e partilhas, muitos alunos a partilharem o mesmo material nós evitamos que isso acontecesse e até iniciamos e grande parte do tempo fizemos cada aluno com o seu material, depois tinha que se higienizar tudo, tinha de se ir antecipadamente para montar logo com as distâncias, pronto, foi, foi um desafio!
Case #4	eu gosto muito de trabalhar por estações, não é, que eles vão rodando, pronto, temos que ter esse cuidado, a cada rotação, ou levam o material com eles, se forem utilizar o mesmo, ou então tenho que higienizar tudo, eles esperam, reorganizam-se novamente e, então, fazem a tarefa, mas tudo sempre com muito receio, porque aquele não é um espaço limpo e o ginásio a gente consegue controlar mais ou menos porque, pronto, só entra lá quem nós queremos, não é e e segundo as nossas, as nossas indicações, enquanto na rua não, na rua é, não, em termos higiénicos não é, não é o desejável, pronto é o que temos, entre isso ou…

Case #4	ok, colocamos, dividimos em grupos e um grupo está a, está num espaço, sentado, a fazer uma atividade mais teórica e depois os outros estão no resto do espaço, as é, nem para esse, nem para fazer, é assim, não faz sentido os alunos estarem sentado, não, nós queremos é que eles estejam, eu quero é que eles estejam a mexer, que eles estejam a aprender, que eles estejam a vivenciar e, não havendo sequer aquele mínimo de distanciamento que é o seguro, não é, porque a turma é demasiado grande, começa logo por aí, não haver espaço físico, não é, com tamanho suficiente para dizer ok, estamos a trabalhar com a segurança mínima que deve ser.
Case #5	depois, também, tivemos que nas aulas, tivemos que promover mais também a autonomia dos alunos no contexto de preparar os alunos para o eventual ensino à distância, não sabemos, foi uma situação nova para todos, não é, tentamos também desenvolver mais as capacidades motoras, porque é mais fácil trabalhar essas capacidades de forma mais individualizada
Case #5	já disse que tinham que desinfetar as mãos, também o desinfetar o material sempre de aula para aula, que levava sempre o seu tempo, é sempre mais um trabalho extra,
Case #5	Não, só limitamos o senta e alcança, que é um exercício em que há partilha e agilidade, também há partilha de materiais, o senta e alcança é um banco sueco em que eles têm de que esticarem, não sei se sabes qual é o exercício. Para evitar que eles estejam sempre a tocar na mesma superfície e é mais difícil porque tens de te aproximar para ver os centímetros e é complicado e também o teste de agilidade também não fiz.
Case #5	Não, nos conteúdos, são os mesmos, temos feito jogo, ténis, estão à distância, estão sempre, montamos lá o campozinho, eles estão muito distantes, claro que, vamos também ser sinceros, claro que às vezes se juntam a menos de 3 metros, isso é inevitável, não vamos também, é tentar evitar ao máximo, dentro do possível, mas não é fácil em EF, na parte inicial da aula em que eram muitos jogos lúdicos

Entidades	
Case #2	ninguém concebe a realização de uma aula de EF mantendo os alunos numa situação dinâmica sempre a 3 metros de distância, mas nós conseguimos fazer, organizar situações em que os alunos possam estar mais próximos sem estar a respirar propriamente uns para cima dos outros.
Case #2	Um ponto importante é que realmente isto só é possível e eu foco a questão em relação às orientações da DGE/DGS para a realização do regime presencial das aulas de EF, é se realmente toda a higienização que está prevista seja concretizada e isso é preciso criar condições para que seja realmente isso aconteça e a higienização quer dos balneários quer a higienização dos materiais possa ser feita e aquilo que esta recomendação diz é que ela deve ser feita, para a gente sermos claros, seja feita sempre no final da aula, ou seja, durante a aula não se prevê nenhum tipo de higienização, é isso que está que se subentende, ou que está ou poderá subentender que pelo menos nós subentendemos em relação àquilo que está escrito nesta notas. Ah, há vários tipos de soluções, posso-vos dizer que há colegas que querem fazer. já como parte da da educação para a cidadania, se assim lhe podemos chamar, dos nossos alunos, o facto de eles de lhes ensinarmos a eles como é que se faz a desinfeção do material, pode ser um aspeto que pode ser também, pode ser também trabalhado, mas claramente aqui há, há responsabilidades que que devem ser assumidas por por por quem tem, no âmbito do plano de contingência a responsabilidade.
Case #2	Há a questão, essa parte está ultrapassada, nós não nos esqueçamos que aquilo que são as indicações é que os alunos levem para a aula de EF, ou que entrem para a aula de EF, como em qualquer outra aula, com as mãos desinfetadas, quer dizer que quando os materiais possam transitar, por exemplo, se dentro do ginásio estiver um professor, o processo de higienização das mão, é sempre possível fazer a transição do material de uma maneira bastante bastante segura, não vejo qual é o problema de um professor se aproximar de um aluno na ginástica, está vestido, em que o professor se aproxime de máscara, tem as mão desinfetadas, se aproxime para fazer uma

	ajuda simples, de um pino, ah, de uma subida para pino, mas isto sou eu e eu não sou a DGS, mas são estas coisas que nós temos de ir percebendo se são problemáticas ou se não são problemáticas, muitas das coisas que a DGS nos apresenta são questões que estão pensadas para o desporto de competição e
Case #2	a partilha de alguns materiais nas escolas é uma possibilidade, desde que os cuidados de higienização das mãos sejam conseguidos e, portanto, nós temos que perceber também aquilo que é as dinâmicas de cada uma das escolas e de o fazer.
Case #2	Uma coisa é dizer que os alunos têm que ir com máscara para a aula e tiram durante o esforço físico. Outra coisa é quando a tiram onde é que a põem, que é esta questão que a [nome] estava a dizer, que não é uma questão tão fácil como isso, se tivermos aulas no exterior e estar vento para a máscara ir logo, portanto, há um determinado conjunto de preocupações que nós vamos ter que abraçar em termos de decisões e ainda há pouco, como dizia, de facto quando é mais do que uma cabeça a pensar
Case #3	nos ajudam a garantir que os alunos interpretam e têm tempo para interpretar um conjunto de regras e claro que isso vai interferir com as aprendizagens e também com não criar aqui condições diferentes, relativamente à higienização, da utilização dos materiais diferentes para as outras matérias, não tem de ser diferentes, a ginástica neste aspeto é perfeitamente igual às outras, as preocupações que tivermos com jogos, lutas, etecetera, são as preocupações que teremos de ter com a ginástica.
Case #3	Aqui também vejo uma oportunidade, a oportunidade de o professor ter de estar sempre agarrado à ginástica, face a esta situação de pandemia, então vamos trabalhar também nesse sentido. Todos sabemos que temos de arejar as instalações, que ao ar livre todos corremos menos risco, que devemos garantir o distanciamento, que devemos higienizar mãos, superfícies, materiais, que o perigo está também na colocação das mãos na cara, eu diria que não existe ninguém melhor do que os professores de Educação Física para cumprir com estas recomendações, eu diria que os professores de Educação Física são os verdadeiros especialistas na organização, na gestão, na criação de rotinas e de hábitos de trabalho e, por isso mesmo não encontro ninguém que esteja mais apto a construir esta realidade.
Case #3	A máscara não poderá ser utilizada na ginástica? Eu julgo que sim, cada caso é o seu caso, mas, regra geral, aquilo que pedimos aos alunos não implica uma grande intensidade, a máscara também poderá ser um obstáculo entre as mãos, a boca e o nariz, portanto, eu diria que temos de aproveitar. É possível, de facto, também educar os nossos alunos na desinfeção dos equipamentos e materiais utilizados? Claro que sim. Já o fazemos na montagem e desmontagem de aulas, qual o problema de o fazermos na limpeza? Nós ensinamos dança, montamos coreografias, ouvimos músicas, esta rotina, no limite, pode ser uma coreografia que é desencadeada no momento em que se lança uma música qualquer, isto acontece em muitos clubes de ginástica, lança-se uma música e de repente toda a gente começa a limpar aquilo que se usou, uns pegam nos borrifadores, outros nos panos e preparam-se os materiais para serem utilizados pelo próximo grupo ou pela próxima turma.
Case #3	Vamos procurar com os alunos garantir que eles estejam defendidos, que eles estejam em segurança, através do quê? Através de uma higienização que é feita no nosso caso não sabemos se ela vai ser totalmente eficaz, mas vamos começar pro aí, os alunos ao entrar para o espaço da aula de EF têm um daqueles tapetes, tapetes húmidos e seco, ou seja, em primeiro lugar desinfetam os pés com o equipamento, com os sapatos que trazem próprios para a EF, mas desinfetam com o produto líquido e depois a seguir tem uma zona seca em que eles secam o sapato e desinfetam as mãos, e durante, durante a aula eles estão a trabalhar em grupo e à medida em que os grupos alternam há um momento em que cada um dos alunos ajuda na desinfeção do material ou do equipamento em que esteve a utilizar, sendo certo que optamos que o liquido é sempre o professor, o professor é que utiliza o líquido, os alunos têm panos de limpeza para o fazer, é pá,

	mas também não o sabemos se isto vai resultar, portanto vamos experimentar assim, vamos esperar que no final da aula tudo fique novamente desinfetado para os alunos que vierem a seguir têm o espaço devidamente desinfetado, e há uma coisa clara, é que todos os alunos vão participar nisso, sabemos que da parte de alguns pais tem havido alguma reação, mas a reação que já estava prevista e que já tinha acontecido anteriormente, essa reação foi claramente reduzida a zero pro parte da Direção e temos que ter também algum suporte de quem dirige e a Direção disse, não não, faz parte das regras que a escola instituiu os alunos participarem, os alunos colaborarem no processo de higienização, no processo de desinfeção e, é pá, venha o pai que vier, ah, venha o pai que vier, nós não abdicaremos disso, é pá, como veem, este é um processo ainda em desenvolvimento
Case #3	nos mais velhos estamos sempre a apelar ou apelamos a um calçado específico também para a prática de EF, mais aqueles cuidados de que vos falei, eles levam máscaras de reserva para a a aula, levam uma botija de água, para não nadarem para trás e para a frente nos balneários, levam uma toalha para se secarem, se estiverem muito transitados, hoje experimentamos uma zona de de desinfeção e também já vi aí, hoje experimentei com a [nome] e com o [nome] uma zona de desinfeção com uma toalha muito grande onde os miúdos iam chegando e iam deixando os materiais que utilizaram e depois passaram um borrifador, quase pulverizador por cima daquilo e envolvíamos dois ou três alunos na limpeza desses materiais e, portanto, foi uma coisa super prática, experimentamos de várias situações diferentes, vinha um grupo deixava, depois, entretanto experimentamos só um ou dois alunos que trazia de cada grupo o material utilizado e que deixava nessa zona para ser higienizado e, portanto, correu lindamente
Case #3	o caso da ginástica acrobática é um bom exemplo, o caso da ginástica acrobática é suficientemente inclusiva para conseguir acolher alunos com qualquer nível, seja porque no esquema, que é o jogo da ginástica acrobática, nesse esquema é possível incluir praticamente todos os alunos e, portanto, é um jogo em que qualquer aluno com as capacidades que ele conseguiu atingir ele consegue jogar. O que é que é necessário então fazer num caso destes? É necessário que em termos do grupo definam critérios que se ajustem a essa realidade e, mais uma vez, é preciso não esquecer que a ginástica tem, a ginástica não é toda igual, se olharmos bem para o quadro de composição curricular na ginástica, vão ver que há matérias que aparecem em determinadas alturas do currículo, há outras que estão sempre presente e há outras que em determinados momentos surgem, ou seja, há aqui um, a definição de prioridades que é clara e essas prioridades também não podem deixar de estar no elenco que nós fazemos daquilo que é o currículo de cada uma das escolas, esse elenco tem que passar por aquilo que é prioritário em cada uma das escolas, se nós fomos ver a ginástica no solo percorre do 1º ao 12º, está lá sempre, e, portanto, a ginástica no solo é alta prioridade, dificilmente ela poderá ser posta, ou pode ser substituída por outra, se fomos ver, há determinadas áreas da ginástica de aparelhos em que também percorrem todo o currículo e, por isso, estas, principalmente estas, são aquelas que ao serem prioritárias nós, tendo que fazer opções, não conseguindo fazer tudo, não tendo condições para fazer tudo, fazemos aquilo que é possível, mas sem esquecer as prioridades, sem esquecer aquilo que está no campo das prioridades e das capacidades que os alunos têm
Case #4	A proximidade e o contacto físico são pontuais ou ocasionais, portanto, na minha perspetiva, a melhor maneira de aprender é boa também para evitar o contágio. Trata-se destes procedimentos ou regras de comportamento serem transformadas em regras como as regras do jogo. É falta quando alguém não as cumpre. Tal como é falta quando se viola a área ou se faz drible ou passos. O que é que fica então a faltar? Fica a faltar eliminar a luta nos ressaltos.
Case #4	O que eu defendo é que de momento só pode haver ressalto defensivo, os atacantes após o lançamento ou remate não podem lutar pela posse de bola. Também na interseção. Se a bola não ficar na posse de quem tocou e cair ficando no seu raio de ação, é dele, ou seja, bola tocada é bola intercetada. Isto evita a luta pela posse de bola.

Case #4	No futebol, fica também a faltar proibir os passes por alto, embora nada prováveis no nível de introdução e proibir os cabeceamentos.
Case #4	Como já que referiu o futevólei, eu parece-me que o futevólei é um jogo que nós devemos utilizar muito, é muito bom, há aqui até uma espécie de interdisciplinaridade e em tempos de pandemia, se não for utilizada a cabeça é muito bom porque lá está, não deixa de ser um jogo desportivo coletivo, os jogadores de cada equipa cooperam entre si para melhor porem em causa os adversários que estão no outro lado da rede e mistura aqui o deslocamento para o ponto de queda da bola, o toque com precisão para dar continuidade ao jogo e pôr em causa os adversários e mistura aqui também skills que são do futebol, receber, amortecer para a bola poder ser jogada pelos colegas de equipa, tocar a bola com precisão com os pés para do outro lado da rede ser mais difícil e que pode ser jogado até facilitando, depende do nível dos miúdos, pode-se jogar permitindo um ressalto no solo, ou dois ressaltos no solo entre cada execução, portanto, dá para ajeitar a coisa em função do nível dos alunos e, portanto, o professor não sabia mas ainda bem que levantou aqui a questão do voleibol, por isso permite-me aproveitá-la porque me parece que é muito importante, é uma das coisas também que eu ensino aos meus alunos que o futevólei deve ser aproveitado inteligentemente, especialmente a partir de um determinado nível, podendo ser mais difícil com os alunos mais fracos, mas com os outros pode ser muito motivante e treinar coisas que são essenciais até no domínio da técnica lá está, em contexto.
Case #4	Depois a partilha dos materiais. Bom há aqui, eu diria, duas regras de ouro. E que os miúdos devem ser ensinados que se deve ter um cuidado acrescido e que pode ser muito importante, olha pode ter a ver com aquele aspeto da educação cívica que eu falei à pouco. primeira regra de ouro: não se pode tocar com as mãos na cara. Eles têm que aprender rapidamente que em contexto de aula, depois até podem transferir isso e é desejável que transfiram para o dia-a-dia, não podem tocar com as mãos na cara. E em segundo lugar, tem de se higienizar antes e depois. Vamos ver a situação de jogo. Na situação de jogo partilha-se uma bola. O que é que é importante? Higienizar a mãos antes de começar a jogar e higienizar as mãos quando se acabar de jogar e a bola pode não ser preciso, agora entra outro grupo e esta bola que foi utilizada sai. Que esta bola que foi utilizada tem de ser higienizada sim, não tem de ser no momento. Quer dizer, se está um grupo a jogar 3 contra 3, há que higienizar antes, ter o cuidado de não tocar com as mãos na cara nunca, é claro que isto tem que ser aprendido, até nós…
Case #4	Sim e quando acabou a situação, estiveram ali 10 minutos a jogar 3 contra 3, voltam a higienizar as mãos e a bola é substituída por outra. Vem outro grupo, o mesmo procedimento. E a mesma coisa, já agora, não é o tema da sessão, há-se ser o mesmo em relação aos volantes e às raquetes, não é, semelhante
Case #4	Mas reparem, nunca há cara a cara, isto parece que eles estão a cruzar, mas nunca há cara a cara. O cara a cara não existe, os jogadores estão sempre virados, os jogadores, os brancos para um lado e os pretos para o outro, estão afastados uns dos outros. Os que estão de frente uns para os outros estão cara a cara uns para os outros estão afastados, estão à distância
Case #4	Desculpem eu discordar da [nome], não estão não, nem estão muito habituados, nem nós. Porque tenho a minha imagem à frente, no momento em que eu disse que a regra de ouro, uma das regras de ouro era os alunos não levarem a mão à cara, eu fiz isto, no momento em que estava a dizer isso e estava a ver a minha imagem, portanto, isto mão é mesmo nada fácil, mas é uma coisa que pode ser educada, não para penalizar os miúdos que tocam na cara, não é, mas pode ajudar a cada vez tocarem menos na cara.

2.Avaliação

2.1. Atividades físicas

Resultado
As entidades sugerem a manutenção da estrutura de avaliação das atividades físicas e remetem quaisquer adaptações para as escolas, o que aponta que os conteúdos dos níveis podem ser alterados, mas a avaliação por níveis de desempenho deve ser mantida, assim como a referência de coordenação que oferecem – ainda que um dos fóruns encontre uma divergência critica. Os professores relatam que as experiências de avaliação são diferentes das de anos anteriores, perdendo-se, também aqui, o global; e que houve alteração descoordenada das normas de avaliação e classificação dos alunos: por um lado, o conteúdo dos níveis de desempenho foi alterado; por outro, as regras de mobilização de matérias e o número de níveis também.

Professores	
Case #1	Nós no primeiro período, enquanto houve aulas presenciais, nós não fizemos adaptações formais, digamos assim, aos nosso critérios, mantivemos os critérios, tivemos uma conversa entre o grupo de Educação Física, de forma a tentar equilibrar porque muita da avaliação está baseada no desempenho dos miúdos em situações, nos jogos desportivos coletivos em situações de jogo, o jogo está definido, os critérios para o jogo, para os níveis estão definidos e havendo essa impossibilidade de ter um jogo normal, digamos assim, portanto, houve uma conversa para tentarmos equilibrar a coisa e perceber que se não está a acontecer provavelmente poderá ser por causa do, pronto, das limitações e das restrições que estão a haver no jogo e, portanto, teremos de contabilizar na mesma, ou seja, nós vermos que aquele miúdo, naquela situação no jogo se calhar não está a fazer tudo, mas não está a fazer tudo porque, se ele tecnicamente é capaz esse tem as restrições, portanto o nível era dado na mesma
Case #1	Depois, no fundo, houve alguma tolerância, houve mais condescendência para atribuir alguns níveis, portanto, não eramos tão rigorosos, também já tínhamos conhecido, as turmas novas se calhar era mais difícil, mas as turmas que tínhamos conhecimento nós também já temos uma noção do que os miúdos fazem ou não fazem
Case #1	Mantivemos tudo como estava, embora não haja obrigatoriedade das matérias, ou seja, nós temos um conjunto de matérias nucleares e que, que todos temos de abordar, essas mantiveram-se, depois cada um, dento das suas turmas, pois, terá que analisar se vale a pena matérias alternativas ou não.
Case #1	Podem ser quaisquer matérias, sim, dada a limitação que houve na, por exemplo, na ginástica que era uma matéria que normalmente faz parte das obrigatórias, nós, portanto, libertamos, libertamos esse, aqueles critérios que normalmente implicam os tais dois coletivos, depois a ginástica, a dança e depois duas matérias alternativas, estão, estão, portanto, neste momento não estão a funcionar, eles poderão optar por aquelas que estiverem.
Case #1	Exatamente, exatamente, nós não chegamos a reduzir os níveis, somos é mais tolerantes, mais condescendentes para atribuir um determinado nível, porque achamos que eles estão limitados logo a partida e portanto, que não deveriam ficar penalizados por causa disso.
Case #2	Pronto, as adaptações ao processo de avaliação passam logo pela seleção dos conteúdos, porque se selecionamos conteúdos diferentes são avaliadas coisas diferentes. Não é avaliado, nos coletivos, não é avaliado o jogo formal nem as questões de, sei lá, imagina, estamos a falar de drible, estou-me a reportar ao basquetebol porque se calhar é mais fácil explicar, estamos a falar do drible de proteção, avaliamos o drible de proteção, mas, de uma maneira, o peso é menor, porque nós avaliamos o posicionamento dos jogadores, do atleta, do aluno, onde é que está a bola, se está abaixo, se não está, se o braço protege, se não protege, mas, em nenhum momento vai lá um colega

	tirar-lhe a bola, logo achamos que o peso percentual desses conteúdo específico tem que ser menor do que no passado, pronto, isto é a primeira questão da ginástica, como te disse, não fazemos, pronto, tem a ver com a seleção dos conteúdos, pronto, depois, em sentido contrário, aumentando, por exemplo, a prática no caso do atletismo, da dança, damos muita dança, aumentou-se a percentagem dada a esses conteúdos, isso foi feito em grupo
Case #2	Não, não. A regra daquele quadrozinho, dependendo dos anos, esse não está a ser cumprido, porque estamos a definir seja definir por período, não é, o que é que avaliamos, aliás, nem se definiu período, definiu-se por ano o que é que se avaliava e não se ligou, entre aspas, essa regra porque nem andamos todos no mesmo período, porque tem a ver com a rotação dos espaços, não podemos todos abordar e esse não está a ser feito,
Case #3	Houve, sobretudo, ah, a diminuição e matérias a avaliar. Ao nível do 3º ciclo só avaliamos as 4 melhores matérias e no ensino secundário limitamo-nos a avaliar 5 matérias, aliás, há anos em que os alunos podem fazer escolhas, por acaso nem estou a perceber bem se a regra é só escolher 5 matérias ou se continua a ser 6 e avaliar as 5 melhores matérias.
Case #3	De qualquer forma, os critérios para a seleção das matérias também mudaram, passam a ser 5 quaisquer matérias e não há obrigatoriamente a necessidades de escolhermos 5 matérias, 2 dos JDC, uma da ginástica ou do atletismo, uma da dança e duas das outras, Ah, a única regra é que só podem ser no máximo 2 JDC, mas depois aceitamos quaisquer das outras, não tem, sem limitações, portanto, há, de facto, consequências e impactos na avaliação. Há um aspeto importante, tem a ver com a natação, que é uma atividade em que os alunos muitas vezes alcançam os melhores resultados do desempenho. Este ano só as turmas do 9º ano estão a ter natação e isso prejudica os alunos do 10º ano, do 11º e 12º ano, que poderiam ter melhores classificações e para eles é importante devido ao acesso ao ensino superior
Case #3	Por acaso há pouco não falei, mas também alteramos a composição dos níveis de desempenho, por exemplo, no basquetebol, quase basta fazer passe e corte e lançamento na passada para se obter o nível elementar, portanto, foi retirado o que implicava contacto físico. Então, quando eu atribuo 10 valores a um aluno isso não significa que ele tenha alcançado as aprendizagens essenciais, esse 10 valores seria 6 ou sete em anos com funcionamento normal.
Case #4	No plano presencial, nós mantivemos o mesmo, os mesmos critérios de avaliação, mas, no entanto, sabíamos que havia ali matérias que não poderíamos lecionar, por exemplo, algumas que colocamos logo de parte, como eu já disse, algumas partes da ginástica, não é, ah, o judo, também nós também lecionávamos e deixamos de lecionar o judo, não foram muitas, mas pronto, tudo o que pudemos abordar e dar nós fizemos e os alunos foram avaliados
Case #6	Em relação à avaliação nas modalidades, enquanto se calhar antigamente dar-se-ia um bocadinho mais de atenção com a avaliação relativamente ao conhecimento do jogo e ao conhecimento do jogo, aqui nestas circunstâncias já é muito mais ligada aos aspetos mais técnicos, ou seja, por exemplo, no basquetebol mais se executa bem o passe, faz o lançamento na passada, sabe executar o lançamento, será um bocadinho mais isso do que propriamente avaliar o conhecimento do jogo, se faz o lançamento na passada, se sabe criar linhas de passe, se sabe posicionar-se em campo, se pensa taticamente, aí como, como também não foi abordado o jogo em si nas aulas, é difícil também ter em conta o jogo como elemento de avaliação, terá que ser um bocadinho mais nos aspetos técnicos de avaliar.

Entidades	
Case #1	No que diz respeito á avaliação, nós temos, claramente a possibilidade de ver, observarmos alguns desempenhos síncronos ou assíncronos por parte dos alunos e o registo eventualmente de alguma autoavaliação que eles possam fazer, por exemplo sobre práticas que façam nos seus tempos livres, eventualmente, aqui estou a por apenas hipóteses, consulta de um diário do plano de trabalho do aluno, mas perde-se aqui claramente aquilo que é nobre nesta área das atividades físicas, que é a própria atividade física.

Case #1	obviamente, que não podemos dizer que as áreas das atividades físicas não podem e não devem ser avaliada, o que nós temos dito sempre é que temos que garantir, ah, neste, neste processo o cuidado de não estar a avaliar, ou de estar a avaliar algo que não é possível que os alunos desempenham ou desenvolvam em toda a sua plenitude
Case #1	Na minha perspetiva, não me parece nada justo que além das diferenças que existam atualmente na escola até hoje, que em pleno, em plena pandemia em que as oportunidades de aprendizagem e a desigualdade de tratamento das matérias para os alunos foi completamente agudizada e extremada, nós para sermos bem comportados e administrativamente corretos relativamente ao patrão consigamos tecnicamente inventar formas de avaliação que vão dar classificações aos alunos que nada têm a ver nem com processo s efetivos de avaliação, nem com processos efetivos de aprendizagem, porque, reparem, a área das atividades físicas não se chama atividades físicas, mas aprendizagens das atividades físicas e a área da aptidão física é de avaliação de aptidões, não devia ser classificada por níveis, nem devia ser classificada dando mais valores a quem faz mais percursos, é por nível de saúde e a área dos conhecimentos devia ser interdisciplinar em conselho de turma e não é feito nada disso, os professores fazem a área dos conhecimentos são as regras das modalidades, não é isso que está no programa, portanto, fazem mal, isso deve estar integrado na aprendizagem das atividades, na aprendizagem das atividades está inviabilizada este ano, querem dar notas e querem dar notas sobre a aptidão física que é completamente incorreto porque essa sim é que reflete capacidades que são incontroláveis pelo professor, umas são controláveis outras não, mas são globalmente controláveis, portanto, nós vivemos aqui numa boa oportunidade para enfrentar e confrontar os problemas com realismo e com frontalidade e não com definições académicas nem voltar aos slides do 1º ou 2º ano da formação inicial ou do mestrado para tentar resolver problemas de hoje que essas definições já não cobrem, portanto, o meu apelo é que nós coloquemos problemas e tentemos argumentar soluções.
Case #1	uma coisa que nós já dissemos que é a caraterística dos critérios de avaliação de cada uma das escolas, estar a falar em pesos de ponderação de domínios, aquilo que é o são critérios de avaliação na lógica das orientações metodológicas e das normas de referência dos programas, as ponderações não existem, não é, e portanto, existem a atribuição de níveis às atividades físicas, depois condições de ser apto ou não ser apto na área dos conhecimentos e
Case #3	É um facto que nós, neste momento, temos de equacionar aquilo que é o currículo na lógica do currículo como ele está desenhado e como ele está organizado, portanto, nas condições em que estamos temos que fazer aqui adaptações, temos de fazer aqui ajustamentos àquilo que o currículo, nomeadamente as normas de avaliação, ou seja, é impensável conseguirmos chegar a determinados níveis de desempenho dos alunos, não é, como está previsto, por isso, não é ah, não é mudar e arranjar agora novos objetivos e mudar o currículo, não, é reequacionar aquilo que são exigências em função das condições que nós temos e isso, em mutos casos, não está a ser feito, ou seja, estamos a pensar que estamos a conseguir atingir o mesmo nível nestas condições e o problema é das condições, não, o problema é que nestas condições nós não conseguimos,
Case #3	o caso da ginástica acrobática é um bom exemplo, o caso da ginástica acrobática é suficientemente inclusiva para conseguir acolher alunos com qualquer nível, seja porque no esquema, que é o jogo da ginástica acrobática, nesse esquema é possível incluir praticamente todos os alunos e, portanto, é um jogo em que qualquer aluno com as capacidades que ele conseguiu atingir ele consegue jogar. O que é que é necessário então fazer num caso destes? É necessário que em termos do grupo definam critérios que se ajustem a essa realidade
Case #3	ah, é por isso é que o programa é um programa flexível que permite mesmo até no 12º ano os alunos estarem a fazer habilidades gímnicas que correspondem ao nível introdução ou habilidades gímnicas que correspondem a níveis mais mais baixos, agora,, os critérios, os critérios, os critérios que cada grupo definir é que têm que ser inteligentes ao nível de criação de critérios para que todos os alunos se sintam integrados, ah, dificilmente, dificilmente haverá uma resposta muito concreta para esse problema dos alunos mais velhos se não forem equacionados também aquilo que foi o percurso deles anterior, aquilo que foi o percurso deles anteriormente e e a forma como ele for ajustado, não

	vejo grande solução, portanto, só fazemos aquilo que é possível, se não é possível fazer, é pá, não fazemos, não vamos agora fazer mal, não é, não vamos, não vamos fazer coisas incorretas quando não temos condições para as fazer, agora as condições, temos que pensar muito bem, quer dizer,

2.2. Aptidão física

Resultado
As entidades aconselham a manutenção da avaliação da aptidão física, com a ressalva da prevenção de desigualdade de oportunidades dos alunos. Os professores relatam atitudes diferentes da avaliação da aptidão física ao longo do ano, conforme tenham apostado mais em tarefas práticas ou teóricas durante o confinamento. Porém, no termo do ano, a referência manteve-se a bateria fitescola.

Professores	
Case #1	Na aptidão física aquilo que fazemos em ensino presencial é atribuir uma classificação em função dos testes do fitescola, em função dos testes que eles atingem, se estão na zona saudável ou não, no segundo período aquilo que nós fizemos foi, no fundo, foram algumas tarefas de avaliação, trabalhos que eles tinhas de fazer, que envolviam o trabalhar com a plataforma fitescola, portanto, mantivemos a ligação ao fitescola, obrigamos, entre aspas, os miúdos a inscreverem-se na plataforma, a trabalhar, a retirarem relatórios, a analisarem os relatórios que tinham do primeiro período, os resultados que tinham no primeiro período e fizemos, trabalhar no sentido de, pronto, tens este relatório que te dás qui uma série de informação e agora elabora aí um trabalho, um plano, para melhorares os resultados que tens aqui e foi nessa perspetiva. Passou a ser uma avaliação teórica, um trabalho teórico, mas ligado àquilo que tínhamos feito no primeiro período, no fundo, retirar o relatório dos resultados do primeiro período, para poderem analisá-lo e trabalhá-lo para depois o analisarem para a avaliação.
Case #2	Aumentamos, já tínhamos isso previsto, a percentagem dada ao que nós dizemos normalmente o domínio sócioafetivo, atitudes e valores, ou seja, o que se avaliou foi se o aluno cumpria ou não cumpria, se fazia as rotinas, se ensinava os vídeos, se tinha tempo efetivo de prática não se avaliou o efeito daquilo sobre o organismo, isso foi deixado para o 3º período e houve a discussão se íamos fazer mal chegassem no confinamento no início de abril ou no final do ano, em junho, foi deixado para o final do ano, entendemos deixar, juntar a esses dois meses de confinamento com estas síncronas e todo o trabalho assíncrono juntar estes dois meses de prática de abril e maio e no início de junho então sim, aplicar os testes do fitescola, toda essa bateria, para ver até que ponto é que se conseguiu minorar o, toda esta período de pausa, pronto, essas foram as principais adaptações que te estava a dizer
Case #2	os testes da aptidão física contam mais este ano do que no ano passado, eu não estava cá mas o que foi indicado é que valeria menos o ano passado.
Case #3	Depois há outro impacto que para mim é visível e notório, que tem a ver com a aptidão física, ou seja, nós não alterámos os critérios da avaliação da aptidão física, ao nível da escola e isso não foi alterado, mas na realidade tenho que reconhecer que os alunos estão em menores condições para serem efetivamente avaliados, já que eles passaram muito tempo em confinamento, antes do confinamento havia interrupções sistemáticas nas aulas, por exemplo, ao longo do 1º período eu estive durante uma semana em casa em confinamento e tive várias turmas que estiveram também uma semana em casa, isso provocou interrupções sistemáticas, ah, o que significa que os alunos não estão a ter acesso àquilo que é necessário para serem avaliados corretamente ao nível da aptidão física, ou melhor, não estão a ter acesso às aprendizagens que serão avaliadas, não praticam, não treinam, e mesmo este

	tempo que falta de 2 meses não creio que vá ser suficiente para nós lidarmos com todas as matérias que temos de lidar e as aprendizagens e, ainda assim, nos dedicarmos seriamente à aptidão física.
Case #4	Em termos da aptidão física, e dos testes da aptidão física, não é, nós aplicamo-los todos porque foi possível trabalhar, porque, pronto, não, não exige que os alunos estejam muito próximos, muito em grupo, trabalharam dois a dois, que é o normal e para cada um dos testes e pronto, conseguimos fazer essas avaliações.

Entidades	
Case #1	Já na aptidão física nós encontramos, apesar de tudo, algumas condições que se possam que podem, que se pode dizer, forram menos afetadas e aqui consideramos que há algum possibilidade dos alunos trabalharem as capacidades físicas, referenciadas ao fitescola, que é o que temos hoje em vigor como suporte a esta área, apoiado em metodologias de sessões de treino também elas síncronas, eventualmente até assíncronas, a conceção de planos de treino, a elaboração, a organização de concursos, de competições, por exemplo, debates sobre as questões relacionadas com a aptidão física e que os ajuda a compreender mas, no essencial, quero dizer que é possível avaliar alguns dos aspetos da atividade física, desculpem, da aptidão física, com exceção de alguns que exijam algum material um pouco mais elaborado, normalmente existe nas escolas mas não existe em casa.
Case #1	e que aquilo que poderiam ser elementos de trabalho seriam ao nível da aptidão física e dos conhecimentos, mas mesmo ao nível da aptidão física nós temos que ter o cuidado de algumas coisas que eu já disse há pouco, de garantir as condições para que os alunos possam desenvolver a aptidão física, que neste contexto também ah não é fácil e que áreas da aptidão física que capacidades é que são possíveis de ser trabalhadas e, volto a dizer, que é isso que estamos a falar e avaliadas.

2.3. Conhecimentos

Resultado
As entidades aconselham a manutenção da avaliação dos conhecimentos. Os professores relatam que não houve alterações nesta área. Contudo, há que relacionar os dados com a aprendizagem no confinamento, que indicam que o proveito foi escasso.

Professores	
Case #2	Ah, durante o confinamento, sim, sim, já estou, ou seja, aumentou a percentagem portanto indo à tua questão, a percentagem dada aos conhecimentos aumentou, aquela área dos conhecimentos, que às vezes as pessoas confundem os conhecimentos com a parte, com a regras da parte da atividade física, são, pronto, estou a falar mesmo naquela parte, a aptidão física e saúde, os jogos olímpicos, pronto, aquela parte específica, foi aumentada a percentagem pronto, feita com trabalhos pedidos em tempos assíncronos,
Case #3	Pois, aí não mudou nada. Os alunos tiveram bastante tempo para aprender e a avaliação manteve-se exatamente igual, pronto, com mais tempo, provavelmente mais aprofundado
Case #4	e, até agora, pronto, tudo o que é presencial temos aplicado os critérios que aplicávamos anteriormente, depois quando viemos para o

Entidades	
Case #1	Na área dos conhecimentos, porventura, a menos afetada, nós claro que temos como referência o perfil do aluno e as aprendizagens essenciais, mas, no essencial, não se pode dizer que haja uma grande transformação daquilo que era o objeto de aprendizagem no ensino a distância. Em termos metodológicos voltamos a ter a possibilidade de …….. apresentação ….. atividades de estudo autónomo individual ou em grupo … alguns outros, algumas outras metodologias de abordagem e trabalho que podem ser exploradas. No que diz respeito á avaliação, voltamos a ter aqui um conjunto de, relativamente vasto de oportunidades que nos permitem recolher dados sobre o modo como os alunos veem as temáticas tratadas, mas também através disso perceberem qual o grau de complexidade com que eles pegam nesses assuntos e os transportam para as suas vidas ou sabem refletir sobre elas.
Case #1	Nós sempre dissemos que neste contexto a área das atividades físicas estava praticamente impossibilitada de ser analisada e que aquilo que poderiam ser elementos de trabalho seriam ao nível da aptidão física e dos conhecimentos

2.4. Referenciais de avaliação e acesso ao ensino superior

Resultado
As entidades evitam a situação da classificação da disciplina (apenas no confinamento são taxativos da impossibilidade de cumprimento de critérios programáticos de sucesso). Sugerem, na sequência do confinamento, que sejam aproveitadas informações de anos letivos anteriores. Para além disso, as entidades parecem evitar propor alterações aos referenciais de coordenação nacional da avaliação e dispensar qualquer intervenção que traga visibilidade para o problema da avaliação da disciplina. Os professores revelam-se desconfiados quanto á possibilidade de as classificações da disciplina traduzirem aprendizagens semelhantes porque não houve referenciais nacionais que coordenassem as escolas. Paralelamente também assumem critérios tendentes a subjetivamente, não prejudicar os alunos.

Professores	
Case #1	Eu, eu, ah, eu, sinceramente, não estou muito preocupado com isso, porque mesmo não havendo nada, vamos imaginar que estamos no ano anterior à pandemia, a diversidade de critérios de avaliação, a diversidade de perspetivas sobre a avaliação em Educação Física é tão grande, que essa comparação fica, está sempre sujeita a reparos, não é, ah, portanto, eu não estou muito preocupado com essa situação porque já anteriormente à pandemia isso era bastante evidente, basta haver, nós por acaso ali na minha escola temos uma, temos uma forma de avaliação que tenta ir ao encontro daquilo que está estabelecido tanto em termos das aprendizagens essenciais como dos programas de Educação Física, mas nós somos a única, o único agrupamento no concelho que o faz assim, e portanto, logo aí, à partida, as coisas já não estão equiparadas e já não estão niveladas de uns miúdos para os outros, quanto mais a nível do país, portanto, eu acho que isso aí…
Case #1	Eu acho que a pandemia até vai levar a uma maior benevolência, digamos assim, de toda a gente, mas o que é facto é que com pandemia ou sem pandemias diferenças já são à partida tão grandes, portanto, a pandemia não veio agravar nada, não tem influência nenhuma tendo em conta o panorama nacional, tendo em conta o panorama nacional e a experiência que eu tenho tido, agora já ultimamente eu tenho estado aqui à já dez anos, onze anos que estou aqui nesta escola, antes disso estive em várias escolas e as diferenças eram muito significativas e que impossibilitaram qualquer comparação do que é um 18 ou um 17 a Educação Física de umas escolas para as outras, porque os

	critérios são tão dispares que eu penso que isso fica muito complicado, lá está, porque a maior parte das escolas onde eu estive não avalia de acordo com o que está estabelecido em termos de aprendizagens essenciais e com os programas de Educação Física.
Case #1	Depois no segundo período é que modificamos, quando passamos para o ensino à distância tivemos que modificar os critérios de avaliação, deixamos de ter a prática e, portanto, na parte das atividades físicas e na parte da aptidão física mudamos muito os conhecimentos manteve-se e depois, aquilo que nós decidimos foi assemelhar um pouco este segundo período àquilo que é a avaliação dos miúdos com atestado médico, no fundo que não podem fazer a parte prática da aula e, então, acabamos por atribuir percentagens em cada uma das atividades, uma percentagem mais próxima para as áreas das atividades físicas, depois uma percentagem ligeiramente menor para a aptidão física e para os conhecimentos.
Case #1	No terceiro período voltamos às condições normais. Aquilo que está pensado é que o primeiro e segundo período, primeiro e terceiro período, aliás, vão valer dois e o segundo período vai valer, depois vamos fazer ali uma média
Case #1	De qualquer das forma, nós também, neste segundo período, entre nós, no grupo de educação física também tivemos uma conversa e fizemos, asseguramos que não havia descidas muito significativas nas notas, ou seja, mesmo que os miúdos tivessem uma descida mais do que dois valores, tentamos procurar que isso não acontecesse, a não ser que o miúdo tivesse mesmo, portanto, negligenciado a sua prática, deixasse de fazer trabalhos, ou que não entregasse nada, esses teriam de ser, de alguma forma, pronto, responsabilizados por essas atitudes. Aqueles que tiveram dificuldade e que não conseguiram etecetera, nós mantivemos ali uma nota pelo menos até dois valores desciam, mais do que isso não permitíamos.
Case #2	Agora de repente eu não estou a ver se há algo, uma perspetiva, alguma questão que ache que poderia ser abrangida também, de repente não estou a, talvez, talvez olha, relacionado com essa questão que me estavas a perguntar, é que a EF deve ou não ser tida em conta na avaliação das médias internas, no acesso ao ensino superior, o acesso ao ensino superior é uma uniformização, ou seja, quer-se e percebe-se, a nível nacional uniformizar algo, mas que não foi uniformizado na raíz, quando estamos a falar da minha escola que deu um terço das aulas síncronas e outras escolas que deram todas as aulas síncronas e houve escolas que não deram nenhuma aula síncrona, ou seja, não houve uniformização ao nível isto é apenas um aspeto, mas em tantos outros aspetos que não há uniformização das escolas, depois no fim quer-se uniformizar tudo e tem que haver alguma coerência, não é, se queremos uniformizar tudo então vamos uniformizar, não estou a dizer que tem que ser feito, mas, ao menos, que haja essa coerência dessa uniformização, porque o que foi muito deixado a cargo dos professores e eu senti logo muito isso no ano passado foi, houve logo aquelas diretivas gerais, pronto, da DGAE, da DGEST e depois, basicamente, foi aquela folhinha que dizia tudo para a educação, dizia tudo mas não dizia nada, normas muitos gerais e depois cada escola interpretou aquilo da forma que quis. Há escolas que simplesmente proibiram, não há nada de basquetebol, não há nada de voleibol, não há nada de andebol, outras como a minha assumiram esta posição, há mas com certas adaptações. Ora se foi dada esta liberdade, que para mim não é uma questão de liberdade, foi desresponsabilização da tutela, se foi dito, não, olha, desculpa o português, amanhem-se façam o que entenderem, disfarçado de autonomia, depois não se pode, a jusante, não se pode estar a querer uniformizar algo que já está, pronto, que já é heterogéneo, que já é disforme desde o início, por isso não faz sentido.
Case #2	ou seja, aumentamos a percentagem dos conhecimentos durante o confinamento, em termos de atitudes e valores aumentamos, mas nos valores não era bem se o miúdo era bem comportado ou mal comportado, era se se empenhava, se realizava as tais tarefas assíncronas práticas, e pronto, em termos de alterações, resumindo, foi isso.
Case #3	Vamos ver se eu consigo explicar quanto a isto. Estes alunos que estão no 11º ano e no 12º ano passaram parte do 3º ciclo a saber, a pensar que a média da classificação, que a média, que a classificação de EF não iria ser contabilizada para a média. Quando chegaram ao 10º ano, salvo erro, ficaram a saber que afinal iria ser. Estão agora no 11º e 12º ano e viveram um 10º ano ou um 11º ano

	com muito pouca EF, passaram o 3º ciclo a pensar que a EF não ia ser contabilizada, então se ela não for contabilizada de facto não se perde muito, até porque como disse, os alunos curiosamente estão empenhados, atentos, estão a praticar, estão a ser compreensivos, dentro das limitações possíveis, mas não devia ser contabilizada ainda por um outro motivo, é que eu não sei o que é que está a acontecer nas outras escolas, na minha escola nós reduzimos as matérias para 5 e não fizemos alterações na aptidão física, mas nas outras escolas eu não sei o que é que está a acontecer, portanto, não há referenciais, que sejam aplicados em todo o país, acho eu
Case #3	Pelo menos, e cada escola pode estar a fazer diferente, por exemplo, pode haver escolas e que estejam a contar as 4 melhores matérias e a lecionar 6, ou as 3 melhores matérias, pode haver escolas que possam estar a interpretar de forma diferente a aptidão física dos alunos e na minha escola ela está ser contabilizada como sempre foi e essa ausência de garantias devia justificar, também, a ausência de classificação de EF
Case #4	porque se tem em conta, com certeza irão ter em conta o facto de que a culpa não é dos alunos, não é e vão, se calhar é possivelmente vão valorizar aquilo que fizeram, aquilo que foi o trabalho que fizeram, as aprendizagens efetuadas, pronto, e eu penso que se calhar em termos de classificação não se irão prejudicar os alunos por isso, até porque nós vimos pelo ano passado, pelo que ouvimos nas notícias, as notas ficaram sobrevalorizadas, porque atendendo à situação, agora, é claro que a classificação às vezes pode não refletir a aprendizagem em si, se foi feita na sua totalidade ou não, aqui dos nosso, do 3º ciclo, para o secundário, alguns vão, vão passar com algumas lacunas,
Case #5	O que nós falamos é que os alunos empenhados não devem ter qualquer consequência negativa, e depois temos também de ter bom senso, não é, o bom senso deve prevalecer sempre e os alunos também não devem ser prejudicados, não é, esta situação, depois, a classificação da disciplina, claro, independente da sua organização será sempre dependente das prestações dos alunos e sinceridade do professor, é como é óbvio, mas é preciso, é bom senso acima de tudo, é fundamental que os alunos conheçam sempre bem os parâmetros pelos quais estão a ser avaliados, acho que é importante, também é importante responsabilizar e motivar os alunos para a prática, também que acho que é, valorizar a atividade física.
Case #5	Agora não há umas linhas orientadoras e acho que falta isso, também, acho que é uma coisa importante, umas linhas orientadoras do ministério, falta, acho que é uma coisa que falta, que falhou, houve normas, muito bem, normas, mas a nível de aprendizagem não houve linhas orientadoras e ti deves falar com muitos colegas e cada um deve ter ideias muito diferentes, não há linhas orientadoras, mesmo aqui dentro do meu agrupamento, dentro disso que eu te disse, e sempre respeitando as normas temos feito algumas coisas diferentes, não é.
Case #5	porque uma pessoa há coisas que não consegue controlar, depois em pandemia, estás em casa, não sabes o que é que eles, muitos colegas meus fazem aquelas aplicações em que eles vão caminhar, andam, até podem ter sido deles, não é, não há muito rigor, não há uma avaliação direta e muitos, sabes perfeitamente também, muitos, em todas as disciplinas são ajudados a fazer trabalhos, até às vezes são os pais a ajudar, não é fácil, isto é estar completamente acho que as avaliações este ano vão ser muito, não vão ser reais, acho que, estou aqui a dizer, até posso estar a dizer uma asneira, estou a dizer aquilo que penso, senso comum, dentro daquilo que estou a imaginar
Case #5	Sim, sem dúvida, sem dúvida, mas é geral, acho que as orientações superiores, acho que foi muito, eles mandaram, uma série de regras e depois uma pessoa que se adaptasse, basicamente foi isso, não é e é a realidade, também falo com colegas de outras escolas e cada um trabalha de uma maneira diferente, dentro destas normas, atenção
Case #5	tive 3º ciclo, mas dos anos anteriores, todos os anos a questão das médias, vão os colegas e tem havido problemas com as médias, imagina agora este ano, eles andaram aí um bocado complicados, a mudar os critérios de avaliação, a tirar a parte de atividades desportivas, aqueles 50% não se contam, outros, não é, depende das, eles tiveram, trabalharam mais a parte das atitudes e valores, dos conhecimentos Ah, portanto, mudaram as ponderações, foi isso, aumentaram… Mudaram, mudámos, mudamos os critérios.

Case #5	Puseram mais nas atitudes e valores? Na pandemia, hã, diz, diz? Puseram mais nas atitudes e valores? Sim, e no conhecimento, sim, nas atividades desportivas e na aptidão física, na aptidão física houve, no segundo confinamento já era mais fácil trabalhar essa parte, mas é difícil, não estamos junto a eles, é difícil corrigir, não é fácil, mas tentamos fazer, gerir e como todos os colegas não foi fácil, não foi nada fácil, foi o possível.
Case #6	Eu creio, eu aí a coordenação deverá, deveria vir um bocadinho de cima, mas do ministério, porque embora, embora, lá está, 6º, 5º, 6º, 7º, 8º, como não conta, as notas não contam para acesso ao ensino superior, uma diferença entre um aluno ter um 4 ou ter um 5 não é a mesma coisa que um aluno ter um 15 ou 18, não é, agora, devia haver algumas normas nacionais de forma a que todas as escolas procedessem da mesma forma e que nenhum aluno fosse prejudicado em termos de acesso ao ensino superior por estar numa escola que fez a avaliação de uma forma, a outra fez da outra, uns abordaram, não se levaram conta o processo mais de prática da disciplina, os outros só tiveram acesso mais ao teórico, porque nós sabemos perfeitamente que muitos alunos, há muitos alunos que têm alguma facilidade no, podem ter muita facilidade no ensino mais teórico e depois que no prático tinham umas dificuldades e eu crio que terá que ser valorizada os dois aspetos, mas aí e tendo em conta que é um concurso depois nacional, eu acho que no ensino secundário as indicações para a nossa disciplina deveriam ser um bocadinho mais nacionais
Case #6	Ok. Pronto, a avaliação de conhecimentos, está a ser um bocadinho mais, eu cerio que valorizada tendo em conta as circunstâncias atuais, ou seja, se eu não posso praticar exercícios físico, sobretudo no primeiro período, no final do primeiro período e no ensino à distância, no ensino à distância basicamente a avaliação que foi feita é uma avaliação de conhecimentos, foi, foram dadas algumas aulas teóricas online, depois o preenchimento de alguns questionários até com a plataforma do googleforms, foram feitos alguns questionários

Entidades	
Case #1	a continuidade da avaliação, facto de a avaliação ser continua tem que garantir que aquilo que é uma classificação que é apresentada no final do 2º período é uma classificação que traduz o desenvolvimento do aluno ao longo de todo o tempo desde setembro, eu diria mais, era importante que nós tivéssemos a capacidade de recrutar para este momento avaliativo todo o conhecimento que temos do aluno num período que foi o 1º período ou em quatro períodos para o caso do aluno estar no 6º, no 8º ou no 11º ano, ou de, ou 10 períodos para o caso do aluno estar no 9º ano ou 12º ano, portanto, nós teremos um conhecimento do aluno que nos permitirá recrutar informação para ajuizar neste período, porque este período é este tempo de confinamento traz-nos aqui um desafio de impossibilidade de ser resolvido de uma forma objetiva, ah, a integração da avaliação no regime presencial para mim é, é, perfeitamente, é aquilo que tem que acontecer, ou seja, aquilo que vem de trás leva-nos, neste momento, a poder considerar alguma parte do trabalho agora desenvolvido, nomeadamente na área dos conhecimentos, já vimos na semana passada que pode ser este, pode ser o momento para aproveitar para resolver o trabalho dentro da área dos conhecimentos e recrutar informação que retiramos do desenvolvimento dos alunos na área dos conhecimentos, que essa sim é possível de ter dados diferentes daqueles que a área das atividades físicas me pode trazer e trazer essa informação para dentro da classificação que eu tiver que atribuir no final do 2º período.
Case #1	Muito importante mais uma vez que nós percebemos, eu acho que mais do que não dar a classificação é tornar claro, muito claro dentro das nossas escolas que nós estamos numa condição, numa situação difícil, mais difícil que qualquer outra disciplina eu acho que isto nós, temos falado sobre isto, aliás uma das coisas que gostaríamos de convosco partilhar e de apelar era que associado à classificação do 2º período pudesse haver de alguma forma declarações para a ata quer dos conselhos de turma, mas essencialmente o conselho pedagógico que esta classificação do 2º período que está ao arrepio daquilo que eram as normais possibilidades do, da da classificação da disciplina e é muito importante neste contexto que nós tenhamos também a capacidade de definir concretamente o que é que nós, o que é que era esperado que os alunos tivessem nesta altura do

	campeonato em termos de aprendizagem, desde o início do ano até agora, o que é que era possível que os alunos tivessem e que o juízo também pudesse partir desse pensar o que é que estaria em causa até agora desde o início do 1º período. Mais uma vez, reforçar a ideia de que devemos considerar a continuidade da avaliação em todo este processo enão olhar só para o problema da classificação, tendo em conta o momento do confinamento.
Case #1	Aliás acho curioso que hoje em dia tenhamos sido os primeiros a afirmar essas realidade apenas possível em regime presencial, logo em março e abril do ano passado quando concretizamos as orientações para a realização em regime presencial das aulas práticas de EF e agora quase todos os membros da comunidade educativa defendem esses facto como incontornável para o efetivo sucesso escolar, daí a necessidade e a nossa indicação para evitarmos uma não-avaliação e consequente uma não classificação neste segundo período, mas ao mesmo tempo ao avaliarmos e classificarmos conforme já foi dito, podemos e devemos ter em conta o conjunto de argumentos preferencialmente decididos em grupo que justifiquem essa nossa opção e que deve estar registada em ata de reunião de conselho de turma e reforço e sublinho na dúvida nunca podemos devemos prejudicar qualquer aluno nesta situação de pandemia, uma situação que é completamente atípica em termos do nosso processo de ensino

Entidades	
Case #1	Isto acho que é uma questão que já foi colocada por muitos colegas, não só este colega de Viseu, em relação à alteração de critérios de avaliação. Nós diríamos o seguinte, quanto menos mexermos naquilo que são os critérios de avaliação neste contexto, melhor, ah, não nos parece que seja muito importante fazer grandes revoluções nos critérios, face a um contexto que é de total anormalidade, isto depois também está muito dependente daquilo que são os critérios, ou como é que estão formulados os critérios da EF nas várias escolas
Case #1	Numa lógica da organização de critérios de avaliação, em que a avaliação tem o princípio da continuidade e que seja representada a partir de um contexto de avaliação inicial e que depois se vai desenvolvendo em processos de avaliação formativa, um critério de avaliação e, ou melhor, um critério de classificação apenas está definido para o final do ano letivo, sendo que os períodos intermédios nos dão a distância que o aluno pode estar ou não estar daquilo que é o objetivo final para esse ano. Nesse contexto, não há necessidade de alterar os critérios de avaliação, sendo que aquilo que são as indicações que se retirarem pro exemplo da área dos conhecimentos podem ser alocadas em conjunto com aquilo que é o juízo que trazemos do desempenho dos alunos na área das atividades físicas e da aptidão física do 1º período e, portanto, nós não, temos de ter aqui o grande cuidado de não comprometer muito aquilo que é a hipótese de trabalharmos presencialmente e acho que a grande preocupação da classificação neste segundo período é exatamente ter, ter este cuidado da classificação não alterar muito daquilo que são as possibilidades que vem ainda, ah, vem a ser feito e, nesse sentido, acho que mexer o menos possível tentando articular aquilo que são as informações que agora conseguimos retirar, dentro daquilo que é um trabalho de continuidade desde o princípio do ano.
Case #1	Colegas a perguntar se efetivamente este ano há condições ou não para haver, para haver INTERRUPÇÃO foi aqui, pus aqui o dedo em cima do cursor e isto desligou-se, estava a dizer que há aqui colegas a perguntar se existem efetivamente condições, condições para haver, para haver avaliação na disciplina de EF neste ano letivo alguns a perguntar se devia haver avaliação agora neste, neste 2º período ou para quem funciona, para quem funciona em períodos. Já se falou um pouco sobre isso, mas talvez fosse bom dar uma nota que, que a avaliação, no fundo é sempre informação importante para quem, para quem está no processo de ensino-aprendizagem, mas gostaria que um dos meus colegas pudesse de alguma maneira pudesse falar um pouco sobre isto.
Case #1	Por outro lado, a minha opinião, isto não está propriamente discutido entre nós, mas, sinceramente, aquilo que me parece é que há condições para avaliar, sendo que aquilo que se avalia é, mais uma vez, aquilo que se ensinou, aquilo que se trabalhou e aquilo que se ofereceu aos alunos, como

	oportunidades de de aprendizagem e, portanto, nessas condições há sempre alguma, algum juízo que o professor possa fazer, claro que recolhidas as informações necessárias de uma forma um pouco mais cuidada e mais atenta sobre o que foi possível o aluno manifestar que aprendeu. A ênfase que eu colocava aqui foi este quadro em que discutimos as metodologias e aos instrumentos de recolha em que têm que ser devidamente selecionadas para também não cairmos no erro de procurar uma informação que nos é habitual e que agora, se calhar, tem de ser um pouco de caráter mais interpretativo e, digamos, com menos quantidade de dados sobre os desempenhos dos alunos, agora, no essencial se deu maior ênfase à área dos conhecimentos ou à aptidão física, que julgo ser o que em grande medida está a acontecer nas diferentes escolas, serão sobre essas aulas que se terá que dar também um maior conjunto de informações e, portanto, a partir delas retirar as ilações que considerarmos relevantes para ajuizar sobre o desempenho do aluno nessa trajetória que foi disponibilizada. Era o que me parece mais sensato fazer neste momento.
Case #1	Só complementando, nós não podemos, estou a dizer nós, portanto associações e também sinto como professor de EF com aquilo que seja a minha função entrar numa lógica de aconselhar quem quer que seja a não ter classificação do 2º período, acho que isso não poderá mesmo acontecer e, portanto, aquilo que nós temos mesmo de fazer é garantir que aquilo que será a classificação atribuída tem as caraterísticas que tem
Case #1	Muito importante mais uma vez que nós percebemos, eu acho que mais do que não dar a classificação é tornar claro, muito claro dentro das nossas escolas que nós estamos numa condição, numa situação difícil, mais difícil que qualquer outra disciplina eu acho que isto nós, temos falado sobre isto, aliás uma das coisas que gostaríamos de convosco partilhar e de apelar era que associado à classificação do 2º período pudesse haver de alguma forma declarações para a ata quer dos conselhos de turma, mas essencialmente o conselho pedagógico que esta classificação do 2º período que está ao arrepio daquilo que eram as normais possibilidades do, da da classificação da disciplina e é muito importante neste contexto que nós tenhamos também a capacidade de definir concretamente o que é que nós, o que é que era esperado que os alunos tivessem nesta altura do campeonato em termos de aprendizagem, desde o início do ano até agora, o que é que era possível que os alunos tivessem e que o juízo também pudesse partir desse pensar o que é que estaria em causa até agora desde o início do 1º período. Mais uma vez, reforçar a ideia de que devemos considerar a continuidade da avaliação em todo este processo enão olhar só para o problema da classificação, tendo em conta o momento do confinamento.
Case #1	Como é possível, como é possível e não, e não, não pondo aqui, não pondo aqui em causa a questão de uma avaliação, portanto, que vocês aí neste momento estão a enfrentar que são uma avaliação do 2º período, não é, que se coloca aqui neste momento para vocês que estão, estão aí no continente, mas não colocando a questão por aí, a questão eu eu deixo é, como é possível, além daquilo que já foi dito, em termos de avaliação dos conhecimentos, das estratégias que todos estão a utilizar em termos daquilo que é também a avaliação das capacidades ao nível da aptidão física, como é possível atribuir uma determinada nota, num determinado período letivo a um aluno, e estamos a falar obviamente de alunos, vou situar aqui entre o 2º e o 3º ciclo, pronto, a minha questão é mesmo esta, porque, como é que é possível fazer uma avaliação exata, idónea e, portanto, ao fim ao cabo afinada e correta e bem estruturada, naquilo que o aluno é capaz de fazer, sendo que já foi dito, por todos e isso é consensual, penso eu, que nem todos têm as mesmas condições de espaços, de equipamentos, enfim, como é possível que essa avaliação agora venha a refletir uma evolução motora que no fundo, na minha opinião concreta não existe.
Case #1	Mas eu recordo a todos os presentes que em quase todas senão em todas as escolas, parto do princípio que será em todas, nós temos por princípio estabelecer um conjunto de critérios que nos permitam avaliar alunos e todos os alunos, alunos que têm incapacidades de participar em todas as aulas, ou alunos que têm capacidades de participarem transitoriamente, temporariamente em algumas aulas e, portanto, nós temos uns documentos que nos permitem enquadrar a avaliação de todos os alunos nas nossas aulas, portanto, se eles já existem, eu creio que nestas setes semanas que nós fomos forçados a não fazer atividades práticas, atividades físicas, acho que temos condições para

	recorremos daquilo que nós já definimos no início do ano e aplica-los e fazer a avaliação em conformidade. Nós sempre tivemos alunos de cadeiras de rodas, alunos com problemas motores, alunos com problemas intelectuais e alunos que são incapazes de participar nas aulas práticas, portanto, eu não percebo, no fundo, quer dizer, entendo a preocupação, mas creio que nós estamos a criar um problema que facilmente pela aplicação daquilo que já temos definido, nós conseguimos ultrapassar.
Case #1	Nós sempre dissemos que neste contexto a área das atividades físicas estava praticamente impossibilitada de ser analisada e que aquilo que poderiam ser elementos de trabalho seriam ao nível da aptidão física e dos conhecimentos, mês mesmo ao nível da aptidão física nós temos que ter o cuidado de algumas coisas que eu já disse há pouco, de garantir as condições para que os alunos possam desenvolver a aptidão física, que neste contexto também ah não é fácil e que áreas da aptidão física que capacidades é que são possíveis de ser trabalhadas e, volto a dizer, que é isso que estamos a falar e avaliadas.
Case #1	portanto, quando o [nome] pergunta se é possível ter uma avaliação exata idónea em relação ao aluno, é difícil, é difícil e portanto, eu acho que nós e voltando àquilo que também já disse, nós temos que ter muito cuidado com aquilo que somos capazes de recrutar para a classificação que tivemos para apresentar neste período. Acho que é um princípio que todos devíamos ter em que na dúvida nunca devemos prejudicar os alunos, neste contexto então esta questão ainda está, é mais imperial e e portanto, se estamos ali com alguma situação, para melhorar pode ser sempre recrutada alguma informação, especialmente da área dos conhecimentos, imaginem uma situação em que tenho um aluno com, no ensino secundário, com 13 14 no 1º período, na área das atividades físicas com aquilo que representa e que agora desenvolveu um excelente trabalho na área dos conhecimentos. Não me faz confusão nenhuma que a classificação que ele tenha neste 2º período possa ser uma continuidade daquilo que ele teve nas aulas de das atividades físicas com uma nota, tem aqui uma nota, não é, de classificativa, com uma referência em relação àquilo que conseguiu mostrar na área dos conhecimentos e ter ali uma subida de classificação.
Case #1	Eu acho que aquilo que estamos aqui a conversar e nos pode ajudar é a ver que o meu problema não é um problema só meu, é um problema de muita gente, que não há uma solução fácil e não há uma solução única e que face a uma questão desta dimensão nós não devemos por muito peso nisto e devemos retirar-nos, darmos o direito de retirar um bocadinho de ansiedade àquilo que uma classificação neste período pode trazer, ah, em relação também a uma cosia que o [nome] disse, ah, [nome], eu aqui distinguiria aquilo que é a classificação ser do professor ou ser do aluno, quando um professor entra, obviamente com toda a dificuldade que nós sabemos que os professores contratados têm de estar a saltar de escola, a dificuldade enorme que isso acarreta, mas o aluno tem um percurso consigo. Esse percurso que o aluno trás até chegar às mãos do João Branco, é um percurso que está validado e que está, de alguma forma, ajuizado por alguém que tem de passar os dados para que o [nome] faça a continuidade do trabalho, é isso que faz sentido, com toda a dificuldade que isso terá tido.
Case #1	tão boas, mas é mais sobre formadora do que formativa, formuladora do que formativa, mais sobre a avaliação servir para o aluno aprender melhor e , aliás, isso depois acontece com vários, várias pessoas que têm escrito sobre isso em Portugal, porque a avaliação formativa implica ajustamentos do sistema e ajustamento das práticas e essa questão, assim que saímos das definições desaparece, do ajustamento necessário do sistema para o sistema funcionar melhor, ah, a seguir às definições veem a preocupação, as preocupações e as preocupações das
Case #1	desaparece, do ajustamento necessário do sistema para o sistema funcionar melhor, ah, a seguir às definições veem a preocupação, as preocupações e as preocupações das pessoas não é tanto a avaliação formativa, nem formadora, é a avaliação sumativa e porque é que a avaliação formativa não se resolve? Não se resolve na nossa área já é um problema se não se resolve, porque nós temos critérios de avaliação nos objetivos, os objetivos são por competência, é fácil avaliar por níveis e avaliar por objetivos dentro dos níveis, porque os objetivos já têm critérios,

Case #1	Portanto, a avaliação não é um tarefismo individual, nós temos aqui, do professor para classificar os alunos, outra coisa que é preciso dizer e os colegas peço que considerem, a avaliação sumativa é um sistema de avaliação que é próprio de um sistema de ensino seletivo, a avaliação sumativa é para classificar alunos e tradicionalmente e intrinsecamente na escola que nós vivemos historicamente até hoje é para selecionar alunos, portanto, aquele problema das notas dos alunos para entrar no ensino superior e para serem escolhidos para empregos e para o ensino profissional é um problema, desvio da avaliação, o problema central da avaliação formativa e sempre foi, o problema é que nós na avaliação sumativa em Portugal e na EF, ah, temos condições muito injustas de ensino, de grandes discrepâncias de ensino e queremos fazer uma avaliação justa na nossa escola ou na minha turma individualmente, isso não é correto, não faz sentido, a avaliação sumativa tem que ser num sistema global, institucional, portanto, os políticos e os responsáveis pelo sistema de ensino têm que s chegar à frente
Case #1	Aquilo que nós temos neste momento é uma situação atípica em que importa que aquilo que, as decisões que não tomemos não sejam irreversíveis para a frente. As atividades físicas marcaram muito a nota do 1º período, a avaliação é continua de setembro até este momento. Há uma parcela da classificação que pode ser feita à distância nomeadamente na área dos conhecimentos e que pode e deve ser articulada com aqueles dados que nós temos recolhidos desde o início do ano, a continuidade da avaliação a lógica dos critérios de avaliação de EF tal como nós os temos definidos, ah, na nas normas de referências permitem-nos ter esta possibilidade de olhar para a avaliação da nossa disciplina nesta perspetiva
Case #2	A segunda pergunta que está aí apresentada é ou ah decorre, a sua resposta decorre da anterior, se nós adaptamos o currículo na lógica da adaptação curricular, a avaliação tem que ser adaptada, nós aqui temos de separar aquilo que são as possibilidades e aquilo que podemos chamar os critérios de avaliação, que estão intimamente ligados com aquilo que são os objetivos que nós definirmos que são os objetivos para o trabalho com os alunos e outra coisa são os critérios de classificação que nós normalmente chamamos de critérios de avaliação das escolas.
Case #2	Também esses, também esses poderão ter que sofrer adaptações, uma vez que aquilo que são as possibilidades de cumprimento do currículo estão diminuídas, ou seja, nós vamos ter de ter aqui um trabalho ao nível de cada escola de perceber, primeiro, o que é que me é possível fazer, depois, dentro daquilo que me é possível fazer, como é que eu me consigo aproximar o máximo daquilo que é a definição curricular que está vigente e face a isto como é que eu posso orientar os meus processos avaliativos e os meus critérios de classificação dos alunos de maneira a poder adaptá-los
Case #3	É um facto que nós, neste momento, temos de equacionar aquilo que é o currículo na lógica do currículo como ele está desenhado e como ele está organizado, portanto, nas condições em que estamos temos que fazer aqui adaptações, temos de fazer aqui ajustamentos àquilo que o currículo, nomeadamente as normas de avaliação, ou seja, é impensável conseguirmos chegar a determinados níveis de desempenho dos alunos, não é, como está previsto, por isso, não é ah, não é mudar e arranjar agora novos objetivos e mudar o currículo, não, é reequacionar aquilo que são exigências em função das condições que nós temos e isso, em mutos casos, não está a ser feito, ou seja, estamos a pensar que estamos a conseguir atingir o mesmo nível nestas condições e o problema é das condições, não, o problema é que nestas condições nós não conseguimos,
Case #4	A avaliação de um invisual não é diferente? A avaliação de um miúdo com problemas, com handicap ao nível motor não é diferente? O que é que os professores fazem? Adaptações curriculares e depois devem fazer a avaliação em consonância com as avaliações curriculares que fazem. Há aqui nos tempos de pandemia uma avaliação, uma compulsiva adaptação curricular a partir de determinados níveis do programa. Quer dizer, não vamos pensar, imaginem que a situação se prolonga até ao final do ano... eu tenho por acaso estou mais otimista, eu estou mais otimista, não percebo nada de epidemiologia, vou ouvindo, vou observando debates, mas em função das várias teorias que aí se defrontam, eu alinho naquelas que são mais otimistas e, portanto, esperança, mas isso é a minha esperança, só vale o que vale, não conta para aqui... agora há coisas nos JDC no nível elementar que não podem ser aprendidas, não podem ponto.

Case #4	E, portanto, isso implica uma adaptação curricular por parte dos professores e a avaliação tem de ser em consonância com isso,
Case #4	A propósito, há uma última questão eu gostaria de colocar, julgo que tinha aqui uma, que é a seguinte: da intervenção do professor [nome] há uma questão que foi muito, há um tema, eu estive aqui a ver nas questões dos colegas, no chat e aparece vários à avaliação e há uma questão que aqui passou e que ainda não foi referida e julgo que como tópico final julgo que seja interessante. Nós temos sempre o problema dos critérios de avaliação e muitas vezes os critérios de avaliação são vistos só como listas de performance, contabilidade de desempenhos e não como qualidades da prática e ele salientou isso várias vezes, da avaliação como a qualidade da prática, qualidade da produção que o jogadores conseguem fazer quer em situação de forma de aprendizagem, quer de forma regulamentar e que critérios são esses e nós temos discutido e gostava que o [nome] pudesse pronunciar-se sobre isto, porque temos tido discussões com os colegas das escolas onde têm existido provas de aferição e onde tem havido estágios e um critério que nós recomendamos e temos trabalhado muito com os nosso parceiros das escolas é o da continuidade, isto é, a valorizar e isso é um critério para os alunos também valorizarem, valorizarem não tanto os desempenhos que são terminais, quer dizer que é para terminar, que é para finalizar, o remate, o lançamento, mas valorizar a continuidade da atividade, e portanto, no JC valorizar a progressão, valorizar o balanço defensivo, valorizar a continuidade do jogo, na ginástica, valorizar a continuidade do percurso e a não interrupção das tarefas em sequência, isto para os DC como competência de grupo e competência individual, eu gostava que o João pudesse referir-se a esta, a este tópico.
Case #4	Então eu para encerrar, gostava de me referir a 3 pontos, a este exatamente a continuidade na avaliação e não tanto em relação aos chamados comportamentos terminais. Há uma coisa que me parece muito importante valorizar na avaliação, é exatamente a progressão que os alunos conseguem nas aprendizagens, que é uma coisa que muitas vezes não está contida nos próprios critérios de avaliação dos grupos e dos departamentos de EF e isto articula-se muito com o que aquilo que o Luís Bom estava a dizer. Se as aprendizagens tiverem vista em continuidade, há, isso pressupõem que há objetivos que os alunos tentam cumprir em determinados períodos de tempo e estes objetivos devem estar em progressão, o que quer dizer que quando eles os alcançam isso tem de ser valorizado, isso tem que de alguma maneira estar contido nos critérios de avaliação e não apenas uma contabilidade quantos I ou quantos

3.Aprendizagens

3.1. Aprendizagens essenciais

Resultado
As entidades parecem flutuar a sua opinião: se no início da pandemia são taxativas de que as aprendizagens essenciais não podem ser cumpridas, ao longo do tempo vão sugerindo que a disciplina tem poder de adaptação e de fazer cumprir alguns objetivos e deixam de ser retas quanto ao incumprimento das aprendizagens essenciais. No aconselhamento, a questão da presencialidade da EF parece ganhar vantagem sobre as aprendizagens essenciais. Os professores parecem te mais certezas de que as aprendizagens essenciais não têm condições para serem alcançadas através do contributo da EF e esclarecem as aprendizagens específicas que ficam por fazer.

Professores	
Case #1	Eu aí já acho que não, nalgumas matérias acho que não, nalgumas matérias e alguns miúdos acho que não, seria difícil, que ficam penalizados.
Case #1	As matérias, isto também depende de cada miúdo e de cada turma, etecetera, mas as que normalmente ficam aquém eu julgo que são a ginástica, quer a ginástica de aparelhos quer a ginástica de solo, o voleibol fica, os miúdos ficam aquém em muitas situações, há muitos miúdos que também ficam aquém nas aprendizagens específicas do voleibol, e eu diria que nas restantes, pelo menos aqueles níveis iniciais, o nível introdutório eles conseguem e depois aquela conjugação das aprendizagens essenciais, que aquilo tem uma série de conjugações, 4 Es e 2Is, para terem ali aquela, para se considerar que é positivo, eu acho que… lá está, nós já fazemos uma, se formos rigorosos rigorosos, eu acho que fica muita gente aquém, mas da forma como nós avaliamos e como nós caracterizamos os níveis em que já há uma certa redução daquilo que é o nível todo, eu acho que se consegue chegar lá.
Case #2	voltando, as aprendizagens essenciais já eram demasiado exigentes, agora ainda mais não só porque todas estas adaptações implicam com que vários conteúdos não possam ser devidamente abordados, desde logo isso, como também como eles têm pior pior prestação, digamos assim, aeróbia, tudo isso condiciona, mesmo nós trabalhando em exercícios analíticos, por exemplo, eu outro dia estava a fazer um exercício de andebol, analítico, que não gosto nada de fazer isso, só a fazer passe de ombro e um pequeno deslocamento e dizia, precisamente para aumentar a intensidade, estão em saltitares entre a realização dos exercícios para não estarem ali parados, só isso ao final de 3 minutos já tinha alunos ó professor, ó professor, posso ir beber água, estou cansado, coisas desse género, mesmo exercícios analíticos com conteúdos, pronto, estruturados do jogo formal mas que podemos abordar, o tempo de prática é menor e voltamos à questão inicial que tínhamos falado da intensidade, o tempo de prática é menor porque, porque eles não aguentam a aula toda, digamos assim, temos que estar sempre a fazer paragens.
Case #3	É diferente, ah, a aprendizagem dos alunos na pandemia é ah, não alcança os mesmos objetivos e não alcança as mesmas aprendizagens, o mesmo desempenho, a mesma aptidão física que alcançaria se fosse normal, isso é algo muito claro, as aprendizagens essenciais não estão a ser alcançadas, não podem sequer ser alcançadas, não há viabilidade para isso.
Case #4	Em termos de aprendizagens e, é assim, eu acho que vai sempre haver falhas, vai, de certeza absoluta, porque isto não é normal, não é, primeiro porque o ensino não é aquele ensino que eu gostaria de dar, que seria o ideal, há as aprendizagens que eles fazem serão aquelas só com base naquilo que eu lhes ensinei, não é, o tempo de, o tempo que eles têm de prática também acho que não lhes permite fazer essas aprendizagens que seriam o ideal, atingir os objetivos, não é, ou as competências que eles terão de atingir no final do ano ou de ciclo, não é

Case #5	Depois, claro que nas aulas presenciais foram cumpridas parcialmente, como é óbvio, não é, acho que está tudo interligado, se tu deixas de dar algumas modalidades, é complicado como algumas aprendizagens essenciais não tenham sido potenciadas.

Entidades	
Case #1	EF é a disciplina mais prejudicada no ensino à distância e nós temos de ser todos capazes de passar esta mensagem com quem temos de interagir
Case #1	é muito importante que toda a gente compreenda que nós não estamos a lecionar nas condições que garantam o cumprimento do currículo e, portanto, do preciso de aprendizagem dito normal com os alunos, os alunos saberão isso
Case #1	Nós temos todos que ter consciência de que é melhor pouco do que nada, sendo que o pouco tem que ser minimamente condigno e é isso que todos estamos procurar fazer no respeito tão integral quanto possível pelos princípios de avaliação, pelos princípios do do que estão expressos nas aprendizagens essenciais e nos programas de EF, que é no fundo aquilo que pauta o nosso empenho enquanto profissionais de EF e, portanto, ir muito mais além que isto é, de facto, procurar formas demasiado artificiais, diria eu, de resolver um conjunto de questões que sinceramente em muitos aspetos transcendem aquilo que é a nossa prática profissional
Case #1	não podemos esquecer desta equação que a disciplina de EF está numa situação difícil desde há um ano a esta parte. Aquilo que era o normal, que já era difícil, andamento da disciplina de EF está condicionada no tempo e na forma desde há cerca de um ano e isto vem trazer uma repercussão enorme naquilo que são as possibilidades dos alunos atingir determinados tipos de objetivos que podiam estar ou não estar definidos, reparem que o governo diz que quando nós voltarmos, ao inicio, no início de setembro à situação de presencialidade, que o 1º período era para recuperar as aprendizagens que não tinham sido conseguidas durante o 3º período do ano passado, só que na nossa disciplina as condições ere realização da nossa disciplina não eram promotoras de qualquer possibilidade de recuperação daquilo que estava atrasada, portanto, nós estamos em acumulação de défice daquilo que são as possibilidades de desenvolvimento do currículo de EF e isto tem que ser dito, isto já foi dito e vai continuar a ser dito ao ministério, veremos quais são as condições que, da ou o que é que daqui poderá vir
Case #1	Muito em jeito de síntese e passando por aquilo que foram os pontos que tentamos aqui trazer com mais significado e de coisas que também fui aqui anotando, voltar a uma máxima que é esta de que nós temos que manifestar sempre que a disciplina de EF é a mais prejudicada. Novamente, exortamos os colegas a poderem fazer declarações de voto, já apareceram exemplos de declarações que já foram apresentadas no conselho pedagógico, mas declarações não é declarações de voto, desculpem, declarações em relação a este momento da EF quer nos conselhos pedagógicos, quer nos conselhos de turma a acompanhar as classificações do 2º período.
Case #2	nós sabemos que a EF só é possível através das aulas presenciais, porque a atividade física só acontece, só pode acontecer nas aulas presenciais com a presença de um professor, para além de outros aspetos ligados aos conteúdos curriculares da disciplina.
Case #2	. E, que não haja dúvidas, com os constrangimentos apresentados pela DGS, não é possível cumprir, na plenitude, as aprendizagens essenciais de EF. isto quer dizer que aquilo que seria possível fazer numa condição de normalidade, está diminuída por aquilo que nos é possível garantir em termos de aprendizagem dos alunos há-de ser sempre menos do que pode ter sido no passado, acrescido a isto vem o facto de nós termos estado algum tempo em confinamento, em que a área essencial do programa não foi trabalhada, as atividades físicas não foram trabalhadas, foi a aptidão física essencialmente, algumas situações que tentaram fazer passar por atividades físicas, mas em que o essencial da aprendizagem nunca esteve presente, pelo que nós temos aqui um handicap que deveríamos ter que o resolver em condições de normalidade mas que não vamos conseguir resolver totalmente porque as condições não são de normalidade, portanto, não é que as aprendizagens essenciais não sejam exequíveis, agora não podemos ter é a veleidade de achar que podemos

	cumprir tudo aquilo que nos era possível cumprir no passado, quer dizer que nós temos de fazer adaptações àquilo que são as nossas possibilidades de intervenção e essas adaptações devem ser sempre feitas em cima de uma matriz que é aquela matriz que nos orienta, deve ser em cima daquilo que nós temos definido em cada uma das áreas do currículo e deve ser feito em cima daquilo que são os níveis dos programas
Case #2	Também esses, também esses poderão ter que sofrer adaptações, uma vez que aquilo que são as possibilidades de cumprimento do currículo estão diminuídas, ou seja, nós vamos ter de ter aqui um trabalho ao nível de cada escola de perceber, primeiro
Case #2	nós já sabemos que não vai ser possível cumprir tudo aquilo que seria possível cumprir e, portanto, uma palavra de, ah, que também acho que é importante de que neste contexto não sermos demasiado ansiosos, sermos focados e termos a noção plena que não vamos conseguir fazer tudo o que gostaríamos é algo que nos pode ajudar a tranquilizar e a tranquilizar os outros.
Case #2	Temos condicionantes neste momento, ah, não era bom que assumíssemos posições do estilo, não é possível dar DC por isso vou fazer só de ginástica, é possível encontrar situações de aprendizagem que promovam parte dos objetivos que nós temos que lidar em relação a cada uma das matérias da disciplina de EF, é possível, mesmo os JDC se nós pusermos a nossa, a nossa ah ah, capacidade profissional-ó-didática, nós somos capazes de encontrar situações que, ah, se possam aproximar daquilo que são elementos de aprendizagem da situação, por exemplo, de jogo dos JDC, não, não vejo como difícil, para o nível de alunos que nós temos, o ensino do nível de introdução de basquetebol e de criar situações de 2x1 sem uma defesa pressionante em que o aluno tenha que tomar uma capacidade de decisão porque está um colega a uma determinada distância, não vejo isso como difícil e portanto, é sempre possível nós criarmos situações em que obviamente retirando uma parte que é importante para que os alunos aprendam de uma determinada forma, não possa ser apresentada dessa forma, e, portanto, eu diria que, em relação ao JDC e às ginásticas e a todas as restantes matérias, é sempre possível trabalhá-las em qualquer, numa, numa determinada medida.
Case #2	Se entramos num regime misto, ah, regime aulas presenciais e regime à distância, ah, aquilo que nos satisfez nas orientações e que nós muita força fizéssemos de acontecer é que, se a escola tiver toda de parar com aulas presenciais, mas seja possível que os alunos tiverem na escola, a disciplina de EF deve ser uma das disciplinas a permanecer no currículo, é muito mais fácil, é mais real, conseguir-se garantir aprendizagem nos alunos de Filosofia à distância do que de EF, pelo que, a questão da presencialidade é o último marco que devemos abandonar se as coisas se encaminharem noutro sentido.
Case #2	Também, como sabem, a ideia é de que, numa lógica de fases, o fecho da escola e passagem das aulas à distância seja uma das últimas a ser conseguida, isolamento do aluno, isolamento do professor, isolamento da turma, isolamento de um grupo, isolamento de um ano, isolamento de uma área da escola e, portanto, há aqui uma grande dimensão de possibilidades antes de isso acontecer, se passarmos para as aulas à distância, nós já dissemos o que achávamos sobre as aulas à distância, e, portanto, mantemos, mais ou menos a ideia que tínhamos na altura que não é possível cumprir o currículo de EF ou haver haver EF tal como nós a chamamos, à distância

3.2. Menos aprendizagens

Resultado
As entidades apontam que muitas aprendizagens podem ser mantidas, ainda que seja necessário alterar a experiência/atividade que lhes está na origem. Os professores identificam a redução das aprendizagens na área da colaboração e socialização, dos jogos desportivos coletivos e, variando nas escolas, natação, ginástica, luta/judo e dança.

Professores	
Case #3	Bem, sobre o ensino eu creio que já foquei, mas nas aprendizagens sim, claro, os alunos aprenderam menos e não aprenderam de facto o que é um JDC, não estão a aprender ginástica, não estão a aprender dança, muitas turmas não estão a aprender natação, um conjunto de objetivos na EF relacionados com a colaboração não estão a ser desenvolvidos com deveriam ter sido desenvolvidos, acho que aí é muito claro, a colaboração de alunos que estão a fazer um jogo de andebol 7x7, ou ah, de alunos que estejam a fazer um exercício em vagas, que estejam a passar a bola, mesmo que haja um guarda-redes, ou mesmo que haja um defesa, não é, não tem nada a ver com as aprendizagens que são preconizadas, portanto, ah, a aprendizagem dos alunos está longe de ser a aprendizagem normal.
Case #4	Depois é como eu te digo, estes meninos como já têm as suas fragilidades, eu tenho de estar a trabalhar muito na base daquilo que eu detetei, as fragilidades que eles traziam, não é, como um grupo, como turma e , depois, individual também e tenho estado a trabalhar muito, por exemplo, eles têm muita dificuldade em fazer multisaltos, porque eles não conseguem fazer saltitares e coordenar ao mesmo tempo com braço, mas isso eu tenho vindo a notar ao longo dos anos que cada vez mais os meninos não sabem fazer, eles não sabem fazer um salto ao eixo, eles não brincaram nunca com um colega que estão dobrado e que podem fazer um salto, há coisas básicas que no nosso tempo, não é, pronto, aquilo era simples, era as as nossas brincadeiras e hoje em dia não, então, tudo o que é multisaltos, skipings só com uma perna ou so com os calcanhares, há alunos que eu noto que têm muitas dificuldades, então tendo trabalhar, saltar à corda, também, tento trabalhar com eles todas aquelas áreas onde eu noto que eles estão com maiores dificuldades, apreensão de bola, por exemplo, pronto e é isso que eu tenho feito.
Case #4	Sim vai vai ficar, vão ficar sempre grandes lacunas, porque até ao nível da sociabilização entre eles eu noto que eu tenho ali miúdos que têm medo de, não é, até utilizam máscara, eles podem retirá-la para fazer as atividades, mas tenho miúdos que inclusive, se estão a correr durante 5 minutos, eles correm com máscara e na rua às vezes está quente, nós sabemos que é difícil, não é, pronto, toda a gente que correu com uma máscara durante 5 minutos e com o tempo quente percebe que há ali, tenho miúdos e ainda são bastantes que têm medo e nem se juntam tanto com os colegas, andam isolados,
Case #4	Em termos de aprendizagens e, é assim, eu acho que vai sempre haver falhas, vai, de certeza absoluta, porque isto não é normal, não é, primeiro porque o ensino não é aquele ensino que eu gostaria de dar, que seria o ideal, há as aprendizagens que eles fazem serão aquelas só com base naquilo que eu lhes ensinei, não é, o tempo de, o tempo que eles têm de prática também acho que não lhes permite fazer essas aprendizagens que seriam o ideal, atingir os objetivos, não é, ou as competências que eles terão de atingir no final do ano ou de ciclo, não é
Case #4	eu estou a tentar fazer esse trabalho com eles, ao nível, por exemplo, da ginástica eu acho que eles vão ter uma grande lacuna
Case #4	e que têm tanto medo que suam e choram e que não conseguem fazer ao nível, por exemplo da ginástica um enrolamento, já tive miúdos assim, ou nos patins, colocar-se com os patins, começam a suar e tremem por todos os lados, eles acabam sempre por ganhar alguma confiança
Case #5	Claro que a aprendizagem é menor, não é, é assim, é condicionada pelas normas da Direção geral de Saúde, distanciamento, é assim, não têm tanta liberdade,
Case #5	e agora na parte dos desportos coletivos e naquelas modalidades que, em que eles partilham materiais e em que estão juntos, como a ginástica acrobática, a ginástica de solo também, que eles têm que partilhar materiais.
Case #5	o jogo acho que aí perdeu-se, a ação tática, depois, também, acho que a prática e a ação motora é menor, perde-se também o grupo de equipa, a coesão, também perde-se muito, porque não há aquela

	união, só o facto deles poderem-se abraçar, saltarem, sabes que nos jogos e depois ganha, fazemos torneios, é outro espírito, é outro espírito, diferente, uma pessoa quando ganha tem tendência a abraçar uns aos outros, é normal, a festa, nós fazemos muitas competições, é, acho que nesse aspeto também é menor.

Entidades
Ver ensino e avaliação

3.3. Mais aprendizagens

Resultado
As entidades antecipam a alteração da estrutura das aprendizagens, salientando a importância que mesmo as aprendizagens limitadas pelo afastamento físico podem ter. Revelam, ainda assim, que as aprendizagens não poderão ser semelhantes às de períodos normais. Os professores identificam áreas em que os alunos desenvolveram mais aprendizagens, em particular as atividades individuais, alvo de mais tempo de trabalho. Ver, também, o que mencionaram sobre o ensino.

Professores	
Case #2	mas, por exemplo, sinto casos como o da badminton, que é um desporto que damos muito, os desportos de raquetes, porque têm, existe o espaço, esqueci-me de dizer isso, o badminton damos muito, o badminton, o ténis, o ténis de mesa menos, mas o badminton e o ténis damos muito, sinto, senti que os alunos lhes faltava vivência, agora, isto é subjetivo, porque eu não sei até que ponto é que os colegas do ano passado era o que estava não estava planeado para o 3º período
Case #2	depois, em termos de conteúdos concretos na nossa área, notei que isto, por exemplo, a questão do atletismo, eles vivenciarem coisas que nunca se deu tanto atletismo, a dança, eu estou a dar muita dança e normalmente a dança há sempre aquele problema e não vou cair no estereótipo porque não, há, tem a ver com as vivencias, seja rapaz seja rapariga, tem a ver com a vivência de cada um e eles acharem, começarem a achar natural
Case #3	Na generalidade os alunos ficaram a saber fazer melhor os elementos técnicos, o lançamento na passada, mas a aplicação no jogo é outra coisa. Naturalmente, como tivemos mais atletismo, badminton e, a partir de certa altura, muita orientação, isso eles aprenderam mais, foi possível treinar mais.
Case #5	que eles gostam, mas também há aspetos positivos, pro exemplo, com raquetes, eles se calhar muitos nunca jogaram ténis nem nunca vão jogar ténis, e estão a jogar ténis agora, badminton têm vindo a jogar, acho que é mais por aí,

Entidades	
Case #1	Os métodos, nos métodos são mais ou menos, mais ou menos transversais às diferentes áreas, mas, de facto, aqui nós remetemos claramente para algumas sessões de treino, muito pautadas pela replicação do que o aluno, do que o professor ou algum dos alunos estará a fazer e os colegas estarão eventualmente a conceção de coreografias ou a reflexão sobre alguma coisa, mas de facto isto não é a prática, não é a prática a que estamos habituados e não é isto que de facto dá, ou corporiza, as aprendizagens que os alunos devem ter em torno desta área e depois a possibilidade de fazermos isto

	em trabalho autónomo, individual ou grupo e eventualmente através de alguma reflexão, mas continua a não ser prática, portanto, as limitações são grandes e notáveis.
Case #2	portanto, é sempre possível nós criarmos situações em que obviamente retirando uma parte que é importante para que os alunos aprendam de uma determinada forma, não possa ser apresentada dessa forma, e, portanto, eu diria que, em relação ao JDC e às ginásticas e a todas as restantes matérias, é sempre possível trabalhá-las em qualquer, numa, numa determinada medida.
Case #2	Acho que aquilo que disse há pouco continua a ser verdade, nós temos de ter a capacidade de fazer uma adequação curricular, fazer com que a avaliação tenha uma adequação correspondente à adequação curricular, mas que isto não perca nunca a possibilidade de se constituir como um desafio para a aprendizagem dos alunos e para a capacidade que nós poderemos ter de desenvolver a aprendizagem dos alunos e,
Case #4	Eu não sei que o futebol não é extraordinariamente importante jogar 1 contra 1, quem não conseguir jogar 1 contra 1, quem no processo de formação for competente nisso não chega a jogador. Então não é importante treinar a marcação de controlo? Então não é importante treinar a marcação de controlo? Então não?! Enquanto a marcação de controlo não estiver bem dominada não se consegue defender bem. Como é que o professor consegue isso com 3 metros de distância? Não é importante o 1 contra 1 no futebol? Sim! eu sei! Fazem-se coisas extraordinárias nos jogos adaptados que os treinadores de futebol fazem com os miúdos e com as miúdas nos escalões de formação, em que a vontade deles e aquilo que é promovido é que eles tentem tirar coelhos da cartola, que eles tirem coelhos da cartola. Mas olhem, não pode ser agora. Não pode ser agora. Então o que é que preferes, é que eles estejam parados e não haja competição nenhuma? Não há tantas outras coisas para treinar? Sabem o que é que eu prevejo que vá acontecer? É enquanto não há competição uns vão exclusivamente treinar técnica e situações isoladas, outros vão treinar como se não houvesse covid e quando a competição começar, começa!

3.4. Aprendizagem sem/com contexto global

Resultado
As entidades vão aconselhando no sentido de que é esperado que o processo seja organizado tão próximo quanto possível da situação global, sugerindo que essa globalidade é conseguida em todas as situações não exclusivamente analíticas (por exemplo, através de jogos muito condicionados ou reduzidos), que devem ser a base da aprendizagem. Ver ensino. Na perceção dos professores e na sequência da análise do ensino, os professores confirmam que a aprendizagem dos alunos decorreu com perda da globalidade da ação.

Professores	
Case #1	houve ali alguma melhoria, mas, por outro lado, perdeu-se depois a contextualização, ou seja, eles melhoram no aspeto técnico, mas o entendimento do jogo fica, depois fica aquém e continuam a não perceber exatamente que, quais são os momentos para aplicar ou uma ou outra técnica, para optar por uma ou outra situação, por um passe ou pelo remate, ou quando têm que pôr, quando é que têm que passar ou driblar, ou, perde-se um bocadinho,
Case #1	pronto, terá havido nalguns alunos, realmente aqueles um bocadinho mais mais fraquinhos, alguma melhoria em termos técnicos e depois era uma questão de havendo oportunidade, de depois contextualizar aquela técnica numa situação.
Case #2	Senti isso e depois sinto que, mas aí acredito que é subjetivo porque eu não conhecia estes alunos antes, sinto que em certos conteúdos que os alunos que lhes falta vivências, não posso reportar aos coletivos, porque também está descontextualizado,

Case #3	ah, de alunos que estejam a fazer um exercício em vagas, que estejam a passar a bola, mesmo que haja um guarda-redes, ou mesmo que haja um defesa, não é, não tem nada a ver com as aprendizagens que são preconizadas, portanto, ah, a aprendizagem dos alunos está longe de ser a aprendizagem normal.
Case #3	Digamos, os alunos não estão a aprender um jogo, estão a aprender pedaços de um jogo ou de uma atividade. O que estamos, quer dizer, o que eu estou a ensinar agora, ou melhor, as experiências de aprendizagem pelas quais os alunos estão a passar agora é o que antes eram progressões para eles aprenderem.
Case #5	Está diferente, acho que está, os miúdos estão, andam mais tristes, porque só o uso da máscara já é uma condicionante, depois os torneios, não existe torneios, não existe jogos formais
Case #6	Tem, tem muito, tem muito impacto mesmo, primeiro porque neste momento não estamos a fazer jogos de oposição, ou seja, eu estou a abordar o basquetebol mas eles ainda não fizeram nenhuma vez, por exemplo, o jogo 3x3 ou 5x5, isso ainda não aconteceu e creio que a não ser que haja novidades muito em breve, até porque o concelho onde eu estou ainda está aqui sobre algum alerta, será difícil eu creio que até ao final do ano que haja esse tipo de abertura para fazer jogos tipo de oposição direta não acontece,

3.5. Aptidão física

Resultado
As entidades (ver ensino) apontam que as aprendizagens da área da aptidão física devem seguir padrões normas, desde que haja cuidados preventivos de desigualdades entre alunos. Na generalidade, a aptidão física desenvolve-se pelos mesmos parâmetros e testes e apresenta validade, com a diferença de se desenvolver mais em atividades e experiências de aprendizagem individualizadas. Vver, também, avaliação e ensino. Os relatos dos professores sugerem que o desenvolvimento da aptidão física ficou limitado. Ver, também, aprendizagem no confinamento e ensino e avaliação da aptidão física.

Professores	
Case #1	Eu acho que eles ficam, ficam, de alguma forma, ah, não se conseguem cumprir na sua plenitude, há algumas coisas… algumas coisas consegue-se, mas eu penso que ah … houve um decréscimo muito grande, sentimos, já falei com outros colegas, nós sentimos muito muito um decréscimo muito grande em termos de aptidão física, ou seja, nós sentimos que os miúdos voltam com muito mais dificuldades em termos de capacidades motoras, portanto, menos treinados
Case #2	A minha perceção, em certos casos, pronto, será sempre naturalmente subjetiva, o ano passado foi no final, digamos que em termos práticos estagnamos praticamente em março e o resto, pronto, foi um bocadinho, a escola era um bocadinho diferente, a minha escola o ano passado, mas é foi muito difícil perceber depois qual seria o impacto porque depois acabou o ano e fomos para casa, acabou, não sei e este ano que o que eu sinto e será, ou seja, os efeitos são relativos a este ano e ao que eles não tiveram no 3º período do ano passado, o que eu sinto em termos, senti logo, mal chegamos, quando fizemos aquela a primeira bateria de testes senti logo, sobretudo em termos aeróbio vem vem, nunca tive turmas tão fracas,
Case #2	tão, pronto, como uns resultados tão, tão baixo e eu até, porque há aquela que são, a minha expectativa erra essa, até que ponto é que a minha expectativa estava ou não a contaminar estas questão, até me dei ao trabalho de ir ver dados de outros anos e de facto é verdade, porque lembro-me de dizer, ah, mas os miúdos veem do verão, mas nos outros anos também veem do verão é evidente, não é por causa disso, e os resultados e tive turmas que nunca me aconteceu de, só para teres uma

	ideia, do vai-vem ter duas pessoas na zona saudável, não estamos a falar do perfil, estamos a falar da zona saudável, em turmas inteiras duas pessoas terem, isto é, nunca me tinha acontecido, pronto, isto logo em setembro, estou-me a reportar a setembro
Case #2	Mesmo com os exercícios que foram recomendados em casa, mesmo com a recuperação que tentei fazer nas aulas, houve muito tempo dedicado à aptidão física, mais tempo do que é habitual, os resultados são piores, sim, são piores, os alunos não melhoraram, pioraram. Até se nota nas aulas, que eles estão menos disponíveis para esforços mais intensos e

Entidades	
Case #1	Aquilo que estamos a fazer quando estamos à distância, é, de facto, trabalhar a condição física e a aptidão física de uma forma geral e que obviamente, portanto e já assistimos aqui a várias apresentações também que eu achei muito interessantes
Case #3	A criação de soluções de aprendizagem diferenciadas e adequadas aos alunos e aos grupos, é também um aspeto fundamental, deve ser possível diferenciar até porque vamos ter mesmo de individualizar, de separar, de distanciar. Esta é uma boa ocasião de criar soluções adequadas aos nossos alunos, podemos ter o problema do material disponível, é um facto, mas também por isso é importante criar grupos pequenos para aproveitarmos equipamentos e materiais que temos para individualizar e diferenciar tanto quanto possível. Isto naturalmente também reduz o risco de contágio, criar um espaço de trabalho devidamente adaptado ao aluno, com objetivos adequados, separando os diferentes locais de trabalho dos diferentes alunos que compõem o grupo é uma solução de risco reduzido, soluções mais massivas podem também ser uma solução nesta fase inicial, principalmente para recuperar o fitness, os fundamentos e a diversão, jogos de coordenação, onde cada aluno tem o seu espaço e onde se pede que sejam realizadas diferentes ações básicas, mesmo sem colchões, a realização de estafetas, de concursos, de provas onde os alunos podem competir em jogos divertidos, onde todos participam em equipa ou individualmente.

3.6. Aprendizagem da higiene

Resultado
As entidades assumem a possibilidade de perda de aprendizagens relativamente à higiene, em particular aos banhos. Os professores relatam que os alunos foram sujeitos a condições de higiene diferentes das previstas e que isso levou a aprendizagens diferentes das desejadas em período normal.

Professores	
Case #1	limitação da lotação dos balneários, eles estão a dez pessoas e, depois, há medida que os miúdos vão saindo, vão outros entrando, ah, há também a obrigação, há também o aconselhar dos miúdos virem equipados de casa,
Case #1	aqueles que não puderem, então utilizam os balneários, aqueles que vêm equipados de casa, há o espaço para trocarem o calcado, tanto de um lado como do outro
Case #1	nós temos o pavilhão dividido em dois espaços, portanto, quem entra para um espaço tem um sítio para trocar o calçado, caso não utilize o balneário e quem entra para o outro espaço tem outro
Case #2	quando têm aula no ginásio, que é um espaço mais pequeno, para não estarem as mochilas todas e em todos os outros sítios, no pavilhão, nas bancadas do pavilhão existe um sítio para colocarem as mochilas, nem sequer vão aos balneários, a única turma que vai aos balneários é a turma que vai

	para o ginásio, quem vai para o exterior ou quem vai para o pavilhão nem passa pelo balneário, tem a tal questão das, dos circuitos, da circulação, o que acontece também e isso é um dos efeitos nocivos da, de toda esta pandemia, tem a ver com, nesta escola específica, não posso falar pelas outras, naturalmente, tem a ver com os banhos, o que havia escolas que sempre trabalharam muito bem essa componente da higiene, outras sabemos todos como é que muitas vezes se descura essa, essa parte, neste ano não foi proibido, até porque não poderia sê-lo legalmente proibido, mas foi pedido aos pais se possível que os meninos fizessem, tomassem o banho em casa
Case #2	As aulas são maioritariamente quase na sua esmagadora maioria no final da manhã ou final da tarde e existe, contudo, existe, contudo, alguns períodos intermédios e esse é o grande problema, sobretudo agora que começamos com o calor aqui na localidade, em que os alunos ainda vão ter um tempo, ainda vão ter dois, podem tomar banho, não é proibido, mas é aconselhado, por exemplo, a questão que foi dita, e outras coisas desse género. Em termos de prática efetiva da aula, o tempo é o mesmo.
Case #2	As aprendizagens na área da higiene, como tudo, foram mudadas. Eles deixaram de ser aconselhados a tomar banho na escola, aliás, são aconselhados a tomar banho em casa. Para uns até é possível, porque vão a casa depois da aula, mas para a maioria não é possível e habituam-se a ficar muito tempo na escola sem banho. Às vezes penso que não se esforçam tanto para não suar
Case #4	depois fizemos, tentamos fazer uma rotação em que os alunos se juntassem o menos possível, os que veem para a rua vão logo diretamente para lá, nem sequer entram na instalação, os que vão para o ginásio, levam as coisas para o ginásio e temos estado a funcionar assim, eles têm estado a ter as aulas que são possíveis, não é,
Case #4	para dar tempo de os alunos passarem pelo balneário e ele ser higienizado para as turmas seguintes, não tem sido fácil, o que nós dissemos aos alunos foi para eles evitarem ao máximo ter que ir ao balneário, já virem vestidos de casa e não há banhos, não há nada, não é e pronto, o que fazem é a troca de ténis, não é, que eles, se estiverem, em princípio as aulas de 50 minutos são sempre no turno em que eles estão a ter aulas e aí a sala deles funciona como sendo o balneário, deixam lá as coisas todas, trocam os ténis e veem para o ginásio, se forem para a rua, pronto, não trocam os ténis, vão com os ténis que têm da rua,
Case #4	Pronto, eram os únicos que iam ao balneário. Os que entravam para o ginásio, iam diretamente para o ginásio, faziam a troca logo ali na entrada, levavam as mochilas para dentro do balneário, mas já se chegou à conclusão de que o mais viável é fazer o inverso, porque quem vem para a rua vem de propósito, nós temos espaço, temos lá um banquinho, eles entram direta, nem sequer entram no edifico, não há necessidade, chegamos à conclusão que dessa forma será melhor e os do ginásio então utilizarão os balneários.
Case #5	aliás, também os hábitos de higiene foram muito prejudicados a nível do banho, também, já não há banho, não sei se sabes, eles tiraram o banho,
Case #5	ão, aquilo ali, aquilo, nós nos balneários há uma norma que, sabes que é um pavilhão municipal que só podem estar 4 meninos lá dentro, alguns vestem-se no , aqui a nossa questão também é, essa questão é boa, porque nós temos a sorte, nós, de termos o pavilhão só para nós, mas acredito que a nível nacional, mais de 90% das escolas, ou mais de 95 não têm essas facilidade, a gente, e o que te estava a dizer, mas muitos, as turmas são pequenas, também, são turmas de 10, entre 10 a 15 alunos, alguns têm, vão para as bancadas e trocam só as sapatilhas e já veem preparados de casa
Case #6	devido à situação nos balneários, também FALHA DE REDE tenho-me apercebido é mais ou menos um regime quase de exceção, o que tenho feito é nas outras aulas de 90 que nós não temos o pavilhão, tenho tentado ou eles veem com equipamento de casa,
Case #6	prontos, eles têm colaborado, ou seja, as raparigas às vezes não querem vir de fato de treino de casa, mas já chegámos a um acordo, trazem fato de treino da mochila e trocam-se na casa de banho da escola e temos feito assim, para já tem corrido bem com todas as turmas, não tenho tido problemas nem de equipamento nem nada

Entidades	
Case #2	A questão dos banhos, que os colegas também colocaram, é uma questão que nós, numa fase inicial propusemos e por isso a importância que foi há pouco colocada sobre o facto desta divulgação, deste processo deveria ter sido feita anteriormente, porque assim poder-se-iam os os os horários terem sido adaptados a isso, nós trabalharmos em contraciclo, ou seja, os alunos poderem ter aulas de manhã e terem aulas de EF à tarde, ou ter aulas terminais, ou até poder no final da aula ir diretamente para casa, ou poder realmente fazer outro tipo de situação que não lhe permite a ele, a ele, a ele tomar banho ou tomar banho mais tarde, isto é uma prática, que poderá acontecer nesta fase da pandemia de forma excecional, isto porque nós defendemos sempre e deveremos continuar a defender que o banho faz parte da aula de EF e portanto ele deve acontecer, por uma questão de segurança poderá acontecer um pouco mais tarde, ou, então, a acontecer na própria escola, sendo menor, indo alguns alunos para casa e outros não tendo essa possibilidade, o facto de da da do banho poder ser tomado também de forma, de forma faseada e com entradas separadas, aliás, as escolas preveem mesmo para as disciplinas do âmbito teórico preveem entradas faseadas das turmas nas salas de aulas, em função do nível de ensino, portanto, isto não será nenhuma novidade.
Case #4	Também não vai acontecer que as aulas os miúdos vão estar os alunos vão estar a fazer carga num local, calistenia, cross fit ou o que for, nem vai vens próximos uns dos outros, isso também não vai acontecer, porque os alunos nem vão tomar
Case #4	quer dizer, estou a perceber, aí é para treino analítico, e aí usamos formas de percurso, de treino em percurso, de treino em vagos, que permita fazer multisaltos, sprints, etecetera, com um problema, não se esqueçam, os alunos de mais de 13, 14 anos, rapazes e raparigas, os rapazes com a testosterona saem pingados de suor da aula e vão enfiar-se numa aula de matemática, em muitas escolas sem qualquer condição de fazer higiene individual.

3.7. Resultados da aprendizagem no confinamento

Resultado
A perceção dos professores é no sentido de que as aprendizagens não alcançaram o potencial previsto. Na área dos conhecimentos, os docentes encontrar os mesmos problemas revelados por outros estudos, como a desmotivação ou desinteresse dos alunos e a dificuldade em intervir à distância. Na aptidão física, a instrução também parece não ter levado a desenvolvimentos significativos ao potencial de aprendizagem do confinamento parece ser sensível a elementos contextuais e, por isso, heterogéneo.

Professores	
Case #1	Eu tenho uma ideia negativa, tenho uma ideia negativa porque eu depois, nós, nós na parte das atividades físicas e porque tínhamos o tempo limitado, nós optámos por desenvolver duas modalidades, portanto, nós trabalhamos aspetos técnico-táticos do andebol e do badminton e aspetos regulamentares dessas duas modalidades também e eu já tive aulas de andebol e de badminton e não gostei nada do que vi, especialmente em termo de , por exemplo, no badminton, eu dei uma aula em que íamos trabalhar o clear e o lob, esses dois batimentos, que são essenciais, não é, e quando comecei a falar do lob, parecia que nunca tinha falado
Case #1	Quando nós, na parte, no confinamento, o que falámos foi nos batimentos do badminton, falamos no clear, quais eram, como é que eram não só as componentes críticas, mas quais eram as situação em que deviam ser utilizados, devia ser utilizado no jogo, o lob a mesma coisa, que batimento é que é, o que é o lob, porque é que é utilizado, para que é que é utilizado e, depois, na aula, parecia que nunca

	tínhamos falado naquilo, já para não falar nos aspetos das regras, não é, depois pus a jogar um contra um e dois contra dois e tínhamos falado das regras e eles fizeram um teste de avaliação, com regras e com parte técnica e depois tive que estar a explicar tudo outra vez, quando é que serviam do lado direito ou do lado esquerdo, quando é que rodava o serviço, foi, portanto, eu fiquei com a sensação que foram dois meses mais ou menos perdidos, aquilo entra por um lado e saiu pelo outro.
Case #2	O que eu sinto é que aí houve muita heterogeneidade, temos alunos que de facto cumpriram e que evoluíram e que, por exemplo, dou-te o caso da dança, eu estabeleci uma coreografia e não a quis avaliar à distância, por causa dos problemas da câmara e do posicionamento, depois não têm espaço e isto e aquilo, então ia ensinando os passos e ia ensinando, também com jogos de expressão corporal, quando voltamos para a escola tinha alunos que sabiam as coreografias e outros que não sabiam, que estavam completamente perdidos, ou seja, isso também é a dificuldade nossa enquanto docentes de acompanhar o trabalho, que numa aula rapidamente vejo que el está afazer um erro e vou lá e corrijo e ajudo, à distância é muito complicado,
Case #2	de lá sequer a saber sequer se estavam a mexer-se ou não, mas senti que houve muita heterogeneidade na parte dos conhecimentos teóricos e ainda esta semana, me ri, entre aspas, porque não tem piada nenhuma, porque um dos trabalhos foi sobre jogos olímpicos e eu resolvi revisitar um bocadinho a matéria e fazer-lhes umas perguntas e havia 3 ou 4 que sabiam, ou seja, os outros eram para enrolar e está feito, nunca mais penso nisto, 2 ou 4 sabiam efetivamente, lembravam-se dos conteúdos e mesmo coisas teóricas, por exemplo, sobre salto em altura eu pedi um esquemas de fasquias, poste, colchão de quedas, coisas desse tipo e este ano estava, e agora estava a dar, estou a dar atletismo, salto em altura, pronto, prático, não é, então como é que se chamam este objeto e eles só 3 ou 4 é que se lembravam que era fasquia, e tudo isso não sinto tenha, pronto, fizeram para a tarefa e não e não sinto quer tenha havido grandes aprendizagens, foi cumprir uma tarefa assíncrona, sabemos lá se foram eles que as realizaram ou não realizaram, pronto isso, da minha parte acho que não resultou muito bem, o resto foi muito heterogéneo, tem muito a ver com os pais, com os alunos naturalmente, mas tem muito a ver com o apoio dos pais, há alunos que praticamente estão sozinhos o dia todo com os pais a trabalhar, porque muitos setores não pararam e houve muitos que foram acompanhados e que resultou, dou-te o caso, falei-te da dança e isso notei perfeitamente, houve alunos que se esforçaram, que trabalharam em casa e viu-se que trabalharam e chegaram e houve evolução, senti isso.
Case #3	Nos conhecimentos o que nós fizemos foi aproveitar o período de confinamento para desenvolver os conhecimentos, na realidade isso permitiu que conhecimentos de anos anteriores fossem consolidados, a minha turma do 11º, por exemplo, eles disseram-me, pelo menos, não tinha desenvolvido conhecimentos sobre a prestação de socorro a vítimas de paragem cardiorrespiratória, e foi possível, eu vou dizer, relembrar esses conhecimentos, mas não pudemos experimentá-los, por exemplo, ah e houve mais tempo de fato para nós aprofundarmos os conhecimentos típicos do 11º, 12º ano ou do 9º ano, ah e isso acabou por ser positivo, mas numa área que é relativamente reduzida, tem uma importância relativamente reduzida na EF, portanto, não é por esta questão dos conhecimentos que os alunos vão ser melhores alunos a EF, ou muito melhores alunos.
Case #3	Ah, se estávamos à espera que os alunos aprendessem EF, estamos errados. Isso não quer dizer que os alunos não se esforçaram ou não levaram a sério as aulas, mas a EF decorre num pavilhão, perante materiais e condições de segurança, com um professor em comunicação direta, com visualização, movimento, contacto físico
Case #3	Acho até que foi perigoso dar a entender que os alunos podem, sistematicamente, aprender EF em casa, num quarto. Nós não sabemos quais são as condições de segurança, nem se os alunos fizeram o aquecimento, ou se estão a realizar os exercícios corretamente, enfim, não basta ver um vídeo no Youtube.
Case #3	De certeza que podem ter desenvolvido conhecimentos, mas é errado pesar-se que puderam realizar testes de aptidão física, eu assisti a colegas a pedirem para os alunos gravarem os testes, mas os alunos podem não ter tido condições para trabalhar a aptidão física e isso faz com que, ah, com que

	não seja igual, não haja equidade, entre um aluno, aqui na escola é vulgar, que viva no campo e tenha espaço para corre em segurança ou tenha um quintal e outro que não tenha condições.
Case #3	Quando chegaram, os testes que fizemos foram claros e os alunos não melhoraram a aptidão física e também não mantiveram. Houve condições muito diferentes e eu sei que uns até tentaram, mas outros não podiam, tenho alunas que andaram a cavalo e outros apenas caminharam e pensavam que caminhar seria suficiente
Case #4	Eu tinha material palpável para poder avaliar. A desvantagem foi que nem todos, nem todos enviaram, ou aliás, foram mais os que não enviaram do que aqueles que enviaram e aqueles que enviaram tiveram a avaliação dessa forma, os que não enviavam e tinham justificação, ou porque os pais não deixavam, então nós poderemos dar outra tarefa, eu não tive nenhum desses caso, não realizaram porque não quiseram, não lhes apeteceu, então foi contabilizado como um trabalho que não foi realizado e então, tudo aquilo que tivéssemos evidências que tivéssemos, poderíamos incluir na, na, na nossa grelha, não é, par
Case #5	Em casa o primeiro confinamento acho que foi bastante, as aulas foram pouco motivantes, no primeiro confinamento, foi muito teórica, mas também não tinha grandes soluções, porque podias dizer para correr e eles até diziam para correr, mas não corriam nada, não é [risos], porias dizer para fazerem mil e uma coisas, mas só o facto de eles não terem que ligar a câmara no primeiro confinamento, por várias razões, não é, os professores estiveram bastante condicionados e como nós tínhamos que ter dados de avaliação, eles, tivemos que trabalhar mais a parte dos conhecimentos, que eles depois faziam trabalhos sobre o que nós estávamos a lecionar, nesse caso foi um trabalho sobre a modalidade e foi também ele quize, fiz também quize
Case #5	já no segundo confinamento as coisas correram melhor, como já te tinha dito, mas nesta parte da visão das aprendizagens, no ensino em casa foi mais sobre a, no segundo confinamento, foi mais sobre o conhecimento da aptidão motora, trabalhei nesses anos sobre o conhecimento das capacidades motoras, tentei criar desafios, competições para haver maior foco também de dizer o que é que…
Case #5	Não, acho, acho, a nível de, as regras, por exemplo, a pontuação do ténis eles já percebem, não é fácil, eles já dominam, como é que se ganha o jogo, quem serve, a pontuação, 15. 30, 40, claro que há miúdos, mas basta que 3 ou 4 dominarem e já ajudam os outros, quando jogarem com os outros, não é fácil, eles a nível de conhecimentos eles aprenderam, porquê? Porque eles tiveram que aprender, obrigatoriamente, porque eles tinham um trabalho para fazer, tinham os quizes e obrigatoriamente eles tinham que estudar um bocadinho, claro que era muito mais, não é tão motivante, mas, nesse aspeto, a nível de conhecimentos, a nível de regras, da história das modalidades, também a nível da alimentação, que nós também falamos muito sobre a alimentação, acho que eles evoluíram.